



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.pgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



A AQUISIÇÃO DE DITONGOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

por

ANDRÉA SENA DOS SANTOS

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Elizabeth Reis Teixeira

SALVADOR
2006



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.pgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



A AQUISIÇÃO DE DITONGOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

por

ANDRÉA SENA DOS SANTOS

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Elizabeth Reis Teixeira

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Letras.

SALVADOR
2006

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

S237 Santos, Andréa Sena dos.
A aquisição de ditongos no português brasileiro / por Andréa Sena dos Santos. - 2006.
152 f. : il.

Inclui apêndices e anexos.

Orientadora : Profª. Drª. Elizabeth Reis Teixeira.
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2005.

1, Língua portuguesa - Fonologia. 2. Aquisição de linguagem. 3. Análise prosódica (Linguística). I. Teixeira, Elizabeth Reis. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras III Título.

CDU - 811.134.3'344
CDD - 469.15

“Obstáculos são aquelas imagens assustadoras
que vemos quando desviamos os olhos
de nossos objetivos.”

Hannah More

DEDICATÓRIA

A meus pais, irmãos e sobrinhos.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dr^a. Elizabeth Reis Teixeira, que, além de orientadora desta Tese, também sempre foi uma grande amiga;

A Peu, Ana, Sandro, Maura, Jú, Bru, Moniquinha, Inho, Mandita, Juliana, Tânia, Bia, Reinofy, Bela, Jôse, Marcos, Kátia, Breninho, Isaura, Maria, Meire, Seu Romário e, especialmente, à Dona Valdinha;

A todas as pessoas que integram o PROAEP: Karin e Claudinha, amigas e “companheiras de copo e de cruz”; Renata, por todo o apoio nos estudos e no trabalho; Wilson, que estando tão longe sempre esteve perto; Carla, Mônica, Lucitânia, Rosana, Ymna, Cláudia;

À Cris, Augusta e Laiz, do PPGLL;

A André Gustavo, o “pai de meu filho cibernético”, por todo o seu suporte técnico e a sua companheira Andréia Kátia, por sua compreensão;

A todos os meus amigos que, direta ou indiretamente, contribuíram para o bom andamento desta pesquisa;

RESUMO

Baseada na Teoria da Fonologia Natural (STAMPE, 1973) e nas propostas de Ingram (1976), Grunwell (1981/1982) e Teixeira (1985/1988b), este estudo tem como objetivo mapear o processo de Simplificação de Ditongos na aquisição do Português Brasileiro, traçando, assim, o seu percurso maturacional. Para isto, observou-se, durante 02 anos, a fala de 02 crianças soteropolitanas, pertencentes à classe sócio-escolar A que é formada por crianças cujos pais possuem (ou pelo menos um deles) o terceiro grau. Essas crianças tinham completado 01 ano de idade na época do início da coleta de dados que foi longitudinal. Após a coleta, os dados foram tratados, tabulados e analisados, obtendo-se como resultados: 1) a elisão parcial foi a estratégia mais recorrente; 2) a idade maturacional das crianças em relação aos ditongos varia de acordo com o tipo de ditongo; 3) os ditongos decrescentes são adquiridos mais cedo que os ditongos crescentes; 4) não há diferença aquisicional entre ditongos orais e nasais. Esses resultados corroboram os achados de Teixeira (1988b/1991), Lamprecht (1990) e Santos (2001) e contribuem para o avanço do Perfil do Desenvolvimento Fonológico em Português (PDFP).

Palavras-Chave: Aquisição da fonologia. Ditongos. Português brasileiro.

ABSTRACT

Based on Natural Phonology Theory (STAMPE, 1973) and on proposals by Ingram (1976), Grunwell (1981/1982) and Teixeira (1985/1988), this study aims at describing the process of Glide Reduction in normal phonological acquisition in Brazilian Portuguese, tracing the maturational course of this process. The speech of two children 01 year old from Salvador – Bahia, belonging to one social variety of Brazilian Portuguese, was longitudinally observed for a two year period, the children's parents (or, at least one of them) had complete university education. After data collection and analysis, the following results were obtained: 1) the most used strategy was parcial syllabe elision; 2) child maturity is variable according to the kind of diphthong; 3) falling diphthongs are acquired earlier than rising diphthongs; 4) there wasn't acquisitional difference between oral and nasal diphthongs. These results were compared to the findings of Teixeira (1988b/1991), Lamprecht (1990) and Santos (2001) and contribute to the establishment of the Developmental Phonological Profile in Portuguese (PDFP).

Keywords: Phonological acquisition. Diphthongs. Brazilian Portuguese.

LISTA DE QUADROS

CAPÍTULO II

Quadro 1: Estrutura Silábica do Português, segundo a visão de Head (1964)	29
Quadro 2: Estrutura Silábica para o Português, segundo Teixeira (2005).	30

CAPÍTULO IV

Quadro 3: Identificação dos sujeitos que participaram da coleta de dados	58
Quadro 4: Identificação dos sujeitos da pesquisa	59

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO V

Tabela 1: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 01 – primeiro trimestre	72
Tabela 2: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 – primeiro trimestre	73
Tabela 3: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 01 – segundo trimestre	74
Tabela 4: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 – segundo trimestre	74
Tabela 5: Número de alvos com ditongos decrescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 01 – semestre 01	76
Tabela 6: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 01 – terceiro trimestre	77
Tabela 7: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 – terceiro trimestre	78
Tabela 8: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 01 – quarto trimestre	79
Tabela 9: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 – quarto trimestre	80

Tabela 10: Número de alvos com ditongos decrescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 01 – semestre 02	82
Tabela 11: Número de alvos com ditongos crescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 01 – semestre 02	83
Tabela 12: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 01 – quinto trimestre	83
Tabela 13: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 – quinto trimestre	84
Tabela 14: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 01 – sexto trimestre	86
Tabela 15: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 – sexto trimestre	87
Tabela 16: Número de alvos com ditongos decrescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 01 – semestre 03	88
Tabela 17: Número de alvos com ditongos crescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 01 – semestre 03	89
Tabela 18: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 01 – sétimo trimestre	89
Tabela 19: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 – sétimo trimestre	90
Tabela 20: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 01 – oitavo trimestre	91
Tabela 21: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 – oitavo trimestre	92
Tabela 22: Número de alvos com ditongos crescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 01 – semestre 04	94
Tabela 23: Número de alvos com ditongos decrescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 01 – semestre 04	95
Tabela 24: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 01 durante o primeiro ano de coleta.	96
Tabela 25: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 01 durante o segundo ano de coleta.	97

Tabela 26: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 durante o primeiro ano de coleta.	99
Tabela 27: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 durante o segundo ano de coleta.	100
Tabela 28: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 – primeiro trimestre	102
Tabela 29: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 – primeiro trimestre	102
Tabela 30: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 – segundo trimestre	103
Tabela 31: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 – segundo trimestre	104
Tabela 32: Número de alvos com ditongos decrescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 02 – semestre 01	105
Tabela 33: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 – terceiro trimestre	106
Tabela 34: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 – terceiro trimestre	107
Tabela 35: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 – quarto trimestre	108
Tabela 36: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 – quarto trimestre	109
Tabela 37: Número de alvos com ditongos decrescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 02 – semestre 02	110
Tabela 38: Número de alvos com ditongos crescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 02 – semestre 02	111
Tabela 39: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 – quinto trimestre	112
Tabela 40: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 – quinto trimestre	113
Tabela 41: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 – sexto trimestre	114
Tabela 42: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 – sexto trimestre	115
Tabela 43: Número de alvos com ditongos crescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 02 – semestre 03	116

Tabela 44: Número de alvos com ditongos decrescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 02 – semestre 03	117
Tabela 45: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 – sétimo trimestre	118
Tabela 46: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 – sétimo trimestre	119
Tabela 47: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 – oitavo trimestre	120
Tabela 48: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 – oitavo trimestre	121
Tabela 49: Número de alvos com ditongos crescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 02 – semestre 04	122
Tabela 50: Número de alvos com ditongos decrescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 02 – semestre 04	123
Tabela 51: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 durante o primeiro ano de coleta	124
Tabela 52: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 durante o segundo ano de coleta	125
Tabela 53: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 durante o primeiro ano de coleta	127
Tabela 54: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 durante o segundo ano de coleta	128
CAPÍTULO VI	
Tabela 55: adaptação de Silveira (2003): dados sobre a ocorrência de ditongos na fala adulta.	131

LISTA DE GRÁFICOS

CAPÍTULO V

Gráfico 1: produções do Sujeito 01 durante o primeiro trimestre	73
Gráfico 2: produções do Sujeito 01 durante o segundo trimestre.	75
Gráfico 3: produções de Ditongos Crescentes do Sujeito 01 durante o terceiro trimestre	78
Gráfico 4: Ditongos Decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 durante o terceiro trimestre	79
Gráfico 5: Produções de Ditongos Crescentes: Sujeito 01: quarto trimestre	80
Gráfico 6: Produção de Ditongos Decrescentes: Sujeito 01: quarto trimestre	81
Gráfico 7: Sujeito 01, ditongos crescentes, quinto trimestre	84
Gráfico 8: Sujeito 01, ditongos decrescentes, quinto trimestre	85
Gráfico 9: Ditongos crescentes, sexto trimestre, Sujeito 01	86
Gráfico 10: ditongos decrescentes, sexto trimestre, Sujeito 01	87
Gráfico 11: Sujeito 01, sétimo trimestre, ditongos crescentes	90
Gráfico 12: Sujeito 01, sétimo trimestre, ditongos decrescentes	91
Gráfico 13: Sujeito 01, ditongos crescentes, oitavo trimestre	92
Gráfico 14: Sujeito 01, ditongos decrescentes,oitavo trimestre	93
Gráfico 15: Sujeito 01, Ditongos Crescentes, primeiro ano	98
Gráfico 16: Sujeito 01, Ditongos Crescentes, segundo ano	98
Gráfico 17: Sujeito 01, Ditongos Decrescentes, primeiro ano	101
Gráfico 18: Sujeito 01, Ditongos Decrescentes, segundo ano	101
Gráfico 19: Sujeito 02, Ditongos decrescentes, primeiro trimestre	103

Gráfico 20: Ditongos decrescentes, Sujeito 02, segundo trimestre	104
Gráfico 21: Ditongos Crescentes, Sujeito 02, terceiro trimestre	106
Gráfico 22: Ditongos decrescentes, Sujeito 02, terceiro trimestre	107
Gráfico 23: Ditongos Crescentes, Sujeito 02, quarto trimestre	108
Gráfico 24: Ditongos Decrescentes, Sujeito 02, quarto trimestre	109
Gráfico 25: Sujeito 02, Ditongos crescentes, quinto trimestre	112
Gráfico 26: Sujeito 02, Ditongos decrescentes, quinto trimestre	113
Gráfico 27: Ditongos Crescentes, Sujeito 02, sexto trimestre	114
Gráfico 28: Ditongos Decrescentes, Sujeito 02, sexto trimestre	115
Gráfico 29: Ditongos Crescentes, Sujeito 02, sétimo trimestre	118
Gráfico 30: Ditongos Decrescentes, Sujeito 02, sétimo trimestre	119
Gráfico 31: Ditongos crescentes, Sujeito 02, oitavo trimestre	120
Gráfico 32: Ditongos Decrescentes, Sujeito 02, oitavo trimestre	121
Gráfico 33: Produção do primeiro ano, ditongos crescentes, Sujeito 02	126
Gráfico 34: Produção do segundo ano, ditongos crescentes, Sujeito 02	126
Gráfico 35: Produção do primeiro ano, ditongos decrescentes, Sujeito 02	129
Gráfico 36: Produção do segundo ano, ditongos decrescentes, Sujeito 02	129

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	15
2 – O PROBLEMA	21
3 – REVISÃO DE LITERATURA	32
3.1 TEORIAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO FONOLÓGICO	32
3.1.1 Teoria Estruturalista	33
3.1.2 Teoria Comportamentalista	34
3.1.3 Teoria Prosódica	35
3.1.4 Teoria da Fonologia Natural	36
3.1.5 Teoria Cognitiva	37
3.1.6 Teoria Biológica	38
3.1.7 Teoria dos Moldes/Conteúdo	39
3.2 PROCESSOS FONOLÓGICOS	41
3.2.1 Processos de Substituição	44
3.2.2 Processos de Assimilação	46
3.2.3 Processos que afetam a Estrutura Silábica	49
3.3 MONOTONGAÇÃO	53
3.4 METODOLOGIAS DE COLETA DE DADOS	54
4 – METODOLOGIA	57
4.1. METODOLOGIA EXPERIMENTAL	57
4.1.1 Constituição do Corpus	57
4.1.2 Procedimentos de Eliciação	60
<i>4.1.2.1 Anamnese</i>	61

<i>4.1.2.2 Inventário MacArthur de Desenvolvimento Comunicativo:Protocolo</i>	
<i>Palavras e Gestos</i>	62
<i>4.1.2.3 Exame Fonético-Fonológico: Ditongos</i>	62
<i>4.1.2.3.1 Folha de Respostas</i>	62
<i>4.1.2.3.2 Fichário Evocativo</i>	63
<i>4.1.2.4 Livros, Brinquedos e Jogos Educativos</i>	64
4.1.3 A Coleta de Dados	65
4.1.4 Perfil dos Sujeitos	66
<i>4.1.4.1 AN, Sujeito 01: 1 (um) ano de idade</i>	66
<i>4.1.4.2 BV, Sujeito 02: 1 (um) ano de idade</i>	67
4.2 METODOLOGIA ANALÍTICA	68
5 – APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS	71
5.1 SUJEITO 01	72
5.2 SUJEITO 02	101
6 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	130
6.1 O QUE EMERGE PRIMEIRO: DITONGO CRESCENTE OU DITONGO DECRESCENTE?	130
6.2 O QUE EMERGE PRIMEIRO: O DITONGO ORAL OU O DITONGO NASAL?	131
6.3 QUAL A ESTRATÉGIA IMPLEMENTACIONAL DA SIMPLIFICAÇÃO DE DITONGOS É MAIS RECORRENTE?	131
6.4 O QUE EMERGE PRIMEIRO: A SEMIVOGAL PALATAL OU A SEMIVOGAL VELAR?	132
6.5 ESTRUTURA SILÁBICO-LEXICAL	132

6.6 OS DITONGOS DECRESCENTES APENAS FONÉTICOS	133
6.7 DITONGOS AMBISSILÁBICOS	133
6.8 DITONGOS EM CONTEXTO DE MONOTONGAÇÃO	134
6.9 O EXAME FONÉTICO-FONOLÓGICO: DITONGOS	134
7 – CONCLUSÃO	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	137
APÊNDICE 01 – Carta de Apresentação aos Pais	146
APÊNDICE 02 – Anamnese	147
APÊNDICE 03 – Folha de respostas	148
ANEXO 01 – Inventário MacArthur de Desenvolvimento Comunicativo:	
Protocolo Palavras e Gestos	151
ANEXO 02 – Estímulo Visual	152

1 – INTRODUÇÃO

Os ditongos e as semivogais da língua portuguesa são, até hoje, fonte de discussão entre os estudiosos, e a aquisição de ditongos no português como língua materna é, ainda, um campo pouco explorado, o que dificulta o mapeamento de sua aquisição em relação ao sistema fonológico do português (vide, no capítulo 2 deste trabalho, uma discussão mais detalhada sobre os ditongos).

Segundo Santos (2001), que analisa estes segmentos utilizando a metodologia transversal, com crianças a partir de 2;1 anos¹, os ditongos crescentes se estabilizam entre os 3;7 e 4;0 anos de idade na classe sócio-escolar A (aquelas cujos pais, ou pelo menos um deles, possui o 3º grau completo) e entre os 4;7 e 5;0 anos, na classe sócio-escolar C A (aquelas cujos pais possuem, no máximo, o 1º grau completo), enquanto os ditongos decrescentes são estabilizados por volta dos 2;0 anos para as duas classes sócio-escolares analisadas, não sendo possível determinar, devido a limitações do tipo de metodologia aplicada, alguns aspectos maturacionais, como, por exemplo, qual o primeiro ditongo a ser adquirido pelas crianças, ou se existe uma seqüência de uso de estratégias na implementação do processo de Simplificação de Ditongos.

¹ O número antes do ponto-e-vírgula indica a idade em anos e o número após o ponto-e-vírgula indica a idade em meses.

Pretende-se, com esta pesquisa, investigar, de modo longitudinal, o processo de Simplificação de Ditongos durante a aquisição fonológica do português. Este processo define-se como aquele no qual o encontro vocálico em uma única sílaba deixa de existir devido a estratégias (ou padrões) implementacionais utilizadas pelas crianças, como a Elisão (ou queda) da semivogal, a Migração, que é a permuta da semivogal para outra sílaba, a Silabificação (i.e., a separação dos elementos do ditongo em sílabas diferentes), entre outras.

As semivogais sempre foram um tema muito controverso e pouco explorado. Espera-se, através deste trabalho, poder se determinar a seqüência aquisicional dos ditongos no Português Brasileiro, bem como as estratégias que influenciam no processo de Simplificação de Ditongos, além de estabelecer regras maturacionais que possam servir de parâmetro para futuros trabalhos relacionados ao tema estudado. Assim sendo, os objetivos desta pesquisa resumem-se na verificação do(s) ditongo(s) que emerge(m) primeiro na aquisição do português; na verificação da idade na qual se estabiliza(m) o(s) primeiro(s) ditongo(s); na verificação sobre quais estratégias ocorrem no processo de Simplificação de Ditongos e se existe uma seqüência de uso na implementação deste processo; na verificação sobre em qual posição da estrutura silábico-lexical os ditongos são mais recorrentes na faixa etária estudada; e na contribuição para o estabelecimento de padrões maturacionais em relação à aquisição do sistema de sons no Português.

As hipóteses levantadas nesta pesquisa, de acordo com as tendências já observadas na literatura, são as de que os ditongos decrescentes emergem antes que os ditongos crescentes; não há diferença aquisicional entre ditongos orais e nasais; a estratégia implementacional de simplificação de ditongos mais recorrente é a elisão parcial; e a semivogal palatal emerge antes da semivogal velar.

Este estudo, como pode ser verificado no capítulo 3 desta tese, terá como base teórica a noção de Processos Fonológicos, inicialmente desenvolvida por Stampe (1973) com a Teoria da Fonologia Natural, e, posteriormente, revisada e aprimorada por Ingram (1976/1989), Grunwell (1982/1987) e Teixeira (1985/1988b). Também se trabalhará com a Teoria Moldes/Conteúdo de Macneilage e Davis (2000).

Segundo a teoria de Stampe (1973), processos fonológicos são operações mentais que eliminam ou substituem um termo de difícil articulação, sendo eles inatos e universais. Por esta teoria, as crianças, que são elementos passivos, aprendem a suprimir ou restringir os processos inatos que não ocorrem na língua adulta de seu ambiente, sendo as representações fonológicas infantis, de maneira subjacente, uma representação igual à forma adulta, convicção de difícil comprovação, pois isto só seria possível se o sistema perceptivo da criança estivesse completamente desenvolvido desde o início de sua fala significativa.

Esta teoria, apesar de suas limitações, oferece a vantagem de mostrar, claramente, a relação existente entre as formas adultas e as formas da criança, descrevendo, de forma sistemática e dinâmica, os processos que afetam a produção infantil.

Ingram (1976) descreve os processos como operações que atuam nas habilidades perceptuais, na organização fonológica e na produção fonética da criança. Para ele, a criança exerce um papel fundamental no seu desenvolvimento fonológico, não sendo o ser passivo da Teoria da Fonologia Natural clássica. Ele divide os processos fonológicos em:

- **Processos de Substituição**, que resultam na substituição de um segmento por outro sem haver, no entanto, a interferência de sons vizinhos;
- **Processos de Assimilação**, no qual um som se torna semelhante a (ou é influenciado por) um outro som da palavra; e

- **Processos que afetam a Estrutura Silábica**, que são relacionados com a tendência da criança em simplificar a estrutura silábica em direção ao padrão silábico básico CV.

Grunwell (1982), depois de analisar o desenvolvimento fonológico em inglês, divide os processos fonológicos em dois grupos: **Processos de Simplificações Estruturais**, que são aqueles que simplificam a estrutura de sílabas e palavras, e **Processos de Simplificações Sistêmicas**, que são aqueles que atuam na dimensão dos contrastes de sons, embora ainda admita a possibilidade da interação destes dois tipos.

Essa teoria foi aplicada à aquisição do português brasileiro por Teixeira (1985/1988b), que, mais tarde, dando continuidade aos estudos, foi aprofundando e aprimorando a pesquisa em relação ao uso dos processos fonológicos pelas crianças. Inicialmente, Teixeira (1985/1988b), classifica os processos em:

- **Processos Iniciais**, que duram até, aproximadamente, os dois anos e seis meses de idade;
- **Processos Mediais**, que duram, aproximadamente, até os três anos de idade; e
- **Processos Terminais**, que duram até os quatro ou cinco anos de idade.

Em um segundo momento, após nova análise sobre a aquisição do sistema fonológico do português brasileiro, Teixeira (1993) divide os processos em:

- **Processos Sintagmáticos**, ou aqueles em que ocorre alteração nas estruturas silábica, lexical ou prosódica;
- **Processos Paradigmáticos**, nos quais ocorre a substituição de traços; e
- **Processos Paradigmáticos/Sintagmáticos**, em que ocorre a substituição de traços ou segmentos causada pela pressão do contexto adjacente.

Recentemente, como resultado de seus estudos constantes, Teixeira (2005) classifica os processo em:

- **Processos de Substituição** de traços de segmentos;

- **Processos Modificadores Estruturais**, nos quais se alteram a estrutura prosódico-silábico-lexical de palavras; e
- **Processos Sensíveis ao Contexto**, causados por influência de contexto fonológico próximo do segmento.

A metodologia desta pesquisa, detalhada no capítulo 4, mostrará a constituição do corpus formado pelos dados de 02 sujeitos, de ambos os sexos, que nasceram e moram na cidade de Salvador, e que, no início da coleta, tinham completado 01 (um) ano de idade. Dessa maneira foi coberta uma faixa etária que vai de 01 ano a 03 anos, de forma longitudinal.

Foi feita uma carta de apresentação aos pais, na qual foram explicados os objetivos da pesquisa, sendo feita a solicitação da autorização dos mesmos para a realização de acompanhamento lingüístico com seus filhos.

Os sujeitos foram escolhidos com base em critérios definidos e controlados, como por exemplo:

- grau de escolaridade dos pais, sendo que cada criança deve pertencer à classe sócio-escolar A, i.e., crianças cujos pais possuem o 3º grau completo;
- desenvolvimento psico-motor adequado à faixa etária a qual pertence a criança, dados que foram fornecidos pelos pais e comprovados por declaração do pediatra da criança;
- monitoramento da qualidade de interação lingüística;
- disponibilidade da criança para ser acompanhada durante o período de 02 anos.

Foram empregadas a coleta controlada e a coleta não controlada para a eliciação da fala espontânea produzida em situações recreativas, sendo que esta última, por um lado, apresenta a vantagem de possibilitar a eliciação de diversas formas contendo o mesmo som e permitindo maior visibilidade do processo aquisicional, mas apresentando a desvantagem de não oferecer uma coletânea equilibrada de todos os sons da língua nas distintas posições em que ocorrem nas

estruturas da sílaba e da palavra. A coleta de dados controlada apresenta vantagem de oferecer um elenco equilibrado de dados dos sons da língua, mas o contato com o sujeito é restrito, não sendo criada a oportunidade para produções inéditas pelas crianças.

As crianças foram observadas durante $\frac{1}{2}$ (meia) hora em intervalos semanais, a fim de que se pudesse coletar uma amostra significativa. Todas as sessões foram gravadas e os dados coletados foram, posteriormente, transcritos foneticamente.

O capítulo 5 deste trabalho trata da apresentação dos dados dos dois sujeitos, sendo exibidos tabelas e gráficos que ilustram a quantidade de dados e sendo fornecidos, sempre que possível, dados, interessantes e que não sejam repetitivos, produzidos pelos sujeitos.

O capítulo 6 mostra a discussão dos achados, comparando-os aos resultados de outros estudos realizados sobre o assunto.

O capítulo 7 apresenta as conclusões desta pesquisa, através da retomada e análise de seus objetivos e hipóteses.

A escolha deste tema foi motivada por:

- Não existir, até o momento, um estudo sistemático e longitudinal, exclusivamente, sobre o processo de *Simplificação de Ditongos* no Português Brasileiro.
- Contribuir para a corroboração dos resultados apresentados no Perfil do Desenvolvimento Fonológico em Português (PDFP), desenvolvido pelo PROAEP (Programa de Estudos sobre Aquisição e Ensino do Português como Língua Materna), no Instituto de Letras da UFBA, e ampliar o Banco de Dados sobre aquisição fonológica do Português Brasileiro constituído e armazenado no PROAEP.
- Fornecer subsídios aos profissionais ligados ao tratamento de patologias da linguagem e da fala.

2 – O PROBLEMA

Em seus breves apanhados históricos, Robins (1983, p.2) diz que “a ciência lingüística de hoje, como os outros ramos do saber e como os fatos culturais em geral, é ao mesmo tempo produto do seu passado e matriz do seu futuro”, e que os indivíduos vivem em um ambiente que é física e culturalmente determinado pelo passado, sofrendo e provocando mudanças. A história, que deve ser algo além de um registro analítico do passado, não será imparcial, pois sempre haverá uma certa subjetividade na organização e na interpretação dos fatos.

No cenário de que se tem conhecimento, a obra científica lingüística mais antiga, do século IV a.C., mas que só se tornou conhecida na Europa no século XIX, é a gramática de Pânini, escrita em sânscrito, língua sagrada da Índia. No que diz respeito à cultura ocidental, os estudos de lingüística geral surgiram no século V a.C., na Grécia Antiga. Segundo Dubois et al. (1973), desde a Antigüidade, os estudos lingüísticos se dividiam em três áreas de estudo a partir da principal preocupação da comunidade:

1. Preocupação religiosa de uma interpretação dos textos antigos, textos revelados ou depositários dos ritos (os Vedas indianos, as obras de Homero). Esse tipo de estudo evidencia a evolução da língua, dando origem aos estudos filológicos;

2. Preocupação com a “corrupção” da língua revelada a partir dos estudos sobre evolução lingüística, dando origem aos estudos puristas e aos compêndios gramaticais normativos com regras rígidas de como se deve falar e escrever corretamente (normas sociais).
3. Preocupação sobre a natureza da linguagem, como as reflexões de Platão. A linguagem é aprendida como instituição humana e por isso integra-se aos estudos filosóficos.

Se a Grécia Antiga é o berço da Lingüística Geral, ela também é, segundo Ramanzini (1990), o berço de grandes preconceitos lingüísticos que imperaram por muito tempo, como a primazia da língua escrita sobre a falada (devemos falar como está escrito), a primazia da língua literária sobre a coloquial (devemos esquecer os dialetos) e a primazia da literatura clássica sobre a literatura moderna (só os clássicos têm valor). Os gregos, além de seus trabalhos intelectuais nas áreas da lógica, ética, política, retórica e matemática, começaram o trabalho de divisão gramatical em classes de palavras e também distinguiram algumas categorias sintáticas como sujeito e predicado. Este tipo de estudo foi soberano até o século XVII (final da época Renascentista e vésperas dos tempos Modernos), quando foi escrito o trabalho que ficou conhecido como a Gramática de Port-Royal.

O século XIX teve o privilégio de ver surgir estudos em áreas da lingüística que não eram contempladas no sistema de estudo lançado pelos gregos, entre elas a lingüística histórica (tipo de estudo iniciado sem grandes repercussões por Dante, no século XIII), a fonética (que teve seus trabalhos enriquecidos a partir da descoberta e tradução da obra dos antigos hindus) e a aquisição da linguagem que, segundo Ingram (1976) surgiu em 1877 através de estudos de diário parental (mais detalhes no tópico 3.4 deste trabalho).

No cenário mundial, os estudos sobre a aquisição da linguagem tornaram-se sistemáticos nas primeiras décadas do século XX. No Brasil, os estudos sobre a aquisição da linguagem começaram a ser elaborados a partir da década de 60. Nessa época, segundo Corrêa

(1999), foram privilegiados os estudos na área do nível sintático e pouco se produziu nas áreas dos outros níveis da linguagem. Na década seguinte, os estudos sobre a aquisição da linguagem começaram a se expandir e os pesquisadores brasileiros passaram a escrever trabalhos concernentes aos outros níveis da lingüística, como a semântica, a pragmática e a fonologia.

Apesar de ser uma área recente, estudos sobre o desenvolvimento da linguagem infantil têm sido realizados por todo o país. Estes estudos, principalmente os que abordam dados fonológicos, tratam de aspectos relativos à aquisição normal, apontando, conseqüentemente, quando uma criança está tendo um processo de aquisição da linguagem sendo afetado por algum distúrbio. Esses estudos lingüísticos, como os de Yavas (1991b) e de Teixeira (1988b/1993) têm sido muito utilizados por profissionais da área clínica.

O trabalho pioneiro intitulado PDFP (Perfil do Desenvolvimento Fonológico do Português) de Teixeira (1991) traz dados relevantes sobre a aquisição da linguagem por crianças pertencentes a todas as classes sócio-escolares do português brasileiro, levando em consideração a escolaridade dos pais das crianças e, conseqüentemente, a influência da língua ambiente.

Os estudos fonológicos na área da aquisição da linguagem no Brasil abordaram, em sua grande maioria, os segmentos consonantais. Tal fato é justificado, pois as vogais são segmentos fonologicamente adquiridos muito cedo na língua (por volta do segundo aniversário, a criança falante do português já tem formado o sistema opositivo vocálico) enquanto que o sistema fonológico consonantal só é totalmente adquirido por volta dos 5;0 (cinco) anos de idade (cf. TEIXEIRA, 1991).

Santos (2001), realizou um estudo transversal sobre a aquisição normal de ditongos com crianças soteropolitanas pertencentes a duas diferentes classes sócio-escolares. Estas crianças estavam na faixa etária entre 2;1 anos (dois anos e um mês) e 7;0 anos de idade. Os achados dessa pesquisa mostram que os ditongos decrescentes são estabilizados antes de 2;1 anos

para as duas classes sócio-escolares analisadas, não sendo possível determinar, devido a limitações do tipo de metodologia aplicada, alguns aspectos maturacionais, como, por exemplo, qual o primeiro ditongo a ser adquirido pelas crianças, ou se existe uma seqüência de uso de estratégias na implementação do processo de Simplificação de Ditongos.

O presente trabalho tem como proposta a realização de um estudo longitudinal sobre a aquisição normal de ditongos no português brasileiro com crianças a partir de 1,0 ano de idade para que se possa verificar os aspectos que não puderam ser observados no trabalho anterior.

As semivogais são, até hoje, uma fonte de discussão entre vários autores que se dedicam ao estudo destes segmentos na Língua Portuguesa, havendo discordância desde a nomenclatura a ser utilizada para estes segmentos, até a sua posição na estrutura silábica, isto é, se elas são vogais, consoantes ou se formam um grupo à parte.

Para introduzir a discussão sobre estes elementos, apresentaremos o seu uso e definição a partir da visão de um reconhecido autor de uma gramática normativa da língua portuguesa e, em seguida, serão apresentadas visões de alguns linguistas brasileiros e estrangeiros que trabalham com informações fonético-fonológicas.

Bechara (2003, p. 60) afirma que vogais e consoantes só podem ser distinguidas através das condições acústicas e fisiológicas de sua produção e, dessa maneira:

- fonemas vocálicos são tons¹ (sons musicais) produzidos com a cavidade oral completamente livre para a passagem do ar;
- fonemas consonantais são ruídos (puros ou combinados)² produzidos com a obstrução total ou parcial da cavidade oral, i.e., com algum tipo de impedimento à passagem livre do ar;

¹ Acusticamente esses segmentos possuem vibrações periódicas.

² Ruídos puros são as consoantes surdas (sem vibrações regulares) e ruídos combinados são as consoantes sonoras (ruídos combinados com um tom laríngeo).

- sobre as semivogais, Bechara (2003, p. 66) afirma que estas são “as vogais *i* e *u* [...] quando assilábicas, as quais acompanham a vogal numa mesma sílaba”;
- Ditongo é o encontro, na mesma sílaba, de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa.

Bechara (2003) ainda fala que os ditongos podem ser crescentes ou decrescentes, orais ou nasais. Mateus (1990) diz que os ditongos decrescentes são considerados os verdadeiros ditongos enquanto que, nos ditongos crescentes, a natureza da semivogal depende do registro (pausado ou mais rápido) que acabará criando a possibilidade de se produzir a seqüência vocálica como um hiato.

Segundo Câmara (1969/1976), os verdadeiros ditongos da língua portuguesa são os decrescentes. Para Câmara, os ditongos crescentes variam livremente com o hiato não sendo, desse modo, segmentos estáveis em uma única sílaba, opinião corroborada por Bisol (1989), que vai um pouco além e afirma que os ditongos crescentes não existem.

Maia (1985), também respaldada em dados da anatomia e da física acústica, apresenta, em seu vocabulário crítico, os seguintes conceitos para vogal, consoante e semivogal:

- Consoantes: “SEGMENTO³ cujas qualidades auditivas se tornam mais discerníveis se produzido em conjunto com uma vogal”. (MAIA, 1985, p. 118);
- Vogais: “SEGMENTO produzido com o TRATO VOCAL desimpedido de modo que não haja ATRITO nem perdas consideráveis de energia”. (MAIA, 1985, p. 126); e
- Semivogal: “segmento de qualidade vocálica porém TRANSIENTE⁴ (como a maioria das CONSOANTES)”. (MAIA, 1985, p. 125).

³ As palavras em caixa alta estão assim grafadas em Maia (1985).

⁴ Segundo Maia (1985), transiente é um som breve que sofre mudanças rápidas no tempo. A maioria das consoantes é transiente.

Crystal (2000), em seu dicionário de termos da lingüística e da fonética, apresenta as seguintes definições para estes mesmos segmentos:

- Consoantes: ..."Foneticamente, são os sons feitos por um FECHAMENTO⁵ ou estreitamento do APARELHO FONADOR, de modo que o fluxo de ar seja completamente bloqueado ou tão limitado que se produza uma FRICÇÃO audível" (CRYSTAL, 2000, p.61);
- Vogais: "... são os sons articulados sem um FECHAMENTO completo da boca ou um grau de estreitamento que produza uma FRICÇÃO observável; o ar flui de maneira regular pelo centro da língua." (CRYSTAL, 2000, p.269);
- Semivogais: segundo Crystal, estes são segmentos consonantais que não possuem suas principais características fonéticas: a fricção ou o fechamento. Estes segmentos semivocálicos "apresentam a QUALIDADE fonética de uma vogal, ainda que, por ocorrerem nas MARGENS de uma SÍLABA, a sua DURAÇÃO seja muito menor do que a das vogais típicas." (CRYSTAL, 2000, p.234-235);

Alguns termos que são utilizados na literatura para nomear as semivogais, inclusive este próprio termo, apresentam problemas quanto ao(s) seu(s) significado(s), do ponto de vista articulatório, acústico e, até mesmo, prosódico-lexical. As opiniões são variadas e entre os termos mais difundidos estão⁶:

- **semivogal**: significa que o elemento não é pleno; ele é apenas metade de uma vogal. Pode vir antes ou após a vogal. Silveira (1986) diz que a posição destes elementos é na margem silábica (inicial ou final). Mateus (1975) diz que, segundo alguns autores, este termo é utilizado apenas para os ditongos decrescentes;

⁵ As palavras grafadas em caixa alta estavam assim registradas na obra de Crystal.

⁶ Algumas das definições a seguir apresentadas para esses segmentos foram discutidas pelo professor GERALDO CINTRA (USP), sob a forma de Comunicação Individual durante o VI Congresso Nacional de Fonética e Fonologia, realizado em novembro de 2000, na cidade de Niterói (RJ).

- **semiconsoante**: quer dizer que o elemento possui apenas metade das características de uma consoante. Esta denominação é utilizada, segundo Mateus (1975), quando estes segmentos aparecem antecedendo a vogal com a qual formam ditongos crescentes;
- **vogal átona**: significa que este segmento é mais fraco que o outro elemento do ditongo. Ainda há a possibilidade de se interpretar este termo como um segmento que não pertence à sílaba tônica, portanto esta denominação leva à ambigüidade;
- **vogal assilábica**: é a vogal que está fora do centro silábico. Também pode estar fora da própria sílaba: a ‘negação’ + *silaba*. Este último conceito contraria os conceitos anteriores, pois ele nega a existência da sílaba, portanto, se não há sílaba, também não pode haver segmento de nenhum tipo. Câmara (1976) utiliza este termo, diferenciando-o da vogal silábica e dizendo que as vogais assilábicas são variantes posicionais das vogais silábicas;
- **consoante aproximante**: significa que o segmento se assemelha às vogais por ser produzido com quase nenhuma obstrução no canal oral. Esta definição é, particularmente, de ordem fonético-articulatória;
- **glides**: são movimentos rápidos e deslizantes de língua. Segundo Lowe (1994), os *glides* são produzidos com a mesma abertura do trato oral utilizada para a produção das líquidas. Termo neutro, mas mal trabalhado, pois estes segmentos não possuem estabilidade. Esta também é uma definição fonético-articulatória.

As teorias gerativas e pós-gerativas explicam que as semivogais / w / e / j /⁷, ou *glides*, são, a partir da classificação de traços de Chomsky e Halle (1968, *apud* ISTRE, 1980), segmentos que são definidos pelos traços principais de classe como sendo [- silábico, -consonantal , + soante]. Isto quer dizer que as semivogais (ou *glides*) são segmentos que não constituem centro

⁷ Neste trabalho é adotada a simbologia / j / para representar a semivogal palatal em substituição à simbologia clássica / y /.

silábico, que não são segmentos consonantais (apesar do tratamento ser, em termos classificatórios, como o das consoantes) e são produzidos com vocalização espontânea. Mateus (1975) confirma estes dados para o português e ainda faz a diferenciação entre as semivogais utilizando o traço secundário de recuo: / w / é [+rec] e / j / é [-rec]. Apesar desta linha teórica trabalhar com regras transformacionais que dão uma explicação para a transformação de uma semivogal em vogal plena, isto não resolverá, como veremos adiante na discussão sobre Estrutura Silábica, o problema de peso causado na margem das sílabas, principalmente quando temos uma seqüência de encontro consonantal e ditongo crescente em uma mesma sílaba.

Todos esses conceitos estão ancorados em um sistema fonológico binário, i.e., a estrutura silábica é formada apenas por dois elementos (vogal e consoante), o que dá origem a uma grande dificuldade classificatória para esses segmentos. No português, os autores que trabalharam esse tema podem ser divididos em três grupos, a partir da posição em que colocam as semivogais dentro da estrutura silábica da língua.

Participam do primeiro grupo aqueles autores que classificam as semivogais como alofones (ou variantes posicionais) de / i / e / u /, sendo [j] e [w] *vogais átonas*, posição adotada por Hall (1943) e Reed e Leite (1943) em seus trabalhos pioneiros no que diz respeito aos estudos fonológicos sobre o português, ou *vogais assilábicas*, posição de Câmara (1970/1977), que é adotada por Collischonn (2001). Esta análise apresenta problema, pois, do ponto de vista fonológico, vogais são aqueles segmentos que, só e somente só eles, ocupam o centro ou núcleo silábico, centro este que só pode ser ocupado por vogais, e apenas uma para cada sílaba. Isto é, se as semivogais são vogais átonas, então elas ocupam o centro silábico, e tem-se, dessa maneira, dois segmentos no núcleo, e, se as semivogais são vogais assilábicas, elas estão, como o próprio termo diz, fora do centro da sílaba.

O segundo grupo é composto por autores que apresentam as semivogais como uma classe separada das vogais, embora vistos como segmentos de transição foneticamente vocálicos, e que se comportam, fonologicamente, como variantes de vogais que perderam sua qualidade de agir como núcleo silábico, ou seja, fonologicamente elas são agrupadas com as consoantes. Esta análise, feita por Head (1964), Pontes (1972) e Cabral (1985), entre outros, cria uma grande complexidade para a estrutura silábica do português, não resolvendo satisfatoriamente a questão sobre as semivogais, pois se as semivogais são elementos consonantais, teríamos combinações com até três consoantes no início da sílaba e duas no final, e a estrutura silábica do português brasileiro tem caminhado na direção de comportar, no máximo, duas consoantes antes da vogal e uma após esta.

Head não se preocupa com a questão das vogais, e, conseqüentemente, dos ditongos nasalizados do português. Para este grupo a estrutura silábica do português seria assim:

Cabeça/Ataque	Núcleo	Final/Coda
(C) (C)	V	(C) (C)

Quadro 1: Estrutura Silábica do Português, segundo a visão de Head (1964).

Essa “simplicidade” descrita por Head apresenta problemas quando analisamos palavras como “própria” e “criado”, pois a estrutura silábica dessas palavras seria descrita como:

PRÓPRIA [ɸpɸpɸj] CCV.CCCV (Ditongo)

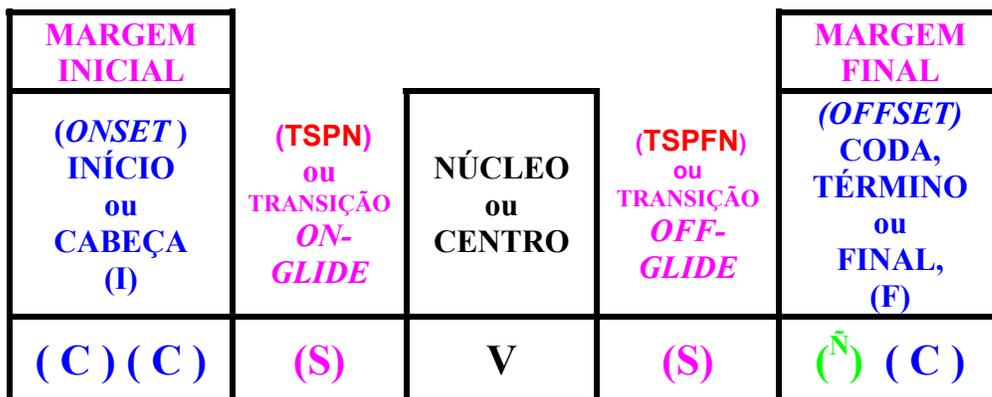
CRIADO [ɸkɸjadu] CCCV.CV (Ditongo)

Pelo modelo de Head, existiria, em palavras como “própria” e “criado”, um Encontro Consonantal formado por três elementos, o que não faz muito sentido na Língua Portuguesa

devido à simplicidade combinatória em termos consonantais, e não um Encontro Consonantal seguido por um Ditongo Crescente.

No terceiro grupo, Teixeira (1988a) define esses segmentos, foneticamente, como sons que são produzidos com movimentos rápidos de língua e com um canal oral quase desimpedido, semelhante ao da vogal, sendo que a natureza rápida e transitória desses sons, em associação com a força expiratória presente durante a sua produção, caracteriza-os também como consonantais. Para resolver este problema, Teixeira abandona o binarismo na ordenação fonotática dos segmentos fônicos, e propõe um modelo ternário no qual as semivogais são classificadas como elementos de transição na sílaba entre vogais e consoantes. Nota ainda que, no português, estes segmentos, foneticamente, são mais de natureza vocálica que consonantal.

Assim, no modelo de Teixeira, a estrutura silábica básica do português terá no máximo dois elementos consonantais no início da sílaba, e apenas um elemento segmental no final silábico, além da Nasalização, como mostra o quadro abaixo (formatação mais recente, no prelo):



Quadro 2: Estrutura Silábica para o Português, segundo Teixeira (2005).

LEGENDA DOS ELEMENTOS PRESENTES NO QUADRO 2:

- ELEMENTOS: C = Consoante; V = Vogal; S = Semivogal; Ñ = Nasalização.
- POSIÇÕES SILÁBICAS: I = Início da Sílaba; TSPN = Transição Semivocálica para o Núcleo; N = Núcleo Silábico; TSPFN = Transição Semivocálica para fora do Núcleo; F = Final da Sílaba

Por este modelo, a estrutura silábica das palavras acima citadas será descrita da seguinte maneira:

PRÓPRIA [ɣpɔpɔj] CCV.CCSV (Ditongo)

CRIADO [ɣkjadu]⁸ CCSV.CV (Ditongo)

A partir do modelo de estrutura silábica para o português proposto por Teixeira (1988a/2005), serão coletados, para análise, dados sobre ditongos durante a aquisição da língua. Este estudo terá como base teórica a noção de Processos Fonológicos, inicialmente desenvolvida por Stampe (1973) com a Teoria da Fonologia Natural, e posteriormente revisada e aprimorada por Ingram (1976/1989), Grunwell (1982/1987) e Teixeira (1985/1988b, 2005). Uma breve revisão de literatura acerca das principais teorias sobre a aquisição da fonologia e sobre os processos fonológicos está exposta no próximo capítulo deste trabalho.

⁸Segundo Teixeira (1988a), levando-se em consideração o ritmo de fala acelerado do falante, o hiato, em algumas palavras, acaba sendo produzido como um ditongo.

3 - REVISÃO DE LITERATURA

3.1 TEORIAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO FONOLÓGICO

Quando se fala em aquisição da linguagem e em teorias fonológicas deve-se lembrar que poucos foram os estudos sistemáticos feitos antes da década de 1960 sobre o assunto e que muitos deles foram realizados por pessoas que não possuíam qualificações para este tipo de trabalho, ou seja, médicos, lingüistas de outras áreas, psicólogos e outros estudiosos, o que resulta no fato dessas teorias apresentarem propostas diferentes para explicar como o desenvolvimento fonológico ocorre.

Stöel-Gammon (1990) observa que todas essas teorias possuem o objetivo comum de tentar explicar o processo de desenvolvimento fonológico normal, mas que nenhuma delas se preocupa, especificamente, em fazer uma abordagem sobre a questão do desenvolvimento fonológico desviante, apesar de o desenvolvimento atípico se enquadrar melhor a algumas dessas teorias em relação às outras.

No estudo da linguagem infantil, Teixeira (1983) afirma que a maioria das teorias recorre aos dois níveis de descrição de sons: o fonético, que descreve os sons ocorridos numa língua, e o fonológico, que descreve como os diferentes tipos de som são estruturados nos eixos sintagmático e paradigmático. Para esta autora, uma teoria sobre o desenvolvimento fonológico

deve considerar não só as relações superficiais entre o *output* da criança e a pronúncia adulta, como também os processos através dos quais o sistema da criança compatibiliza-se ao sistema adulto, dentro de uma teoria fonológica.

Para Yavas (1991a), dentre as recentes teorias que tratam sobre o desenvolvimento fonológico, apenas quatro são baseadas em uma teoria fonológica, sendo elas a teoria Estruturalista, a Prosódica, a Gerativa e a Fonologia Natural.

Serão apresentadas, a seguir, algumas teorias pertinentes ao tema estudado e suas postulações sobre o desenvolvimento fonológico normal infantil.

3.1.1 Teoria Estruturalista

Proposta em 1941 por Jakobson (1972) e revisada por Jakobson & Halle (1956), esta teoria postulava uma relação entre a aquisição fonológica pelas crianças, os universais fonológicos e a dissolução fonológica na afasia. De acordo com estes postulados, há dois períodos distintos de produção vocal: o balbucio, onde as produções da criança são efêmeras e com grande diversidade de sons que não seguem nenhuma seqüência regular de aquisição; e a fala significativa, onde o desenvolvimento fonológico segue uma ordem de aquisição inata e universal, regulada por um conjunto hierárquico de leis estruturais.

A descontinuidade existente entre esses dois períodos é explicada como sendo causada por uma redução no repertório de sons, que são posteriormente readquiridos no período de fala significativa. Segundo a proposta teórica Molde/Conteúdo (MACNEILAGE e DAVIS, 1995), essa interrupção, na realidade, não existe, o que ocorre é apenas uma regressão, pois a aquisição, que tem início no período do balbucio com um ciclo labial, evolui para o período do jargão com um ciclo coronal e depois retorna ao ciclo labial no período das primeiras palavras.

O sistema da criança tem estrutura própria, muito embora relacionado ao sistema adulto a partir de correspondências realizadas através de substituições entre sons. A aquisição se dá através da aprendizagem de contrastes de traços em vez da aprendizagem de sons individuais. Em ordem de aquisição, os primeiros contrastes são: consonantal/vocálico; nasal/oral; grave/agudo. A teoria descreve, ainda, a aquisição de contraste entre oclusivas/nasais e fricativas/africadas/líquidas. Apesar desses padrões aquisicionais serem frequentes, eles não são tão universais entre as línguas como postula tal teoria (vide VIHMAN, 1996, para uma discussão mais detalhada).

3.1.2 Teoria Comportamentalista

Conhecida também como teoria Behaviorista, esta teoria foi formulada por H. O. Mowrer (1952, *apud* STÖEL-GAMMON, 1990) enfatizando a quantidade de reforço na aprendizagem dos sons pela criança e a relação afetiva entre mãe e criança. Nesta teoria, a criança se identifica com a pessoa que a atende (a mãe), prestando atenção em sua fala durante os períodos de cuidados e amamentação; depois, ela associa essa fala com reforços primários de comida e de cuidados; então, ela produz vocalizações semelhantes a essa fala, que adquirem valor de reforço secundário. Finalmente, as produções da criança que são mais próximas da fala adulta são reforçadas, seletivamente, pela mãe e pela criança.

Para esta teoria, a criança é uma tábula rasa que precisa ser condicionada através de reforços (estímulos), sendo o adulto o responsável por este condicionamento, ou seja, ele é o treinador. A criança não tem liberdade para criar novos enunciados, ela é apenas um reproduzidor (imitador) da fala do adulto, sendo as diferenças entre as vocalizações infantis e adultas vistas como imaturidade da criança e falta de domínio do aprendiz sobre o aparelho fonador.

O ponto fraco desta teoria é o fato de ela não dar conta dos dados infantis existentes, primeiramente devido à ausência de estudos que comprovem que o reforço é a principal força na aquisição da fala, pois crianças surdas, de uma forma ou de outra, balbuciam apesar de não serem capazes de receber reforço; em segundo lugar, pela falta de evidências que comprovem que a mãe reforça seletivamente as vocalizações que se assemelham à fala adulta.

Embora ainda seguindo os postulados básicos do Behaviorismo, a linha de pensamento dominante na época, principalmente nos Estados Unidos, Winitiz (1969, *apud* TEIXEIRA, 1983) e Olmsted (1966/1971, *apud* TEIXEIRA, 1983, e STÖEL-GAMMON, 1990) modificaram e aprimoraram, com seus estudos, a teoria de Mowrer e introduziram alguns aspectos bastante relevantes, como, por exemplo, a importância da frequência de ocorrência dos sons na língua ambiente e da percepção do aprendiz.

3.1.3 Teoria Prosódica

Proposta por Waterson (1971), esta teoria presume que a percepção e a produção da fala ainda estão em desenvolvimento durante os estágios iniciais da aquisição da linguagem, e que as crianças percebem os enunciados como unidades não-analisadas e não como seqüências de segmentos, ou seja, elas percebem as semelhanças nos padrões estruturais e segmentais de grupos de palavras na forma adulta e reproduzem-nas como um padrão que duplica os traços salientes em vez de seqüências de sons específicos.

Esta teoria mostra a criança como receptor e analisador das vocalizações do adulto. Ela é apenas o emissor de enunciados e tem liberdade para, a partir dos traços mais salientes da fala do adulto, criar seus próprios enunciados, adicionando, ou não, novos traços (traços estes que são agrupados em diferentes estruturas: labial, contínuo, sibilante, obstruinte e nasal). As

diferenças resultantes desse processo criativo são vistas como resultantes de problemas motores e lingüísticos e de fatores que afetam a percepção da criança.

O ponto fraco desta teoria é que ela se baseia em um pequeno *corpus* de uma única criança, tratando apenas dos estágios iniciais da aquisição.

3.1.4 Teoria da Fonologia Natural¹

Segundo a teoria de Stampe (1973), processos fonológicos são operações mentais, inatas e universais que eliminam ou substituem um termo de difícil articulação. Para esta teoria, as crianças, que são vistas como elementos passivos, em vez de adquirirem ou desenvolverem um sistema fonológico, aprendem a suprimir ou restringir os processos inatos que não ocorrem na língua adulta.

Por essa visão, os processos fonológicos, que se aplicam a representações fonológicas abstratas que a criança retira da fala adulta, adquirem realidade psicológica, isto é, estes processos são, por esta teoria, encarados como sendo, segundo Teixeira (1983, p.5) “mecanismos *realmente existentes* na fala do indivíduo, e não como meros construtos teóricos utilizados pela Psicolingüística, a fim de descrever o complexo (e ainda não exaustivamente conhecido) processo de aquisição dos sistemas de sons.”

Para esta teoria as representações fonológicas infantis são, de maneira subjacente, uma representação igual à forma adulta, convicção de difícil comprovação, pois isto só seria possível se o sistema perceptivo da criança estivesse completamente desenvolvido desde o início de sua fala significativa.

¹ Os processos fonológicos serão detalhados no tópico 3.2 deste capítulo.

Apesar de suas limitações, esta teoria oferece a vantagem de mostrar, claramente, a relação existente entre as formas adultas e as formas da criança, descrevendo, de forma sistemática e dinâmica, os processos que afetam a produção infantil.

3.1.5 Teoria Cognitiva

Esta teoria foi desenvolvida por Macken & Ferguson (1983) a partir de considerações sobre as teorias Estruturalista e da Fonologia Natural. Macken (1986) diz que estas teorias são universalistas, pois não levam em consideração nem as diferenças individuais entre as crianças, nem os dados de pesquisas longitudinais que mostram que a aquisição não se desenvolve como uma progressão linear. Para elas, o ponto de partida foi a premissa de que as crianças são criativas, ou seja, elas formulam e testam hipóteses sobre o sistema que estão adquirindo.

Este modelo é muito parecido com a teoria Prosódica, e os argumentos utilizados por Macken e Ferguson para comprovar o seu modelo são muito parecidos com os apresentados por Waterson (1971). Contudo, apesar de focar, principalmente, os estágios iniciais do desenvolvimento fonológico, nos quais as diferenças individuais são muito grandes, Macken e Ferguson reconhecem a existência de alguns padrões universais (ou quase) na fala das crianças. Esta teoria também se aproxima da teoria “interacionista – de descobrimento” de Menn (1980), ao ver a aquisição como uma atividade na qual a criança, que tem o papel principal, constrói seu sistema através da resolução de problemas.

Segundo Stöel-Gammon (1990), esta teoria tem como ponto falho o fato de não se preocupar com o desenvolvimento posterior, com a relação entre a percepção e a produção de sons, e com as semelhanças observadas em estudos de grandes grupos de sujeitos.

3.1.6 Teoria Biológica

Os modelos biológicos tentam traçar as origens da fonologia a partir de limitações perceptuomotoras. Locke (1983) propõe uma teoria que enfatiza as semelhanças entre os padrões fonológicos do fim do balbucio e aqueles do início da fala significativa, baseado no fato de que as vocalizações pré-lingüísticas de bebês de todos os ambientes lingüísticos são muito semelhantes, sendo que o repertório fonético e os padrões fonológicos da fala incipiente se assemelham muito àqueles do período do final do balbucio e que substituições ocorrem entre sons freqüentes e infreqüentes no balbucio.

No modelo de Locke há três estágios principais na aquisição fonológica: período pré-lingüístico ou estágio pragmático, no qual os bebês começam a notar, antes do término do período do balbucio, que suas vocalizações conseguem transmitir informação com relação a necessidades básicas; o estágio cognitivo, que começa quando a criança tenta produzir sons convencionais; e o estágio sistêmico, que caracteriza-se por mudanças bem marcadas no sistema fonológico da criança.

Esta teoria relaciona o desenvolvimento dos períodos pré-lingüístico e lingüístico, fornece uma explicação parcial da relação entre percepção e produção, observa e explica os processos de desenvolvimento semelhantes, observados em crianças de ambientes lingüísticos diferentes e tenta fazer a relação entre os componentes fonéticos e cognitivos da aquisição.

Stöel-Gammon (1990) aponta como pontos fracos desta teoria a demasiada ênfase dada aos padrões de desenvolvimento universais ou quase-universais; a pouca atenção prestada a estudos sobre diferenças individuais na aquisição; e a falta de discussão sobre o uso de estratégias fonológicas nos primeiros estágios de aquisição fonológica.

3.1.7 Teoria dos Moldes/Conteúdo

Partindo do modelo biológico de continuidade, MacNeilage e Davis (1995) dão seqüência ao trabalho iniciado por Locke (1983), procurando derivar a aquisição da representação motora e o controle para a fala de uma única base motora universal: a alternância rítmica entre o maxilar aberto e fechado, ou oscilação mandibular, que caracteriza o balbucio canônico, isto é, a primeira produção silábica semelhante à adulta.

MacNeilage e Davis propõem “Moldes, depois Conteúdo” (Frames, then Content) como uma metáfora para descrever características espaço-temporais e biomecânicas do balbucio e de mudanças durante a pré-fala. O termo Molde é a regularidade da oscilação mandibular que resulta de uma elocução, ou *output*, de aparência silábica, e que tem, na percepção do ouvinte, aparência de fala. Acredita-se que as fases fechada e aberta do ciclo geralmente não possuem nenhuma atividade motora associada, a não ser o próprio movimento da mandíbula. Como conseqüência, não pode haver, nesta fase, nenhuma organização subsilábica ou Conteúdo.

Deste ponto de vista, o Molde silábico constitui-se no envelope temporal mais inicial dentro do qual os elementos de Conteúdo segmental específico se desenvolvem, à medida que a criança ganha independência crescente para controlar os articuladores da fala em seqüências de movimentos articulatorios, ou seja, a criança movimenta a mandíbula e mantém a língua parada (Molde), mas sem a intenção de variegar, que é mudar a posição da língua (Conteúdo). Ela está apenas aprimorando, dominando o movimento articulatorio.

Para os autores, os “Moldes Puros” são os “protótipos dinâmicos” dos padrões silábicos adultos. O Conteúdo para estas palavras é inicialmente a conseqüência mecânica do posicionamento da língua em relação à mobilidade da mandíbula. Neste momento, as sílabas se formam por um número limitado de seqüências fixas de CV, o padrão silábico preferido.

Eles fazem previsões intrassilábicas de que, preferencialmente, vogais anteriores ocorrem com consoantes coronais, vogais posteriores ocorrem com consoantes velares e vogais centrais ocorrem com consoantes labiais. A previsão intersilábica feita por esta teoria é a de que ocorre maior variação vocálica na altura do que no avanço/recuo da língua e ocorre maior variação consonantal de modo do que de ponto de articulação. Para comprovar suas hipóteses eles criam 30 pares de CV orientados pela concepção de Dominância de Moldes.

Os Moldes propostos são adquiridos em três momentos distintos:

a) No primeiro momento aparecem os Moldes Puros:

1. Com a oscilação dos lábios e a língua em posição de descanso.

C	V
[p]	[a]

2. com a adição de um único gesto de anteriorização da língua à oscilação mandibular.

C	V
[t]	[ʔ]

3. com a adição do rebaixamento do véu palatino às formas orais.

[m] [n]

Estes três fatos articulatórios levam aos Primeiros Padrões de Sons:

Oclusivas [p] [t]

Nasais [m] [n] + [a] → representando uma ampla categoria
entre média/baixa e anterior/central.

Semivogais [w] [j]

b) Em seguida, no momento intersilábico, a língua adquire diferentes configurações:

[k]	+	[u]
[t]	+	[i]

c) No terceiro momento, que é o intrassilábico, os padrões silábicos passam a ser variegados:

Variegação Vocálica: Altura da língua

Variegação Consonantal: Modo de articulação (oclusiva + semivogal homorgânica).

Apesar de ser, até o momento, a única teoria que propõe uma perspectiva fonética para a aquisição da linguagem, não direcionando seus estudos para fatores lingüísticos e de percepção, e de apresentar padrões gerais sobre o desenvolvimento da fonologia em termos ontogenéticos e filogenéticos, a teoria de MacNeilage e Davis apresenta pontos falhos como o fato de dar atenção apenas aos primeiros estágios da aquisição e de não tratar, detalhadamente, das diferenças individuais, muito embora trabalhos mais recentes reconhecerem a influência da língua ambiente (TEIXEIRA e DAVIS, 2001; MACNEILAGE e DAVIS, 2000).

3.2 PROCESSOS FONOLÓGICOS

Há certos princípios que governam a estruturação da fala da criança. As pronúncias infantis não podem ser vistas de forma isolada, sem relação com outros erros ou com o sistema da criança como um todo, negando, assim, a existência de um nível organizacional que comande a produção fonológica do aprendiz.

A concepção de um nível de organização sistêmica subjacente à produção de fala já era encontrada na literatura desde 1968 com a Teoria de Traços de Jakobson. O conceito de processo fonológico, desenvolvido por Stampe na Teoria da Fonologia Natural, é o de um conjunto de estratégias naturais que reflete a operação de processos mentais inatos, reduzindo a complexidade da produção da fala nos estágios iniciais do desenvolvimento fonológico. Outros

estudos baseiam-se na noção de processos fonológicos, modificando e aprimorando alguns pontos falhos da teoria de Stampe.

Ingram (1976) foi o primeiro a utilizar, no inglês, com maior sistematização, a noção de processos, interpretando-os como processos de simplificação, ao observar que os padrões de fala da criança são mais simples do que os padrões da fala adulta. Ingram, porém, não aceita a idéia da teoria da Fonologia Natural de que a criança seja um elemento passivo durante a aquisição da língua materna, pois, para ele, a criança exerce um papel fundamental no seu desenvolvimento fonológico. Ingram descreve os processos como operações que atuam nas habilidades perceptuais, na organização fonológica e na produção fonética da criança.

Ingram divide os processos fonológicos em três grupos:

- 1) Processos de Substituição;
- 2) Processos de Assimilação;
- 3) Processos que afetam a Estrutura Silábica.

Às combinações que ocorrem entre os processos desses três grupos, Ingram acrescenta um quarto grupo: o de Processos Múltiplos.

Grunwell (1982), depois de analisar o desenvolvimento fonológico do inglês, divide os processos fonológicos em dois grupos:

- 1) Processos de Simplificações Estruturais, que são aqueles que atuam no eixo sintagmático, na dimensão da seqüência de sons, simplificando a estrutura de sílabas e palavras;
- 2) Processos de Simplificações Sistêmicas são aqueles que atuam no eixo paradigmático, na dimensão do contraste de sons.

Para Grunwell (1982), ainda existe um terceiro grupo formado por processos resultantes da interação entre os processos de simplificações estruturais e sistêmicas, surgidos a

partir de uma pressão no contexto fonológico. Dessa maneira, os processos assimilatórios, sensíveis ao contexto, não devem ser tratados como os paradigmáticos, que não decorrem da pressão do contexto, embora Grunwell coloque tais processos que envolvem assimilação de traços ora nos de simplificações estruturais ora nos de simplificações sistêmicas.

Ao aplicar a teoria de processos à aquisição do sistema fonológico do português, Teixeira (1985/1988b), classifica-os, cronologicamente, em:

- 1) Processos Iniciais, ou seja, aqueles que duram, aproximadamente, até os dois anos e seis meses de idade;
- 2) Processos Mediais, aqueles que duram, aproximadamente, até os três anos de idade;
- 3) Processos Terminais, os que duram até os quatro ou cinco anos de idade.

Em trabalho posterior, Teixeira (1993), após nova análise do sistema fonológico do português, divide os processos fonológicos em:

- 1) Processos Sintagmáticos, ou aqueles em que ocorre alteração nas estruturas silábica, lexical ou prosódica;
- 2) Processos Paradigmáticos, nos quais ocorre a substituição de traços;
- 3) Processos Paradigmáticos/Sintagmáticos, em que ocorre a substituição de traços ou segmentos causada pela pressão do contexto.

Atualmente, Teixeira (2005), classifica os processo em:

- 1) **Processos de Substituição** de traços de segmentos que constituem diversas possibilidades de combinação dos paradigmas da fonologia da língua;
- 2) **Processos Modificadores Estruturais**, nos quais se alteram a estrutura prosódico-silábico-lexical de palavras, sendo que a substituição de traços e/ou segmentos afeta as possibilidades combinatórias através das quais o sistema fonológico da língua se organiza;

- 3) **Processos Sensíveis ao Contexto:** as substituições de traços e/ou segmentos são causadas por influência de um contexto fonológico próximo do segmento, tornando os elementos da estrutura prosódico-silábico-lexical mais parecidos uns com os outros.

Serão apresentados, a seguir, alguns processos que atuam durante o desenvolvimento fonológico infantil, observados no Inglês (INGRAM, 1976) e no Português (TEIXEIRA, 1988b, 1989, 1993; LAMPRECHT, 1990; DOURADO, 1991; PEPE, 1993; RAPP, 1994; DÓREA, 1998; CERQUEIRA, 1999; CARVALHO, 2000; e SANTOS, 2001).

3.2.1 Processos de Substituição

São aqueles que resultam na substituição de um segmento por outro sem haver, no entanto, a interferência de sons vizinhos. Esses processos não são sensíveis ao contexto. Considerando as principais classes de sons do inglês, Ingram apresenta os seguintes processos de substituição.

A) Oclusivização

É o processo pelo qual consoantes fricativas e africadas são substituídas por consoantes oclusivas homorgânicas.

Exemplo: BLUSA [$\text{ʒ} < \text{bub} \bullet]^2$

ELEFANTE [$\text{ʒ} < \text{p} \bullet \rightarrow \text{t} \bullet \text{i}]$

² Todos os exemplos citados neste capítulo, referentes ao português, foram retirados de Teixeira (1988b), a não ser quando diferentemente especificados.

B) Anteriorização

É o processo caracterizado pela substituição de consoantes palatais e velares por consoantes alveolares e labiais.

Exemplo: CASTELO [pa^hʃt^hlu] [maj^hʃt^hlu]³

XICO [ʃs^hit^hu]

C) Desnasalização

É o processo onde a consoante nasal final do inglês é substituída por uma consoante oclusiva homorgânica.

Exemplo: *BROOM* [bub]⁴

SPOON [bud]⁵

D) *Gliding* (Semivocalização)

É o processo no qual as consoantes líquidas são substituídas por semivogais. Para Teixeira (1988b), no português, a semivocalização é apenas uma estratégia utilizada pela criança para implementar alguns processos encontrados no período aquisicional do português.

Exemplo: QUERO [ʃk^hju]

E) Vocalização

³ As semivogais grafadas em Teixeira (1988b) como [i^h] e [u^h] foram substituídas no presente trabalho por [j] e [w], respectivamente.

⁴ Exemplos em inglês retirados de Ingram (1976). Tradução do inglês: vassoura.

⁵ Tradução do inglês: colher.

É o processo em que consoantes líquidas e nasais, ou seja, consoantes silábicas, são substituídas por vogais.

Exemplo: *FLOWER* [ʒ<fawa]⁶

APPLE [abu]⁷

F) Neutralização das Vogais

É o processo no qual as vogais são reduzidas, isto é, centralizadas.

Exemplo: *BOAT* [tap]⁸

G) Apagamento

É o processo no qual a criança não realiza, ou apaga, aqueles sons que lhe parecem particularmente difíceis de serem produzidos.

Exemplo: *SUN* [⊕n]⁹

3.2.2 Processos de Assimilação

São aqueles processos em que um som se torna semelhante a (ou é influenciado por) um outro som na palavra. Esses processos são sensíveis ao contexto.

⁶ Tradução do inglês: flor.

⁷ Tradução do inglês: maçã.

⁸ Tradução do inglês: navio, bote.

⁹ Tradução do inglês: sol.

Esses processos são bastante produtivos nos estágios iniciais da aquisição, havendo inúmeras possibilidades de assimilação. Ingram classifica a assimilação em contígua e não-contígua, progressiva ou regressiva, sendo corroborado por Lamprecht (1990) e Pepe (1993). Teixeira (1989/1994) concorda com a classificação de Ingram, mas acrescenta que esses processos ainda podem ser classificados como total ou parcial, e à distância.

A) Assimilação Contígua

É o processo assimilatório no qual o segmento a ser afetado está imediatamente ao lado do segmento que causa a assimilação.

Exemplo: ÁRVORE [ʔa* ʋo•i]

B) Assimilação Não-contígua

É o processo assimilatório no qual o segmento a ser afetado não está imediatamente ao lado do segmento que causa a assimilação, ou seja, há pelo menos um segmento e no máximo dois segmentos separando os elementos envolvidos no processo.

Exemplo: COPO [ʔkʰku]

C) Assimilação Progressiva

É o processo assimilatório no qual o segmento afetado vem após o segmento que o influenciou.

Exemplo: BLUSA [ʒ<bub¹]

→

D) Assimilação Regressiva

É o processo assimilatório no qual o segmento afetado vem precedendo o segmento que o influenciou.

Exemplo: BICO [ʒ<kiku]

←

E) Assimilação Total

É o processo assimilatório no qual o segmento afetado torna-se igual ao segmento que o influenciou, ou seja, ele assimila todas as características do outro segmento.

Exemplo: COPO [ʒ<p¹pu]

F) Assimilação Parcial

É o processo assimilatório no qual o segmento afetado assimila parte das características do segmento que o influenciou.

Exemplo: BANANA [m¹→ʒ<n¹→n¹]

G) Assimilação à Distância

É o processo assimilatório no qual o segmento afetado se encontra distante do segmento que o influenciou, atravessando a fronteira silábica e até mesmo a lexical, envolvendo sílabas não contíguas.

Exemplo: TARTARUGA [kaʁ<luʁo ɹ]¹⁰

3.2.3 Processos que afetam a Estrutura Silábica

São processos relacionados com a tendência da criança em simplificar a estrutura silábica em direção ao padrão silábico básico CV. Essa simplificação pode ocorrer de várias formas, sendo a elisão de segmentos uma das estratégias mais recorrentes neste tipo de processo. Segundo Teixeira (1988b), os processos que Ingram descreve nesta categoria, em sua maioria, na verdade, afetam muito mais a estrutura lexical do que propriamente a silábica.

A seguir serão explicados e exemplificados alguns processos que afetam a estrutura silábica, estando, aqui situado um processo que servirá para a análise deste estudo: o processo sobre a elisão da semivogal dos ditongos crescentes.

A) Simplificação da Consoante Final

Este processo é bastante utilizado nos estágios iniciais de aquisição, sendo a estrutura silábica CVC reduzida ao padrão básico CV, que é, segundo Silveira (2006), a estrutura dominante na fala infantil, através do apagamento da coda ou elisão da consoante final (ou seja, a consoante que se encontra após a vogal, em uma mesma sílaba), tanto na posição interna (quando

¹⁰ Exemplo retirado de Teixeira (1994).

a consoante está no final da sílaba, mas não está no final da palavra) como na absoluta (quando a consoante está no final da sílaba e também da palavra). Por volta dos dois anos de idade, segundo Teixeira (1988b), ocorre o início da aquisição da consoante final na posição absoluta, sendo a lateral a primeira a emergir, seguida da fricativa e depois do “erre”.

As estratégias utilizadas para a aplicação deste processo ocorrem em três fases:

- inicialmente, ocorre a elisão da consoante final;

Exemplo: PORTA [ʒpʁt]

- quando a consoante está prestes a emergir a criança utiliza:

- a) inserção de um apoio vocálico após a consoante final;

Exemplo: DOIS [ʒdoʲi]

- b) alongamento da vogal que precede a consoante final elidida;

Exemplo: GUARDA-CHUVA [gwa:daʒuv]¹¹

- c) confusão entre as três consoantes que podem aparecer no final da sílaba.

Exemplo: MOSCA [ʒmoxk]

PORTA [ʒpʁwt]

- e, finalmente, pode ocorrer migração (mudança de um segmento para outra sílaba, dentro da própria palavra) ou ainda reduplicação, respectivamente.

Exemplo: ÓCULOS [ʒʁxku]

CADERNO [kaʔʒdʁnu]

B) Elisão das Sílabas Fracas

¹¹ Exemplo retirado de Santos (2001), Sujeito 19.

Processo complexo e abrangente, que emerge cedo e desaparece relativamente tarde, envolvendo, em alguns casos, mais de uma sílaba da palavra. Quando a sílaba inteira desaparece, tem-se o caso de elisão total (ET). Também pode ocorrer a queda de apenas parte de uma sílaba (EP, elisão parcial). Segundo Rapp (1994), as sílabas fracas que sofrem elisão são, preferencialmente, pré-tônicas e quanto mais distante da sílaba tônica a sílaba átona estiver, maior é a possibilidade dela sofrer elisão (para maiores detalhes vide SANTOS et al., 1999a, 1999b, 2000a e 2000b).

Exemplo: AVIÃO [iʒ<➊→♦→]

ÔNIBUS [ʒ<δⁿ bu]

C) Simplificação do Encontro Consonantal

Neste processo, a criança simplifica os encontros consonantais segundo padrões previsíveis, na maioria das vezes, apagando um dos elementos. É um processo complexo, que evolui através de diferentes estágios, à medida que a criança amadurece fonologicamente. Segundo Teixeira (1988b), esse processo, no português, ocorre em quatro estágios:

- Elisão do segundo elemento do encontro;

Exemplo: FRALDA [ʒ<pad➊]

- Realização do segundo elemento como uma aproximante ou uma semivogal palatal;

Exemplo: PRAIA [ʒ<paj➊]

GRAVADOR [ʒwavaʒdo]¹²

- Confusão na realização do segundo elemento, com predominância da lateral sobre a

¹² Exemplo retirado de Dórea (1998), Sujeito 16.

vibrante, podendo ocorrer também um processo de Silabificação;

Exemplo: TREM [ʒ<tle→j→]

PLANTA [ʒ<p*1→ɾt1]

PLANTA [ʒ<p1→ɾta*1]

- Migração do segundo elemento de encontros que ocorrem em posição interna para a posição inicial da palavra.

Exemplo: DEGRAU [d*eʒ<ɣoaw]

D) Redução da Semivogal dos Ditongos Crescentes

Segundo Teixeira (1988b), os ditongos crescentes são, tipicamente, simplificados através da elisão da semivogal, ou elemento “glide”. Pode também acontecer, em casos raros, a atuação do processo sobre a vogal mais estável do ditongo.

As estratégias que atuam neste processo são:

- Elisão da semivogal, sendo que em alguns casos a vogal do ditongo pode ser elidida;

Exemplo: ESTÓRIA [ʒ<tʃl1]

ESTÓRIA [ʒ<tʃl̥i]

- Silabificação (SILAB), ou formação de hiato;

Exemplo: LÍNGUA [ʒ<li→ɾgul1]

- Migração (MIGR), ou permuta da semivogal para outra sílaba. Também pode ocorrer a permuta da semivogal dentro da sílaba, sendo chamado este tipo de migração de Metátese (MET).

Exemplo: ÁGUA [ʒ<awg1]

QUADRO [ʁklawdu]¹³

- Reduplicação (REDUP) do ditongo em outra sílaba.

Exemplo: ESTÁTUA [i♦ʁkwatw♦]

Além dessas estratégias, ainda pode ocorrer a substituição entre vogais (a palavra AQUÁRIO foi produzida como [ɔʁkɔrɔer♦])¹⁴ e entre semivogais (CAIXA, que foi produzida como [ʁkɔi♦])¹⁵, fato que não altera a estrutura silábica do ponto de vista fonológico. Essas estratégias, não todas elas descritas acima, também são utilizadas pelas crianças para simplificar os ditongos decrescentes, que são, juntamente com os ditongos crescentes, objetos de estudo deste trabalho.

3.3 MONOTONGAÇÃO

A monotongação ocorre quando um ditongo, que é uma seqüência de dois tons vocálicos em uma única sílaba, é reduzido para apenas um segmento vocálico (ou tom). Normalmente, a monotongação acontece a partir do uso da estratégia Elisão Parcial (EP), sendo que, na maioria dos casos, o segmento do ditongo que é elidido é a semivogal por ser menos estável que a vogal, mas, em alguns casos, é a vogal que é elidida.

A monotongação é um fenômeno herdado por nossa língua da língua latina, pois ela foi um dos passos da evolução do latim para o português, como atesta Câmara (1976) com o exemplo de *paupere* > *pobre*. A monotongação tem estado presente na produção de nossa língua

¹³ Exemplo retirado do Banco de Dados do PROAEP, Sujeito 82.

¹⁴ Exemplo retirado de Santos (2001), Sujeito 01.

¹⁵ Exemplo retirado de Santos (2001), Sujeito 03.

sendo relatada por vários autores como Nascentes (1939), em relação à fala adulta, e Santos (2001) em relação à produção infantil.

Há alguns contextos fonológicos que, segundo Teixeira (1988a), propiciam a ocorrência da monotongação. São eles:

- Ditongo Decrescente fechado / ej / → [e] diante de / ʃ /, / ʒ / e / ʒ /, como na palavra PEIXE: / ʃɛj / → [ʃɛ];
- Ditongo Decrescente aberto / er / → [e], como em GELÉIA: / ʒɛra / → [ʒɛ];
- Ditongo Decrescente / aj / → [a] diante de / ʃ / e / ʒ /, como em CAIXA / ʃaj / → [ʃa];
- Ditongo Decrescente fechado / o / → [o] em quaisquer contextos, como na palavra OUÇO: / ʃo / → [ʃo];
- Ditongo Crescente com / w / antecedido por consoante oclusiva velar (EP de [w]), como em LÍQUIDO: / ʃw / → [ʃw];
- Ditongos Crescentes que ocorrem na Sílabas Átonas Finais (EP, geralmente, da semivogal), como em POLÍCIA: / ʃi / → [ʃi].

3.4 METODOLOGIAS DE COLETA DE DADOS

Metodologias diferentes têm sido empregadas para se realizar a coleta de dados. Ingram (1976) fez um breve histórico das metodologias que foram utilizadas desde que os estudos sobre aquisição da linguagem foram iniciados. Segundo Ingram (1976), podem ser divididos em três períodos históricos:

1. Período dos estudos de diário parental (1877-1929);
2. Período de estudos com amplas amostras – transversal - (1930-1957); e
3. Período de estudos lingüísticos – longitudinal – (1957 – até o momento presente).

O primeiro período foi marcado pelos estudos feitos a partir das anotações diárias feitas por pais ou pessoas próximas à criança. Eram anotados dados de fala da criança, além de dados lingüísticos e dados sobre o desenvolvimento motor (estudo descritivo). Relatos na área de distúrbios são raríssimos e suas transcrições não são satisfatórias. Os trabalhos de Leopold (1939, *apud* INGRAM, 1989) e de Smith (1973, *apud* INGRAM, 1989) são, segundo Ingram, os principais deste período.

O segundo período é iniciado com a publicação do livro de McCarthy (1930, *apud* INGRAM, 1989). Os estudos agora são realizados a partir da coleta de um pequeno número de amostras de fala de muitas crianças de diferentes idades. Esta metodologia é muito utilizada quando o período de tempo que se tem para fazer a coleta é restrito e quando o pesquisador quer fundamentar seus achados em bases estatísticas e percentuais (estudo quantitativo).

O terceiro período, o dos estudos longitudinais, é caracterizado pela preocupação de não só descrever, mas, também, procurar explicações para as regras que as crianças utilizam quando produzem a fala e como estas regras mudam com o tempo. Este tipo de estudo, segundo Ingram, é feito com, no mínimo, três crianças, pois se o trabalho for baseado nos dados de apenas um sujeito não se pode ter a certeza de que aquele resultado é o de uma fala usual. Se o trabalho for baseado de fala de dois sujeitos e houver disparidades na comparação dos dados, não se pode ter certeza sobre qual amostra é a usual ou não. Havendo três sujeitos, a análise pode ser feita a partir de uma média da fala dessas crianças. As crianças, em geral, são observadas durante um número fixo de horas por semana, durante períodos específicos de tempo.

Diferentemente de Ingram, outros autores, como Leopold (1939, *apud* INGRAM, 1989), Smith (1973, *apud* INGRAM, 1989), Scliar-Cabral (1977) e Teixeira e Davis (2001), consideram válidos os estudos aquisicionais longitudinais realizados com apenas um ou dois sujeitos.

A metodologia utilizada neste trabalho está detalhada no capítulo que se segue.

4 - METODOLOGIA

4.1 METODOLOGIA EXPERIMENTAL

4.1.1 Constituição do *Corpus*

O corpus deste trabalho é composto pelos registros de fala de 02 sujeitos residentes na cidade de Salvador, pertencentes à classe sócio-escolar A, i.e., aquele grupo no qual pelo menos um dos pais possui o 3º grau completo. Esta variável foi controlada devido ao fato de que crianças pertencentes à classe sócio-escolar C (grupo no qual os pais das crianças possuem, no máximo, o 1º grau completo) adquirem tardiamente alguns tipos de ditongos em relação às crianças das outras classes (vide SANTOS, 2001) ou, devido ao seu ambiente lingüístico, não adquirem certos tipos de ditongos crescentes (vide TEIXEIRA, 1991).

No início da coleta, eles possuíam 01 ano (12 meses) de idade, sendo a coleta de dados iniciada sempre na semana seguinte à do aniversário da criança.

Inicialmente, se pensou em realizar este trabalho com 06 crianças de 01 ano de idade durante 03 anos, isto é, as crianças seriam observadas do primeiro ao quarto ano de idade, período este em que se poderia observar com eficácia a aquisição dos ditongos no português com crianças da classe sócio-escolar A (para maiores detalhes vide SANTOS, 2001), mas não foi

possível devido a fatores como, por exemplo, a desistência dos pais de 02 crianças, no momento de início da coleta, e a mudança dos pais de 02 crianças (gêmeas) para outro estado.

Com o passar do tempo e, conseqüentemente, com o estreitamento do prazo de finalização do trabalho, pensou-se, então, para resolver este problema, em se fazer a coleta, durante dois anos, com 03 crianças de 01 ano de idade e 03 crianças de 03 anos de idade. Seria, assim, coberta a faixa etária de 01 a 05 anos de idade, de modo longitudinal e seccional. Após estar tudo confirmado, houve a desistência por parte dos pais de uma criança de 03 anos, ficando a pesquisa com os dados de apenas 05 crianças. A coleta foi prevista para ser iniciada em janeiro de 2003 e encerrada em dezembro de 2004, utilizando, para isso, a metodologia de coleta de dados longitudinal e interseccional, mas ela foi sendo iniciada e finalizada a partir da data de aniversário de cada criança (janeiro de 2003 a setembro de 2005).

As crianças cujos dados lingüísticos foram coletados durante o período de 02 anos são:

Sujeito	Idade	Sexo	Escolaridade	
			Mãe	Pai
1	1;0	AN - Feminino	3º grau	Especialista
2	1;0	BV - Masculino	3º grau	Mestrando
3	1;0	PO - Masculino	Doutoranda	Doutorando
4	3;0	BL - Feminino	Doutor	3º grau
5	3;0	BC - Feminino	3º grau	Especialista

Quadro 3: Identificação dos sujeitos que participaram da coleta de dados.

As crianças mais velhas, no início da pesquisa, já freqüentavam uma escola em um turno e, no outro turno diurno, ficavam em casa com a babá. As crianças de 01 ano ficavam, inicialmente, em casa com a babá. Em conversa informal com as babás foi verificado que todas

possuíam o 2º grau completo. Todos os pais possuíam regime flexível de trabalho e passavam, além das noites, parte do dia com os filhos.

As crianças de 01 ano não se apresentaram linguisticamente produtivas durante os primeiros meses de coleta de dados. Duas delas, após o ingresso em escola, tiveram um significativo desenvolvimento na produção lingüística e a terceira não apresentou um desenvolvimento satisfatório para a pesquisa.

Foi decidido, ao final da coleta, que os dados da criança P.O., de 01 ano, não seriam considerados para esta pesquisa, pois este sujeito, apesar de não possuir nenhum comprometimento físico e/ou cognitivo, não produziu dados significativos para este trabalho durante os dois anos de coleta. Como o volume de dados referente aos quatro sujeitos era enorme, decidiu-se, devido ao esgotamento do prazo final para entrega da Tese, que a pesquisa seria sobre a análise apenas dos dados dos sujeitos que tinham 01 ano de idade no início da coleta de dados.

Os sujeitos estão, então, assim identificados:

Sujeito	Idade	Sexo	Escolaridade	
			Mãe	Pai
01	1;0	AN - Feminino	3º grau	Especialista
02	1;0	BV - Masculino	3º grau	Mestrando

Quadro 4: Identificação dos sujeitos da pesquisa

Foram empregadas a coleta controlada e a coleta não controlada para a eliciação da fala espontânea produzida em situações recreativas, sendo que esta última, por um lado, apresenta a vantagem de possibilitar a eliciação de diversas formas contendo o mesmo som e permitindo maior visibilidade do processo aquisicional, mas apresentando a desvantagem de não oferecer uma coletânea equilibrada de todos os sons da língua nas distintas posições em que ocorrem nas estruturas da sílaba e da palavra. Nesta pesquisa, o desequilíbrio foi uma situação muito freqüente

durante as conversas livres por isso foi utilizado o Exame Fonético-fonológico: DITONGOS¹ ao final de cada ano de coleta (aniversário da criança) para se ter uma noção equilibrada e controlada da aquisição dos ditongos. A coleta de dados controlada apresenta a vantagem de oferecer um elenco equilibrado de dados dos sons da língua, mas o contato com o sujeito é restrito, não sendo criada, normalmente, a oportunidade para produções inéditas pelas crianças (embora estes tipos de ocorrência sejam mais, predominantemente, esperados nos diários parentais).

É importante informar que, durante o período da coleta de dados, as crianças viajavam para outras cidades de férias com os pais no recesso de São João e no recesso do verão. Apesar de todos os esforços empreendidos, não foi possível a coleta nestes períodos, pois, além da distância ser grande, o trabalho e a coleta de dados com as outras crianças não permitiam a minha ausência de Salvador e, como consequência, não há dados para análise em alguns meses, havendo, por isso, uma queda na quantidade de dados.

4.1.2 Procedimentos de Eliciação

Para a realização da pesquisa, inicialmente, foi feita uma carta de apresentação aos pais das crianças, na qual eram explicitados os objetivos da pesquisa e sua duração, solicitando a autorização para a realização dos testes com as crianças em sua casa ou no local mais conveniente (vide Apêndice 01).

No início da coleta foram aplicados os questionários e protocolos abaixo, sendo os dois primeiros respondidos pelos pais e os outros utilizados, inicialmente, apenas pelas crianças

¹ A descrição detalhada sobre o Exame Fonético-fonológico: DITONGOS se encontra em Santos (2001).

de 03 anos de idade. Foram utilizados, também, alguns materiais de apoio para que a coleta de dados assumisse a forma de uma brincadeira lúdica e prazerosa:

1. Ficha de anamnese;
2. Inventário MacArthur de Desenvolvimento Comunicativo: Protocolo Palavras e Gestos;
3. Exame Fonético-fonológico: DITONGOS (vide SANTOS, 2001, para maiores detalhes):
 - 3.1 Folha de respostas;
 - 3.2 Fichário evocativo;
4. Livros, brinquedos e jogos educativos.

4.1.2.1 Anamnese²

Este inquérito é formado por questões sobre os dados pessoais e familiares da criança, seus possíveis antecedentes patológicos e sobre a gestação, parto e desenvolvimento da criança, é baseado em relatos parentais.

Através da anamnese foram controlados fatores que poderiam interferir no andamento deste trabalho como:

- O desenvolvimento físico da criança deveria estar dentro dos parâmetros médicos de normalidade, sendo descartadas a presença de problemas anatômicos e/ou fisiológicos no aparelho fonador, a presença de disfunção neurológica evidente que afetasse a produção oral, a presença de problemas na percepção de fala;

² Vide modelo da Anamnese no Apêndice 02.

- O desenvolvimento psicológico-emocional da criança, que deveria apresentar um bom nível de sociabilidade, isto é, ela deveria ter uma boa aceitação a pessoas estranhas a seu convívio familiar normal, para que a interação entre pesquisador/sujeito ocorresse de forma natural.

4.1.2.2 Inventário MacArthur de Desenvolvimento Comunicativo: Protocolo Palavras e Gestos.³

Este protocolo, que na época de aplicação estava em fase de validação (para maiores detalhes vide SILVA, 2003), serve para se medir a compreensão e a produção lexical de crianças na faixa etária de 8 a 16 meses, assim como também serve para medir sua compreensão ao uso de gestos comunicativos. Este protocolo foi aplicado aos pais das crianças de 01 ano de idade no início da coleta de dados, pois, segundo Corrêa (1999), a percepção de fala transcorre antes da produção de fala em bebês em processo de aquisição da linguagem. O objetivo da aplicação deste teste foi o de verificar se, no início da coleta de dados, as crianças tinham uma boa percepção dos elementos que a cercavam, reconhecendo-os, mesmo que, ainda, não estivessem produzindo as palavras referentes a tais elementos (objetos, pessoas, gestos, etc).

4.1.2.3 Exame Fonético-fonológico: DITONGOS

4.1.2.3.1 Folha de respostas⁴

³ Vide modelo da capa do protocolo no Anexo 01.

⁴ Vide modelo no Apêndice 03.

A folha de respostas é o local onde os enunciados produzidos pelas crianças, através da fala espontânea, são transcritos foneticamente e onde também são anotadas as formas de como a eliciação dos dados foi feita: evocação (E), pista (P), repetição (R) ou a não-realização (R̄).

O tipo de abordagem utilizada na eliciação da fala espontânea foi a coleta controlada, através da técnica de Nomeação de figuras. Essa técnica oferece como vantagens o fato de se poder coletar um grande número de diferentes dados e a possibilidade de se testar todas as variáveis que se quer analisar, em um período relativamente curto de tempo.

Este exame é composto por 53 palavras pertencentes ao repertório infantil representadas através de 41 figuras.

4.1.2.3.2 Fichário evocativo⁵

O fichário evocativo é constituído pelas figuras das 53 palavras que compõem o Exame Fonético-fonológico: DITONGOS e está arrumado em blocos temáticos, pois algumas palavras ofereciam algumas dificuldades em suas representações, tais como:

- figuras que contêm mais de uma palavra a ser eliciada, como é o caso da figura na qual se encontram representadas as palavras *água, praia, bóia, areia e sol*, que não podiam ser representadas em desenhos distintos;
- outras figuras, que representavam desenhos de apenas uma palavra, tiveram de ser colocadas em uma ordem lógica para que se pudesse eliciar alguma palavra que oferecesse dificuldade, como é o caso da forma verbal *dormiu*, que teve que ser colocada no final de uma seqüência de desenhos, onde um homem, que seria o “papai”, primeiro “chegou” em casa, depois

⁵ Vide modelo de figura para estimulação visual no Anexo 02.

“carregou” o filho, em seguida “sentou” e “leu” o jornal e, por último, “deitou” no sofá e *dormiu*.

- Algumas palavras só puderam ser eliciadas quando se fez mais de um desenho para elas, como é o caso das formas verbais *comeu* e *bebeu*, representadas por dois desenhos: no primeiro, um menino aparece almoçando, com o prato e o copo cheios e uma vasilha com frutas inteiras; na seqüência, vem o desenho do mesmo menino com prato e copo vazios e algumas frutas mordidas, demonstrando que ele já havia terminado a refeição.

Ao final, o exame, que é composto por 41 figuras nas quais estão representadas as 53 palavras-alvo, foi aplicado no início da coleta das crianças de 03 anos e quando as crianças que tinham 01 ano no início da coleta faziam aniversário. O objetivo da aplicação deste teste foi o de ter um parâmetro para verificar se as crianças de 01 ano já tinham adquirido os ditongos, sendo a comparação dos dados feita com os achados de Santos (2001).

4.1.2.4 Livros, brinquedos e jogos educativos

Brinquedos, livros e jogos educativos foram utilizados para motivar a criança, que, durante a coleta de dados, ia manuseando tais materiais, respondendo às perguntas feitas sobre eles e, também, inventando histórias a partir deles (as crianças mais velhas desconstruíam e reconstruíam, à maneira delas, as histórias clássicas infantis).

Foram também utilizadas, com as crianças de 3 anos, entrevistas (nas quais os papéis de entrevistador e entrevistado eram, também, sempre trocados) e encenações de historinhas infantis e de “peças teatrais” produzidas na hora.

Esses materiais (alguns poucos da pesquisadora e, a maioria deles, da própria criança) e procedimentos foram muito importantes para que a criança produzisse, através da indução,

alguns dos alvos lingüísticos esperados, pois, para ela, todas as atividades resultavam uma divertida brincadeira.

4.1.3 A coleta de dados

O local escolhido para a realização da coleta de dados foi a casa dos sujeitos, sendo este o local mais apropriado pois a criança⁶, dessa forma, estava em um ambiente que lhe era familiar e tinha acesso aos seus pertences.

A duração de cada sessão era de ½ hora (meia hora) e o intervalo das visitas era semanal. O dia da semana e o horário para essas visitas foram escolhidos pelos pais da criança.

Todas as sessões foram gravadas e, posteriormente, ocorreu a transcrição dos dados relevantes para esta pesquisa. Para as gravações, foi utilizado, inicialmente, um gravador digital, do tipo Mini Disc, modelo MZ-R70, da *Sony*, juntamente com um CD, da *Sony*, apropriado para este tipo de aparelho.

Durante as primeiras gravações foi utilizado um microfone de lapela remoto conectado a um transmissor que tinha um receptor (que era ligado em alguma parte da casa) de alcance médio de 100 metros, i. e., o gravador digital não ficava com a criança e sim o transmissor. Este sistema foi pensado para dar maior liberdade de movimento à criança, mas logo foi descartado, pois as gravações que eram feitas, em sua maioria, dentro das residências das crianças (apartamentos), estavam ficando com muita interferência (chiados que atrapalhavam a compreensão da fala infantil) provavelmente devido ao tipo de material com o qual foram construídas as residências.

⁶ O sujeito 02, BV, algumas vezes estava na casa da avó materna nos dias de coleta.

Então, para evitar este tipo de problema, o microfone de lapela passou a ser conectado diretamente ao gravador digital, sendo que este era acondicionado dentro de uma bolsa do tipo “pochete” que era colocada na cintura da criança. Este procedimento foi adotado para fazer com que a criança esquecesse da existência do aparelho e, conseqüentemente, da gravação, pois ela poderia ficar inibida ou irrequieta com a constante visualização do mesmo.

As últimas gravações, devido a problemas técnicos ocorridos com o gravador digital que sofreu uma queda, foram feitas em um gravador compacto da marca *Sony*, modelo TCM-453V, conectado a um microfone de lapela, e fitas cassetes, do tipo FE-I, de 60 minutos.

O microfone de lapela não era um equipamento especificamente criado para ser usado por crianças e por isso o seu material e conexões não suportaram o manuseio infantil, sendo necessário um constante trabalho de manutenção deste equipamento (que, na realidade, eram dois). Este microfone, por ser muito sensível, conseguia captar sons distantes, como, por exemplo, o som de carros passando na rua quando a coleta era feita com as janelas do apartamento abertas (apartamento no décimo andar do prédio).

Todos os dados foram passados para o computador através de uma placa de som específica para gravações de alta qualidade. Depois houve a seleção dos dados desta pesquisa que foram gravados em CDs que pudessem ser utilizados em qualquer tipo de aparelho de CD *player*.

4.1.4 Perfil dos Sujeitos

4.1.4.1 AN, Sujeito 01: 1 (um) ano de idade, sexo feminino.

Este sujeito é a filha caçula e tem uma irmã de três anos de idade. Ela não foi uma criança muito produtiva linguisticamente nos primeiros meses de coleta, apesar de toda a

estimulação feita pela pesquisadora. No início da coleta, ela já produzia a forma [aj] para mostrar o seu aborrecimento quando não conseguia algo, além de algumas outras formas isoladas. Ao longo do tempo, os pais passaram a relatar que ela já estava produzindo algumas formas lexicais e que já estava entoando algumas músicas, mas que isto só acontecia quando ela acordava às 04 horas da manhã.

Somente perto do seu segundo aniversário, pude começar a presenciar essas produções. Ela passou a cantar e nomear alguns objetos e pessoas, mas muitas de suas produções eram ecológicas, i.e., eram repetições da produção do modelo fornecido pelo adulto.

Dois meses após completar 02 anos, AN foi colocada em uma escola durante um turno e o volume de sua produção de fala aumentou, consideravelmente, e ela passou, timidamente, a iniciar uma conversação.

4.1.4.2 BV, Sujeito 02: 1 (um) ano de idade, sexo masculino.

O sujeito 02 é filho único e, no início da coleta de dados, também produzia poucas formas apesar de toda a estimulação feita pela pesquisadora. Ele é uma criança muito ativa, que gosta de correr, pular e explorar o espaço. Nos primeiros meses de coleta as produções dominantes, durante as brincadeiras, eram [ʔxʔ:], para a saudação telefônica ALÔ, e [ʔxʔ], que era o nome de uma vizinha. Depois, surgiu a forma [aj], representando o latido do cachorro.

BV foi colocado em uma escola dois meses antes de completar 02 anos e seu desenvolvimento lingüístico evoluiu bastante, fato percebido logo na segunda visita após o início de sua vida escolar.

4.2 METODOLOGIA ANALÍTICA

Ao término da coleta, os dados foram transcritos, em sua totalidade, por mim e pela, também, doutoranda K. A. Silveira, que está fazendo uma análise sobre a estrutura silábica da fala infantil inicial no português a partir do mesmo *corpus*. Para evitar a ocorrência de disparidades entre as transcrições foram realizados, periodicamente, testes de confiabilidade, i. e., reuniões nas quais eram ouvidas algumas sessões de coletas de dados e eram feitas transcrições dos dados, sem que um visse a anotação dos outros, até que, ao final, as transcrições eram comparadas e as possíveis dúvidas dirimidas.

Esses testes de confiabilidade foram feitos, também, com a participação da prof^a E. R. Teixeira, orientadora deste trabalho, e de C. T. S. Silva, integrante do PROAEP e, também, doutoranda.

Depois de transcritos, os dados foram tabulados, momento em que se fez uma seleção dos dados relevantes para esta pesquisa, sendo as repetições de um mesmo alvo analisadas e tratadas, tomando-se como exemplo o alvo NÃO, da seguinte maneira:

1 – No caso da repetição do alvo através de produções idênticas, apenas a primeira produção foi contabilizada, como, por exemplo, no diálogo abaixo:

Examinador:

— Você me empresta sua boneca?

Criança:

— **Não**, não, não. É meu.

2 – No caso da repetição de um alvo, mas através de diferentes produções, cada uma delas foi contabilizada como sendo um novo item, como no exemplo a seguir:

Examinador:

— Você quer dormir ou brincar?

Criança:

— **Nã!** Eu **num** qué dumi **nã!** Num qué dumi nã.

No primeiro exemplo temos um alvo e uma produção contabilizados. No segundo exemplo temos um alvo e três produções contabilizados.

Procedendo desse modo temos, no capítulo seguinte, todas as produções das crianças sendo registradas, até mesmos as repetições idênticas, nas tabelas que registram os dados trimestrais e os dados anuais.

Nas tabelas semestrais temos o registro apenas das diferentes produções dos alvos, sem as repetições. Essa redução é necessária para que haja um maior equilíbrio e uma maior transparência nos resultados obtidos, pois como a coleta de dados era, muitas vezes, conversas livres entre o entrevistador e a criança, não houve a coleta de uma quantidade equilibrada de dados de ditongos crescentes em relação aos ditongos decrescentes.

Por conta do volume de dados esperados ao final da coleta, foi feito um corte mensal para a análise das formas encontradas, sendo que, em alguns meses, não há registros a serem analisados devido ao fato de as crianças terem viajado de férias com seus pais para outras cidades, o que impossibilitou a coleta de dados (principalmente durante o período de recesso escolar de São João e de Natal).

Os contextos fonológicos analisados foram os seguintes:

- Sílabas átonas finais (SAF) e sílabas tônicas (STON), para os ditongos crescentes;
- Ditongos decrescentes orais e nasais;

- Produção de ditongos decrescentes ambissilábicos (AMB), ou aqueles que são imediatamente seguidos por sílaba iniciada por vogal, criando, dessa maneira, um hiato. Exemplo: **GOIABA**;
- Produção de ditongos decrescentes apenas fonéticos (FON) ou aquelas seqüências que, fonologicamente, não são ditongos e que, na produção, são realizadas como tal. Exemplo: **CALÇA**.
- Produção de ditongos decrescentes em situação de monotongação (MONO), que são aqueles que, mesmo na fala adulta, são monotongados, geralmente através da elisão da semivogal (vide tópico 3.3). Exemplo: **PEIXE**.

Também foi analisada, neste trabalho, a variável faixa etária (estudo longitudinal, acompanhando o desenvolvimento lingüístico dos sujeitos).

A análise detalhada dos dados será exposta no capítulo seguinte, através de tabelas (com a exposição numérica) e serão ilustradas através de alguns gráficos.

No capítulo subsequente, os achados deste estudo serão discutidos com base nos resultados de outros estudos realizados sobre o assunto.

Lembro, aqui, como foi dito no capítulo 4 deste trabalho (metodologia analítica), que, em alguns períodos, a coleta de dados não foi possível devido às férias das crianças que estavam viajando em outras cidades.

5.1 SUJEITO 01

Durante o **primeiro trimestre** de coleta, **fevereiro, março e abril de 2003**, o Sujeito 01, contando com **01 ano de idade**, não produziu nenhum tipo de ditongo crescente durante os períodos de interação com o entrevistador:

Tabela 1: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 01 – primeiro trimestre.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
01	0	0	0
02	0	0	0
03	0	0	0
Total	0	0	0

A tabela 2 mostra a quantidade de ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 durante o primeiro trimestre de coleta:

Tabela 2: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 – primeiro trimestre.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
01	20	02	22
02	14	05	19
03	19	12	31
Total	67	18	72

Os ditongos monotongados neste período foram os da palavra NÃO [ʒ<■●→] e da palavra MAMÃE [○●→ʒ<○●→]. As palavras com os ditongos sendo produzidos segundo o modelo adulto foram, dentre outras, NÃO, MÃE e EU.

O gráfico 1, a seguir, mostra o comportamento lingüístico do Sujeito 01, em relação aos ditongos decrescentes, durante o primeiro trimestre de coleta de dados:

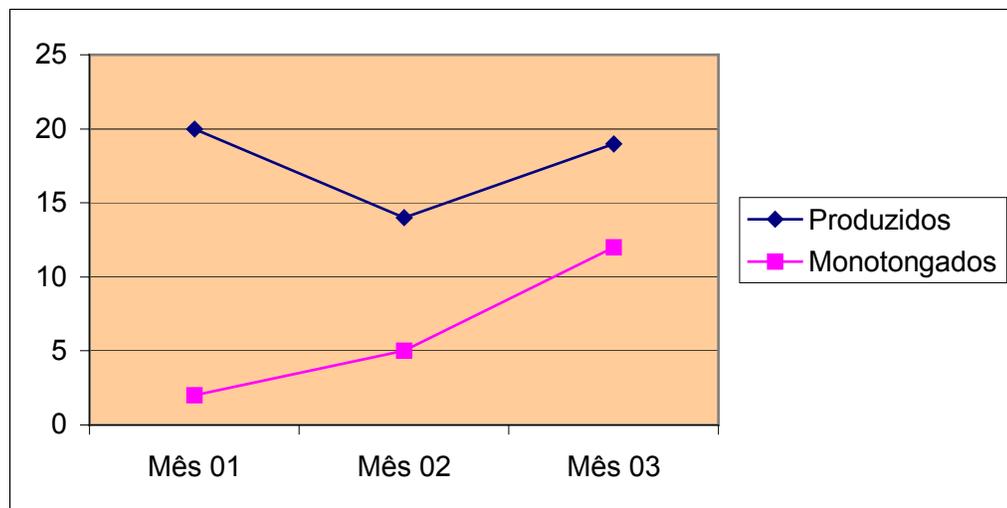


Gráfico 1: produções do Sujeito 01 durante o primeiro trimestre

Durante o **segundo trimestre** de coleta, **maio, junho e julho de 2003**, o Sujeito 01, que já tinha **1;3 anos de idade**, também não produziu nenhum tipo de ditongo crescente durante os períodos de interação com o entrevistador.

Tabela 3: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 01 – segundo trimestre.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
04	0	0	0
05	0	0	0
06	0	0	0
Total	0	0	0

Em relação aos ditongos decrescentes os dados numéricos são:

Tabela 4: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 – segundo trimestre.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
04	12	0	12
05	0	0	0
06	11	06	17
Total	23	06	29

Algumas palavras produzidas neste período foram, por exemplo, “AU-AU” para designar cachorro, e a forma verbal VAI. A seguir temos o gráfico 2:

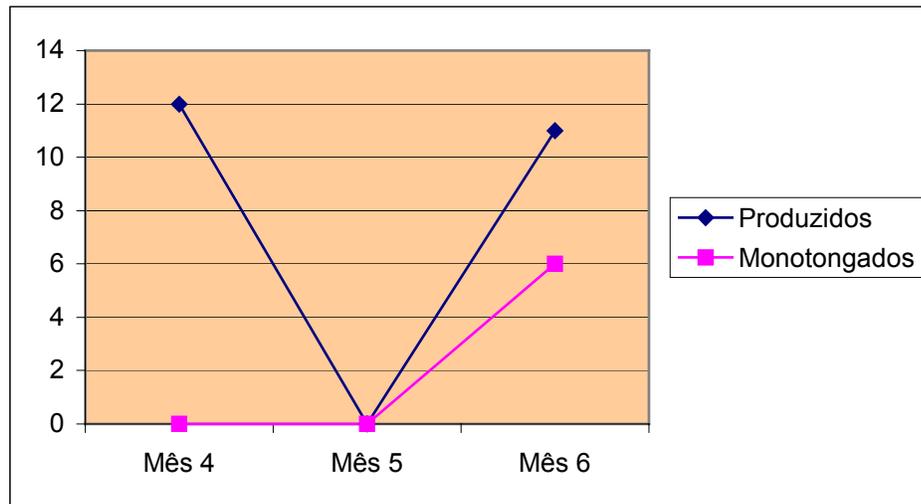


Gráfico 2: produções do Sujeito 01 durante o segundo trimestre.

A quantidade de alvos produzidos no semestre 01 está na tabela 5 abaixo, sendo que os tópicos de análise da tabela para os ditongos decrescentes produzidos estão listados na legenda abaixo:

LEGENDA:

- FON: Ditongos apenas fonéticos;
- AMB: Ditongos ambissilábicos;
- MONO: Ditongos em contexto de monotongação;
- DIT (Ditongação): Ditongos surgidos em palavras devido à implementação de outros processos fonológicos que não o de Simplificação de Ditongos, como por exemplo, CACHORRO [&Sx♦□er♦];
- OUTROS: são todos os ditongos decrescentes da língua portuguesa que não se encaixam nas categorias acima.

Tabela 5: Número de alvos com ditongos decrescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 01 – semestre 01.

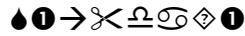
Mês	Oralidade	Produzidos					Monotongados	Total
		FON	AMB	MONO	DIT	OUTROS		
01	Oral	0	0	0	0	04	0	04
	Nasal	0	0	0	0	0	01	01
02	Oral	0	0	0	0	02	0	02
	Nasal	0	0	0	0	02	03	05
03	Oral	0	0	0	0	03	0	03
	Nasal	0	0	0	0	01	02	03
04	Oral	0	0	0	0	03	0	03
	Nasal	0	0	0	0	0	0	0
05	Oral	0	0	0	0	0	0	0
	Nasal	0	0	0	0	0	0	0
06	Oral	0	0	0	0	04	01	05
	Nasal	0	0	0	0	01	02	03
Total		0	0	0	0	20	09	29

Palavras como NÃO, MAMÃE e VAI, tiveram seus ditongos monotongados, respectivamente, em [$\text{ɰ} \blacksquare \bullet \rightarrow$], [$\circ \bullet \rightarrow \text{ɰ} \circ \bullet \rightarrow$] e [$\text{ɰ} \blacklozenge \circ$]. Os alvos EU, AU-AU, MÃE e VAI foram produzidos segundo o modelo adulto.

Durante o **terceiro trimestre** de coleta, **agosto, setembro e outubro de 2003**, o Sujeito 01, de **01 ano e meio**, só produziu ditongos crescentes durante o segundo mês do período (setembro ou Mês 8). Os dados numéricos são:

Tabela 6: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 01 – terceiro trimestre.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
07	0	0	0
08	03	03	06
09	0	0	0
Total	03	03	06

Algumas produções de ditongos crescentes foram s de AQUÁRIO [] e de QUARTO []. Foi monotongada a palavra SANDÁLIA []. O gráfico 3, a seguir, é referente aos dados da tabela 6:

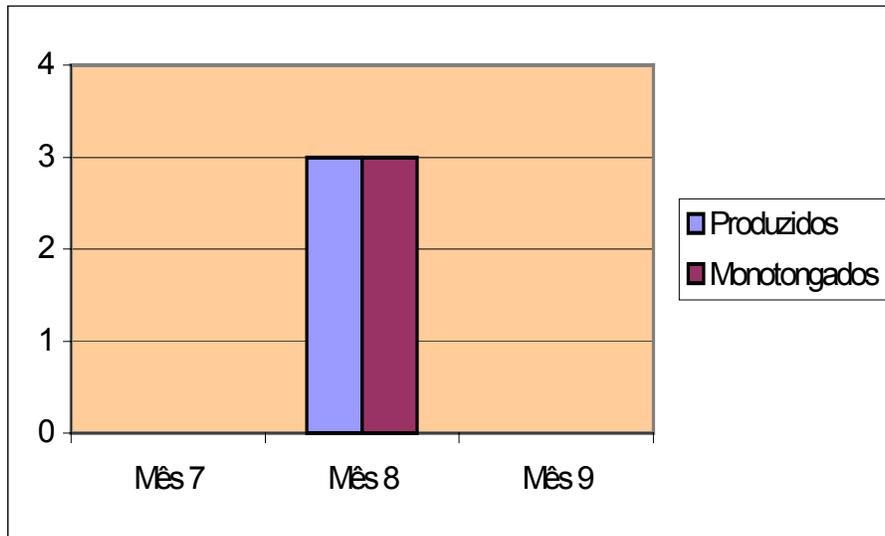


Gráfico 3: produções de Ditongos Crescentes do Sujeito 01 durante o terceiro trimestre¹

A tabela 7 mostra a quantidade de ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 durante o terceiro trimestre de coleta:

Tabela 7: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 – terceiro trimestre.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
07	0	0	0
08	19	04	23
09	28	15	43
Total	47	19	66

¹ Apesar dos dados dizerem respeito a uma evolução etária, este gráfico teve de ser ilustrado através de colunas por causa da coincidência dos dados que fazia com que as linhas ficassem sobrepostas (no caso da ilustração temporal através de linhas).

Palavras como SANDÁLIA [◆◆⟩●●] e QUARTO [⟩◆◆] tiveram seus ditongos crescentes monotongados, enquanto a “voz” do pato, onomatopéia QUAQUA [⟩●●⟩●●], teve seu ditongo produzido. O gráfico 5 refere-se aos dados da tabela 8.

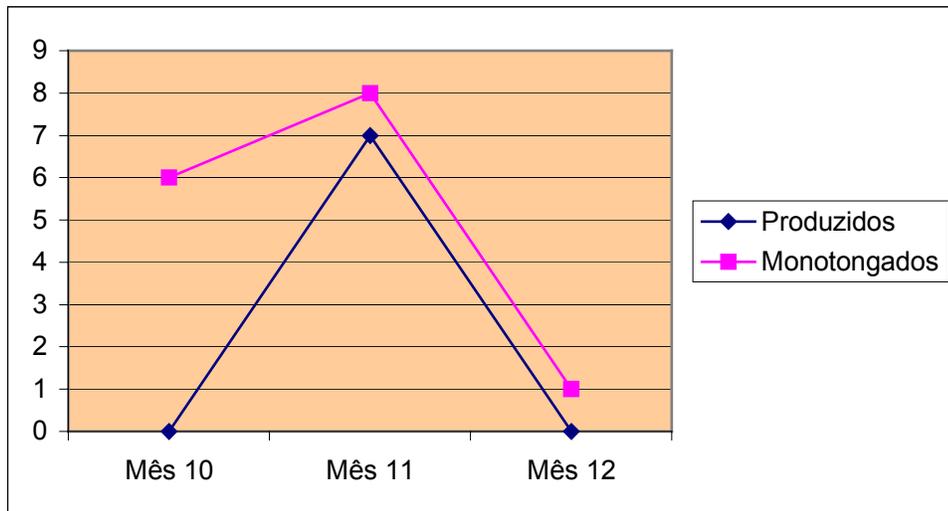


Gráfico 5: Produções de Ditongos Crescentes: Sujeito 01: quarto trimestre

A tabela 9, a seguir, mostra a quantidade de ditongos decrescentes produzida pelo Sujeito 01 durante o quarto trimestre de coleta.

Tabela 9: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 – quarto trimestre.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
10	69	31	100
11	111	15	126
12	42	13	55
Total	222	59	281

Dados como a produção [$\text{d} \cdot \text{d} \text{ } \text{z} \text{ } \text{g} \text{ } \text{m} \text{ } \text{z} \text{ } \text{d}$] para o alvo SUJEIRA, [$\text{z} \text{ } \text{d} \text{ } \text{d} \text{ } \text{d}$] para o alvo BOLSA, [$\text{z} \text{ } \text{d} \text{ } \text{m} \text{ } \text{d} \text{ } \text{z}$] para o alvo PEIXE, [$\text{d} \text{ } \text{m} \text{ } \text{z} \text{ } \text{d} \text{ } \text{d} \text{ } \text{e} \text{ } \text{r}$] para a palavra DEPOIS e [$\text{d} \text{ } \text{z} \text{ } \text{z} \text{ } \text{z} \text{ } \text{d} \text{ } \text{d} \text{ } \text{d}$] para a palavra AVIÃO fazem parte do banco de dados deste trimestre. O gráfico 6 ilustra a produção de ditongos decrescentes do quarto trimestre:

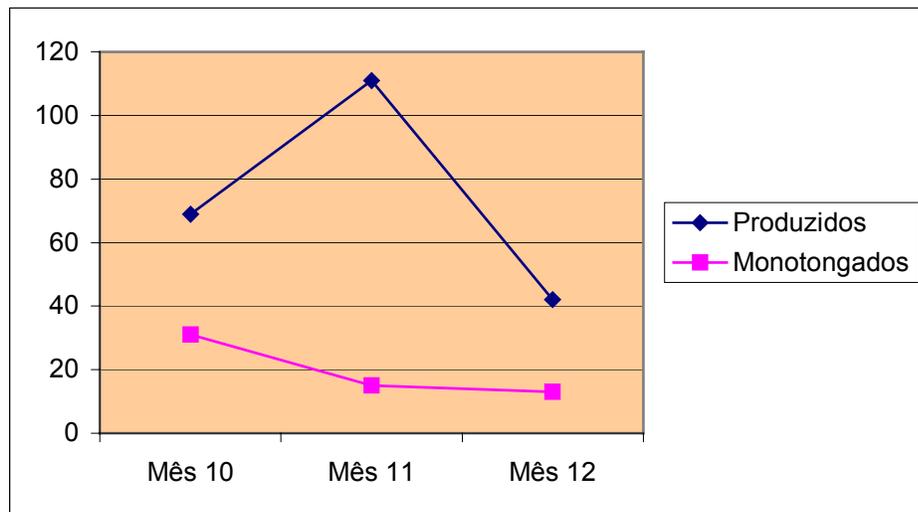


Gráfico 6: Produção de Ditongos Decrescentes: Sujeito 01: quarto trimestre

Em relação aos alvos que tinham ditongos decrescentes em sua estrutura e que foram produzidos no semestre 02 temos, a seguir, na tabela 10:

Tabela 11: Número de alvos com ditongos crescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 01 – semestre 02.

Mês	Produzidos		Monotongados	Total
	Sílaba Átona	Sílaba Tônica		
07	0	0	0	0
08	0	02	02	04
09	0	0	0	0
10	0	0	04	04
11	01	01	04	06
12	0	0	02	02
Total	01	03	12	16

Os meses de **fevereiro, março e abril de 2004** compõem o **quinto trimestre** de análise deste trabalho. No início deste período o sujeito tinha **2;0 anos** de idade. Os números relativos aos ditongos crescentes são:

Tabela 12: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 01 – quinto trimestre.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
13	03	05	08
14	02	02	04
15	04	0	04
Total	09	07	16

Neste trimestre foram produzidas formas com ditongos crescentes como [$\text{ɛ} \rightarrow \text{ɔ}$] para a palavra OLHA, [$\text{ɛ} \rightarrow \text{ɔ}$] para o alvo GUARDE, a forma [$\text{ɛ} \rightarrow \text{ɔ}$] para a palavra COELHO e as formas [$\text{ɛ} \rightarrow \text{ɔ}$] e [$\text{ɛ} \rightarrow \text{ɔ}$] para a palavra REMÉDIO. O gráfico a seguir ilustra a quantidade de produções:

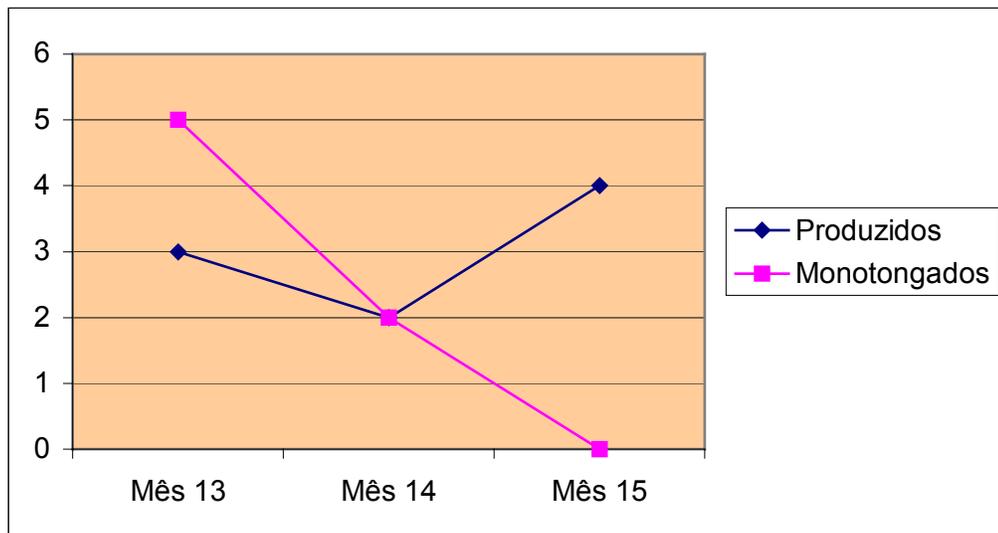


Gráfico 7: Sujeito 01, ditongos crescentes, quinto trimestre

A seguir se encontram tabulados os dados numéricos relativos aos ditongos decrescentes produzidos no quinto trimestre de análise:

Tabela 13: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 – quinto trimestre.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
13	107	12	119
14	59	12	71
15	40	09	49
Total	206	33	239

Neste período foram produzidos dados como, por exemplo, [ɔ̃ɐ̃] para a palavra AZUL, [ɪ̃ɐ̃] para o alvo MINGAU, [ɔ̃ɐ̃] para a palavra ACABOU, [ɔ̃ɐ̃] para a palavra CHAPEUZINHO e as formas [ɐ̃ɐ̃] e [ɐ̃ɐ̃] para a palavra FEIA.

A seguir os dados são ilustrados através do gráfico 8:

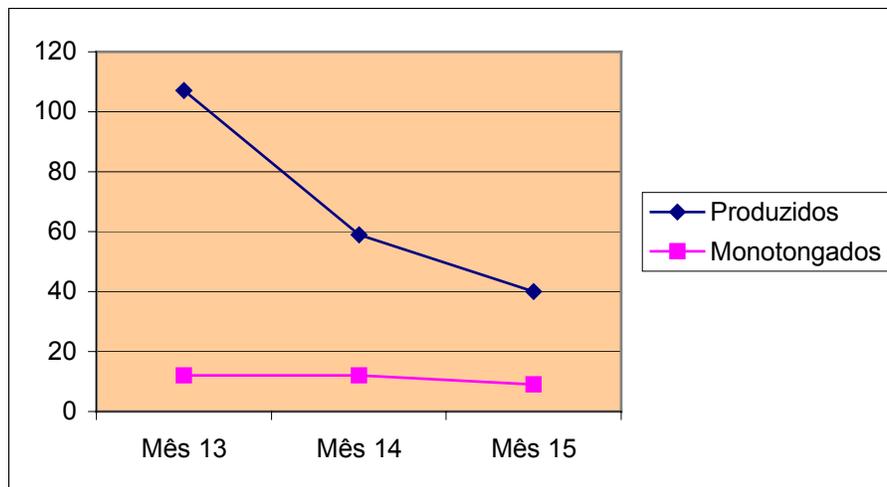


Gráfico 8: Sujeito 01, ditongos decrescentes, quinto trimestre

O **sexto trimestre** de análise é referente aos meses **maio, junho e julho de 2004**. O sujeito 01 iniciou este período com **2;3 anos** de idade. Neste período ele não monotongou nenhuma das produções com ditongos crescentes.

Tabela 14: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 01 – sexto trimestre

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
16	07	0	07
17	04	0	04
18	03	0	03
Total	14	0	14

Palavras como CLÁUDIA, RELÓGIO e LÍNGUA foram produzidas como, respectivamente, [ʃ&ɛ̃ɔ̃♦ɔ̃G•er①], [●↗ʃ●↗G•er◆] e [ʃ(↗)↗ɔ̃♦①]. O gráfico 9 ilustra a tabela acima.

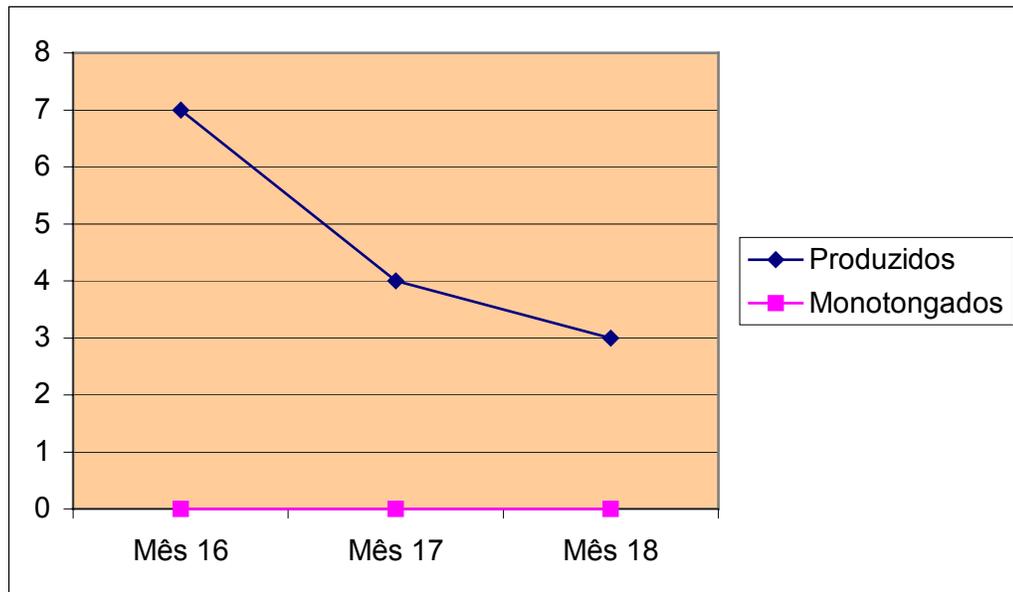


Gráfico 9: Ditongos crescentes, sexto trimestre, Sujeito 01

A quantidade de alvos produzidos com a presença de ditongos decrescentes em sua estrutura silábica está discriminada na tabela 16, a seguir:

Tabela 16: Número de alvos com ditongos decrescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 01 – semestre 03.

Mês	Oralidade	Produzidos					Monotongados	Total
		FON	AMB	MONO	DIT	OUTROS		
13	Oral	01	05	0	06	11	10	33
	Nasal	0	0	0	01	02	04	07
14	Oral	05	02	01	01	17	09	35
	Nasal	0	0	0	0	07	0	07
15	Oral	0	04	0	0	06	05	15
	Nasal	0	0	0	01	03	01	05
16	Oral	03	02	0	02	06	09	22
	Nasal	0	0	0	01	03	01	05
17	Oral	04	04	0	04	15	15	42
	Nasal	0	0	0	0	04	02	06
18	Oral	0	03	0	0	07	03	13
	Nasal	0	0	0	0	07	0	07
Total		13	20	01	16	88	59	197

Foram produzidos, durante o semestre 03, os seguintes alvos com ditongo decrescente em sua estrutura: CHAPEUZINHO [ʌə̃ɔ̃ɪ̃zɪ̃nɦɔ̃], COLOQUEI [ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃] e SOUBESSE [ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃], monotongados e CORAÇÃO [ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃], ORELHA [ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃] e PAPAGAIO [ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃].

Durante o semestre 03, a quantidade de alvos produzidos com ditongos crescentes está na tabela 17 abaixo:

Tabela 17: Número de alvos com ditongos crescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 01 – semestre 03.

Mês	Produzidos		Monotongados	Total
	Sílaba Átona	Sílaba Tônica		
13	04	0	03	07
14	02	01	02	05
15	03	0	02	05
16	03	02	0	05
17	04	0	0	04
18	01	01	0	02
Total	17	04	07	28

Algumas das produções do semestre foram: ÍNDIO [ɪ̃nɦɔ̃] e QUARTO [ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃] e [ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃ɔ̃].

O sétimo trimestre de análise é referente aos meses **agosto, setembro e outubro de 2004**. O sujeito 01 iniciou este período com **2;6 anos** de idade.

Tabela 18: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 01 – sétimo trimestre.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
19	09	04	13
20	08	07	15
21	02	02	04
Total	19	13	32

Neste período foram produzidas formas, como, por exemplo, [ɐ̃ɔ̃] para a palavra EMÍLIA, [ɐ̃ɔ̃] para a palavra ARMÁRIO, [ɐ̃ɔ̃] para a palavra SANDÁLIA, [ɐ̃ɔ̃] para a palavra COELHINHO, [ɐ̃ɔ̃] para a palavra QUARTO, [ɐ̃ɔ̃] para a palavra ÁGUA e [ɐ̃ɔ̃] para a palavra ESTÓRIA. O gráfico 11 ilustra os dados acima:

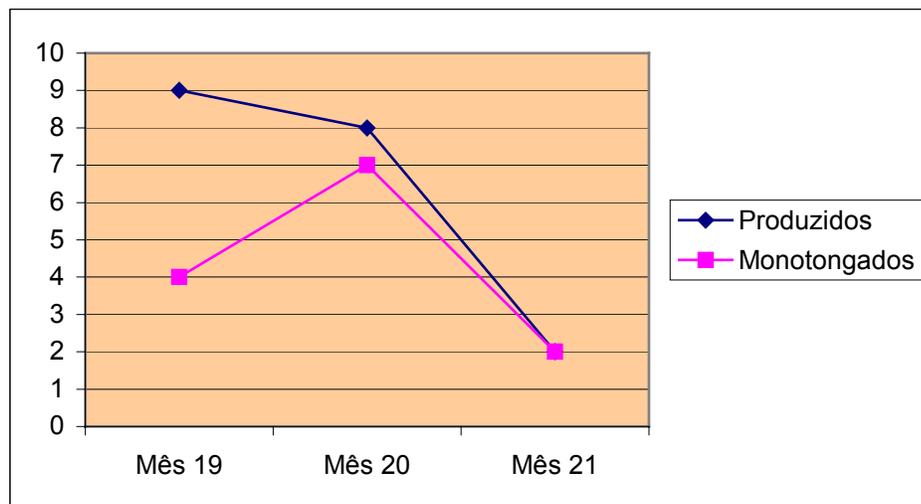


Gráfico 11: Sujeito 01, sétimo trimestre, ditongos crescentes

A tabela 19 mostra os dados numéricos da produção de ditongos decrescentes neste período:

Tabela 19: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 – sétimo trimestre

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
19	89	25	114
20	133	39	172
21	88	21	109
Total	310	85	395

Dados de palavras com ditongos decrescentes como [ɔʌ] para a palavra QUEBROU, [ɔʌ] para a palavra OUTRO, [ɔʌ] para a palavra MAL, [ɔʌ] para a palavra CAROL, [ɔʌ] para a palavra CAIXA, [ɔʌ] para a palavra PASSEI, [ɔʌ] para a palavra BOI e [ɔʌ] para a palavra CHEIO fora coletados. O gráfico 12, a seguir, ilustra os dados da tabela 19.

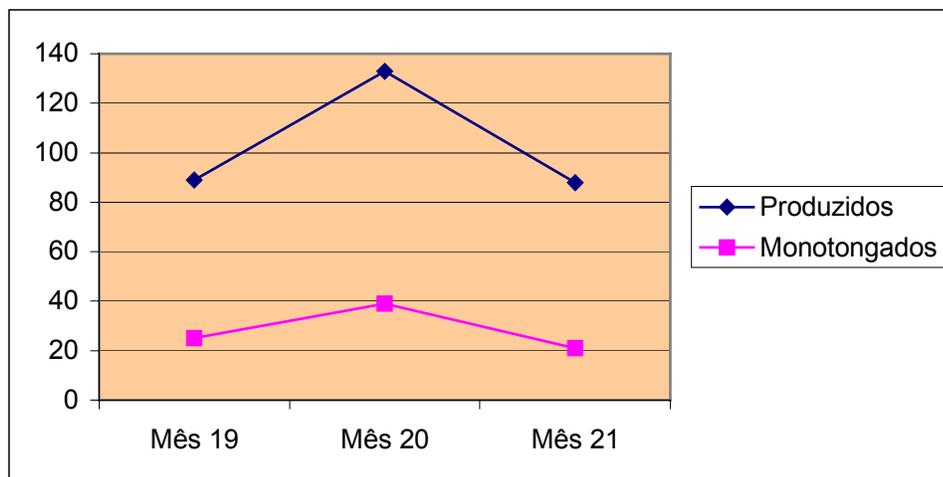


Gráfico 12: Sujeito 01, sétimo trimestre, ditongos decrescentes

O oitavo trimestre de análise é referente aos meses **novembro e dezembro de 2004 e janeiro de 2005**. O sujeito 01 iniciou o último período com **2;9 anos** de idade.

Tabela 20: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 01 – oitavo trimestre

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
22	08	01	09
23	05	02	07
24	0	03	03
Total	13	06	19

Neste período foram produzidas as formas [①→■)(∂↗&•∅er◆] e

[①→■)(∂↗&•∅ler◆] para a palavra ANIVERSÁRIO, [■↗&•∅er◆] para a

palavra NEGÓCIO, [&•∅er◆] para a palavra PÁSCOA, [■)(∂↗&•∅er◆] para a

palavra ESTÓRIA e [&•∅er◆] para a palavra QUARTO. Os números estão

ilustrados no gráfico a seguir:

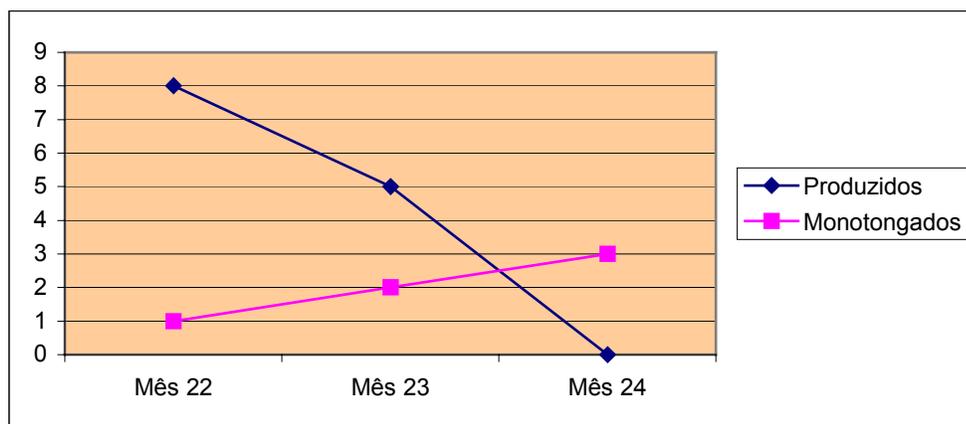


Gráfico 13: Sujeito 01, ditongos crescentes, oitavo trimestre

A tabela 21 mostra os dados numéricos da produção de ditongos decrescentes:

Durante o semestre 04, a quantidade de alvos produzidos com ditongos crescentes está na tabela 22 abaixo:

Tabela 22: Número de alvos com ditongos crescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 01 – semestre 04.

Mês	Produzidos		Monotongados	Total
	Sílaba Átona	Sílaba Tônica		
19	06	03	03	12
20	01	03	04	08
21	0	02	02	04
22	06	01	01	08
23	01	02	01	04
24	02	0	01	03
Total	16	11	12	39

Em relação aos alvos que tinham ditongos decrescentes em sua estrutura e que foram produzidos no semestre 04 temos, a seguir, na tabela 23:

Tabela 23: Número de alvos com ditongos decrescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 01 – semestre 04.

Mês	Oralidade	Produzidos					Monotongados	Total
		FON	AMB	MONO	DIT	OUTROS		
19	Oral	05	01	0	0	18	14	38
	Nasal	0	0	0	01	05	02	08
20	Oral	04	04	0	02	17	17	44
	Nasal	0	0	0	0	11	01	12
21	Oral	04	03	0	02	15	08	32
	Nasal	0	0	0	0	05	01	06
22	Oral	09	01	0	0	17	12	39
	Nasal	0	0	0	0	13	01	14
23	Oral	04	05	0	02	21	10	42
	Nasal	0	0	0	0	11	01	12
24	Oral	06	03	0	0	17	10	36

	Nasal	0	0	0	0	08	03	11
Total		32	17	0	07	158	80	294

Formas como NEGÓCIO e RÁDIO [■ ↗ ✂ ʏ ɸ j ◆] e [✂ ☒ ɔ ɔ ɔ ɔ ◆] foram produzidas com a presença de um ditongo crescente na estrutura silábica do alvo. ATIREI [ɔ ◆ ɔ ✂ ✂ ɔ ɔ ◆] e BAILARINA [ɔ ɔ ◆ ɔ ✂ ✂ ✂ ɔ ɔ ◆] são exemplos de alvos com ditongos decrescentes.

Os dados gerais das produções do Sujeito 01, durante o primeiro ano, para os ditongos crescentes são:

Tabela 24: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 01 durante o primeiro ano de coleta.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
01	0	0	0
02	0	0	0
03	0	0	0
04	0	0	0
05	0	0	0
06	0	0	0
07	0	0	0
08	03	03	06
09	0	0	0
10	0	06	06

11	07	08	15
12	0	01	01
Total	10	18	28

Os dados mostram um crescimento no volume de dados, como podemos observar, logo mais adiante, no gráfico 15, apesar da queda ocorrida no Mês 12.

Os dados gerais das produções do Sujeito 01, durante o segundo ano, para os ditongos crescentes são:

Tabela 25: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 01 durante o segundo ano de coleta.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
13	03	05	08
14	02	02	04
15	04	0	04
16	07	0	07
17	04	0	04
18	03	0	03
19	09	04	13
20	08	07	15
21	02	02	04

22	08	01	09
23	05	02	07
24	0	03	03
Total	55	26	81

Durante o segundo ano, houve um considerável aumento no número de ditongos crescentes.

Para uma melhor visualização, observe o gráfico 16, comparando-o ao gráfico 15.

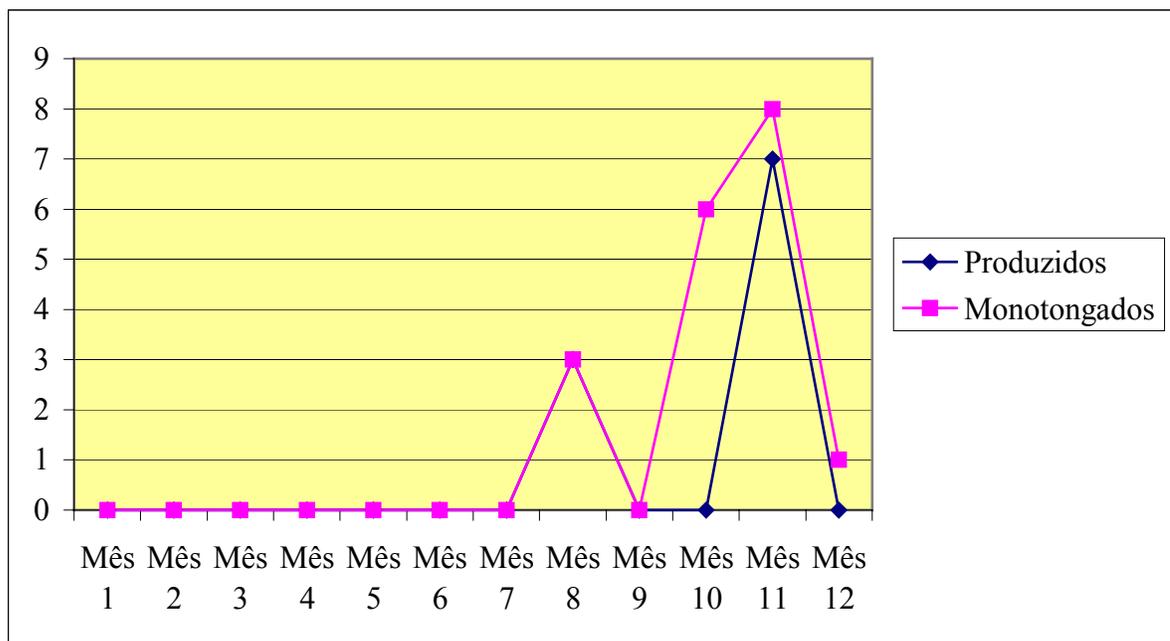


Gráfico15: Sujeito 01, Ditongos Crescentes, primeiro ano

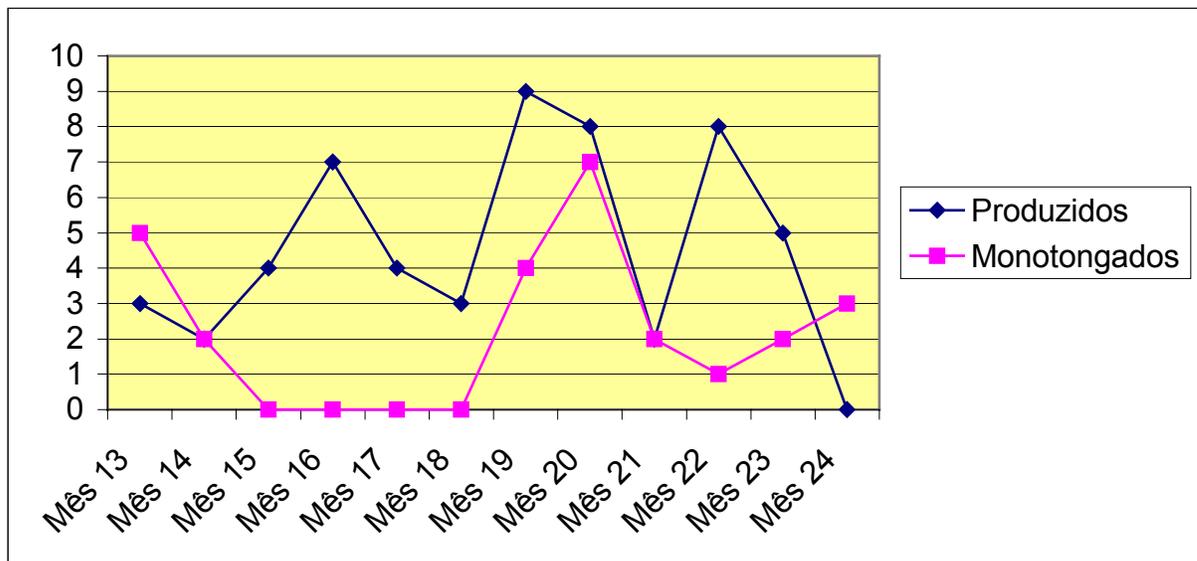


Gráfico 16: Sujeito 01, Ditongos Crescentes, segundo ano

A seguir, estão os dados sobre os ditongos decrescentes produzidos no primeiro ano de coleta pelo Sujeito 01:

Tabela 26: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 durante o primeiro ano de coleta.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
01	20	02	22
02	14	05	19
03	19	12	31
04	12	0	12
05	0	0	0
06	11	06	17
07	0	0	0
08	19	04	23
09	28	15	43

10	69	31	100
11	111	15	126
12	42	13	55
Total	345	103	448

Inicialmente, ocorreu uma queda na quantidade de produções que logo voltou a crescer e continuou oscilando, como ilustra o gráfico 17.

Os dados gerais das produções do Sujeito 01, durante o segundo ano, para os ditongos decrescentes são:

Tabela 27: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 01 durante o segundo ano de coleta.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
13	107	12	119
14	59	12	71
15	40	09	49
16	41	12	53
17	129	52	181
18	32	05	37
19	89	25	114

20	133	39	172
21	88	21	109
22	126	38	164
23	148	12	160
24	103	15	118
Total	1095	252	1349

Durante o segundo ano, o número de produções de ditongos decrescentes aumentou significativamente. Este fato está ilustrado no gráfico 18. Compare-o ao gráfico 17.

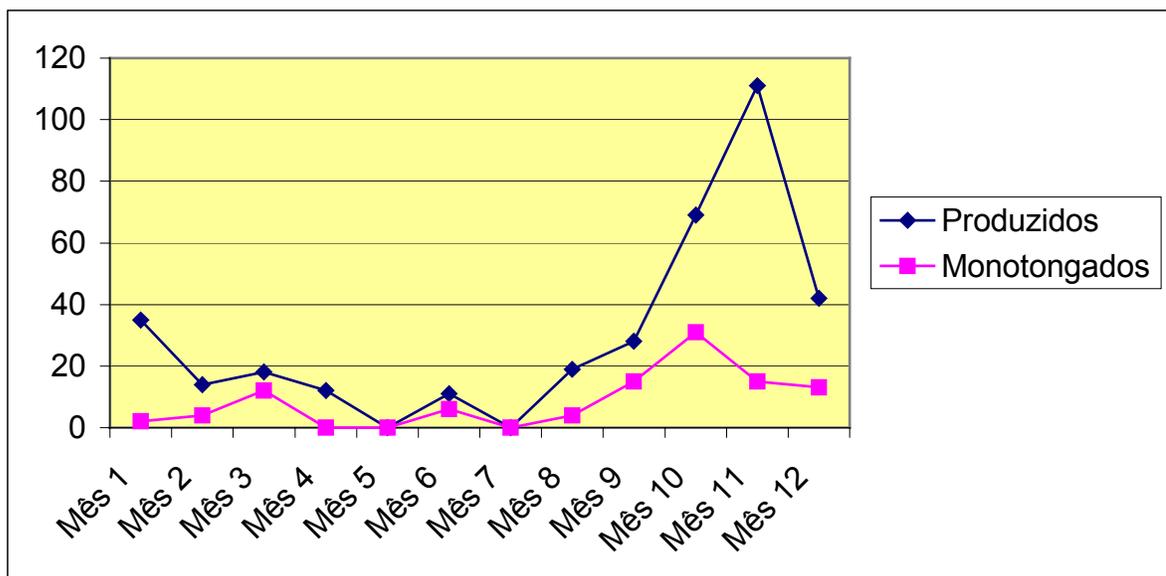


Gráfico 17: Sujeito 01, Ditongos Decrescentes, primeiro ano

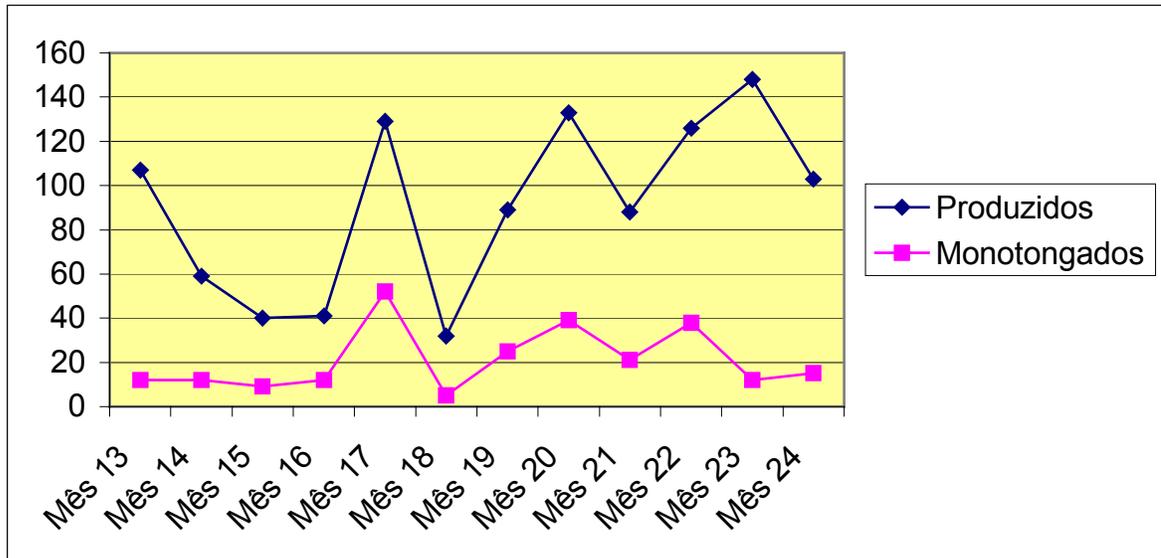


Gráfico 18: Sujeito 01, Ditongos Decrescentes, segundo ano

5.2 SUJEITO 02

Durante o **primeiro trimestre** de coleta, **julho, agosto e setembro de 2003**, o Sujeito 02, contando com **01 ano de idade**, não produziu, assim como o Sujeito 01, nenhum tipo de ditongo crescente durante os períodos de interação com o entrevistador:

Tabela 28: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 – primeiro trimestre.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
01	0	0	0
02	0	0	0
03	0	0	0
Total	0	0	0

A tabela 29 mostra a quantidade de ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 durante o primeiro trimestre de coleta:

Tabela 29: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 – primeiro trimestre.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
01	49	01	50
02	09	0	09
03	09	02	11
Total	67	03	70

Os ditongos monotongados neste período foram os da palavra NÃO [x<■●→], da palavra MAMÃE [○●→x<○●→] e da palavra PAPAI [■◊x<■◊]. As palavras com os ditongos sendo produzidos segundo o modelo adulto foram, dentre outras, NÃO, MÃE e MIAU [x◊♦].

O gráfico 19, a seguir, mostra o comportamento lingüístico do Sujeito 01, em relação aos ditongos decrescentes, durante o primeiro trimestre de coleta de dados:

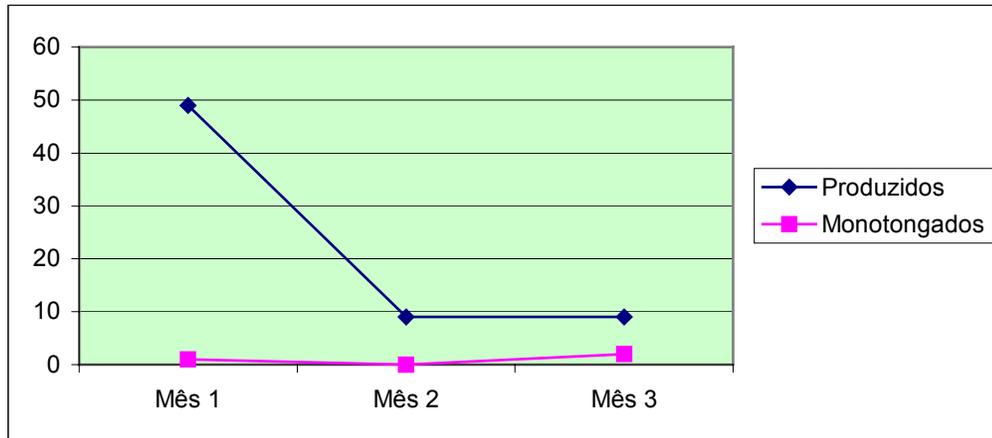


Gráfico 19: Sujeito 02, ditongos decrescentes, primeiro trimestre

Durante o **segundo trimestre** de coleta, **outubro, novembro e dezembro de 2003**, o Sujeito 02, contando com **1;3 anos de idade**, não produziu, também como o Sujeito 01, nenhum tipo de ditongo crescente durante os períodos de interação com o entrevistador:

Tabela 30: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 – segundo trimestre.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
04	0	0	0
05	0	0	0
06	0	0	0
Total	0	0	0

A seguir, estão tabulados os dados numéricos relativos aos ditongos decrescentes produzidos neste trimestre:

Tabela 31: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 – segundo trimestre.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
04	17	0	17

01	Oral	0	0	0	0	04	0	04
	Nasal	0	0	0	0	0	01	01
02	Oral	0	0	0	0	02	0	02
	Nasal	0	0	0	0	02	03	05
03	Oral	0	0	0	0	03	0	03
	Nasal	0	0	0	0	01	02	03
04	Oral	0	0	0	0	03	0	03
	Nasal	0	0	0	0	0	0	0
05	Oral	0	0	0	0	0	0	0
	Nasal	0	0	0	0	0	0	0
06	Oral	0	0	0	0	04	01	05
	Nasal	0	0	0	0	01	02	03
Total		0	0	0	0	20	09	29

Palavras como NÃO e PAPAI, tiveram seus ditongos monotongados, respectivamente, em [$\text{ɲ} \rightarrow \text{ɲ}$] e [pa ɲ pa]. Os alvos EI, NÃO e AU-AU tiveram seus ditongos produzidos.

Durante o **terceiro trimestre** de coleta, **janeiro, fevereiro e março de 2004**, o Sujeito 02, de **01 ano e meio**, só produziu ditongos crescentes durante o terceiro mês do período. Os dados numéricos são:

Tabela 33: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 – terceiro trimestre.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
-----	------------	--------------	-------

07	12	07	19
08	0	0	0
09	37	07	44
Total	49	14	63

O sujeito produziu as formas [ajaj] para a palavra GÁS, [$\text{a} \text{e} \text{a}$] para a palavra DODÓI e [pa a pa] para a palavra PAPAI. O gráfico 22, a seguir, é referente aos dados da tabela 34:

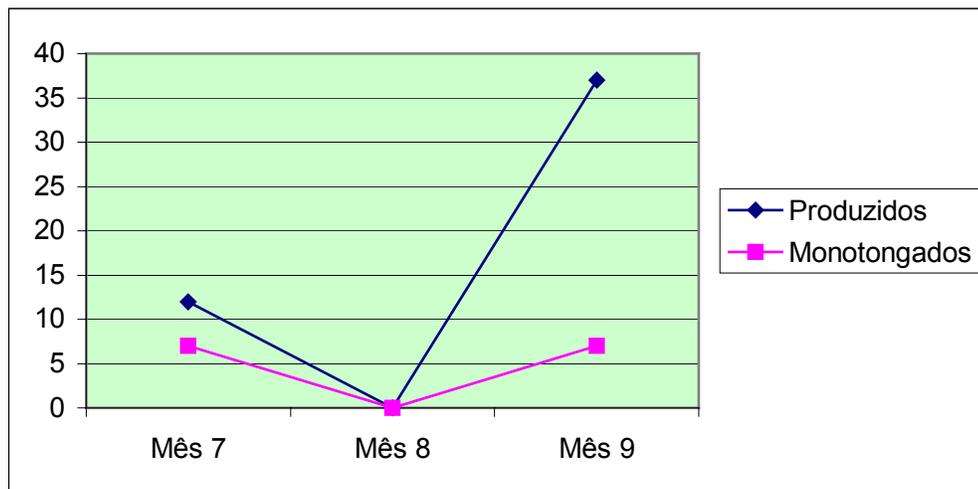


Gráfico 22: Ditongos decrescentes, Sujeito 02, terceiro trimestre

Durante o **quarto trimestre** de coleta, **abril, maio e junho de 2004**, o Sujeito 02, que no início do período tinha **1;09 anos** de idade, produziu a seguinte quantidade de ditongos crescentes:

Tabela 35: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 – quarto trimestre.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
10	0	04	04
11	05	02	07
12	0	09	09
Total	05	15	20

A palavra ÁGUA foi realizada de várias formas: [$\text{ʌ} \text{ɔ} \text{b} \text{ɪ}$], [$\text{ʌ} \text{ɔ} \text{bw} \text{ɪ}$], [$\text{ʌ} \text{ɔ} \text{w} \text{ɪ}$] e [$\text{ʌ} \text{ɔ} \text{g} \text{ɪ}$]. O gráfico 23 refere-se aos dados da tabela 35.

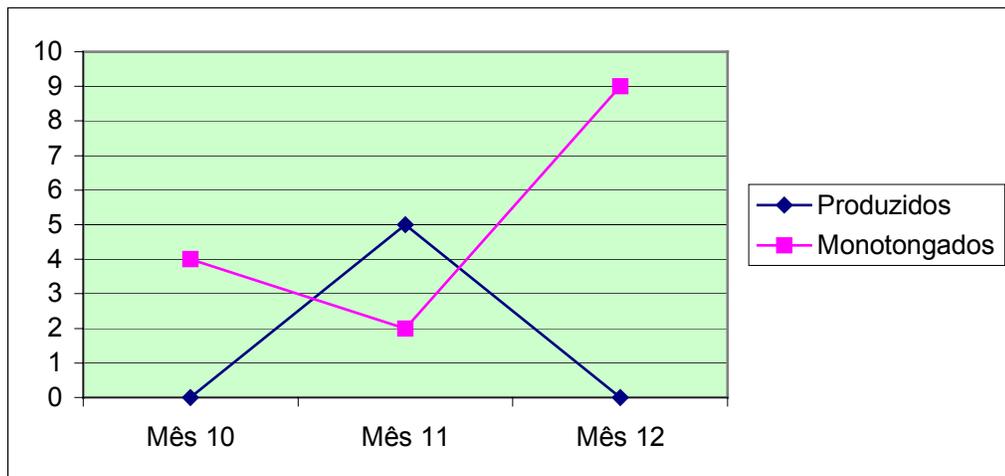


Gráfico 23: Ditongos Crescentes, Sujeito 02, quarto trimestre

A tabela 36, a seguir, mostra a quantidade de ditongos decrescentes produzida pelo Sujeito 02 durante o quarto trimestre de coleta.

Tabela 36: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 – quarto trimestre.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
-----	------------	--------------	-------

10	06	11	17
11	20	20	40
12	50	0	50
Total	76	31	107

Dados como a produção [$\text{O}\text{O}\rightarrow\text{X}\text{O}\text{O}\rightarrow$] para o alvo MAMÃE, [paXpa] para o alvo PAPAI e [Xgo] para o alvo GOL fazem parte do banco de dados deste trimestre. O gráfico 24 ilustra a produção de ditongos decrescentes do quarto trimestre:

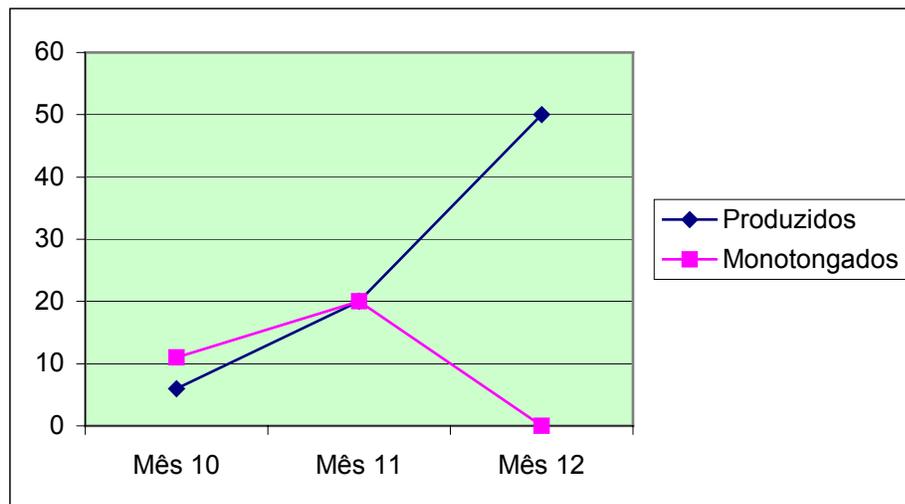


Gráfico 24: Ditongos Decrescentes, Sujeito 02, quarto trimestre

Em relação aos alvos que tinham ditongos decrescentes em sua estrutura e que foram produzidos no semestre 02 temos, a seguir, na tabela 37:

Tabela 37: Número de alvos com ditongos decrescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 02 – semestre 02.

Mês	Oralidade	Produzidos	Monotongados	Total
-----	-----------	------------	--------------	-------

		FON	AMB	MONO	DIT	OUTROS		
07	Oral	0	0	0	0	04	01	05
	Nasal	0	0	0	0	01	02	03
08	Oral	0	0	0	0	0	0	0
	Nasal	0	0	0	0	0	0	0
09	Oral	01	0	0	03	03	05	12
	Nasal	0	0	0	01	05	01	07
10	Oral	01	0	0	0	03	02	06
	Nasal	0	0	0	0	0	01	01
11	Oral	02	0	0	0	07	05	14
	Nasal	0	0	0	0	02	02	04
12	Oral	0	0	0	0	0	0	0
	Nasal	0	0	0	0	0	0	0
Total		04	0	0	04	25	19	52

Formas como TRABALHANDO e QUEM foram produzidas com a presença de um ditongo decrescente: [[a]e] e [[a]o]. Ocorreu a monotongação de SUJOU [[a]o] e de DINHEIRO [[a]o].

Durante o semestre 02, a quantidade de alvos produzidos com ditongos crescentes, como, por exemplo, ÁGUA [[a]o] e [[a]o], está na tabela 38 abaixo:

Tabela 38: Número de alvos com ditongos crescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 02 – semestre 02.

Mês	Produzidos		Monotongados	Total
	Sílaba Átona	Sílaba Tônica		
07	0	0	0	0
08	0	0	0	0
09	0	01	02	03
10	0	0	01	01
11	01	02	01	04
12	0	0	01	01
Total	01	03	05	09

Os meses de **julho, agosto e setembro de 2004** compõem o **quinto trimestre** de análise deste trabalho. No início deste período o sujeito tinha **2;0 anos** de idade. Os números relativos aos ditongos crescentes são:

Tabela 39: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 – quinto trimestre.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
13	30	06	36
14	01	13	14
15	01	09	10
Total	32	28	60

Neste período, foram produzidos dados como, por exemplo, [ʒop¹] para a palavra ROUPA, [ɛkaʒɔ] para a palavra ACABOU, e as formas [ʒɔp¹] para a palavra HOMEM.

A seguir, os dados são ilustrados através do gráfico 26:

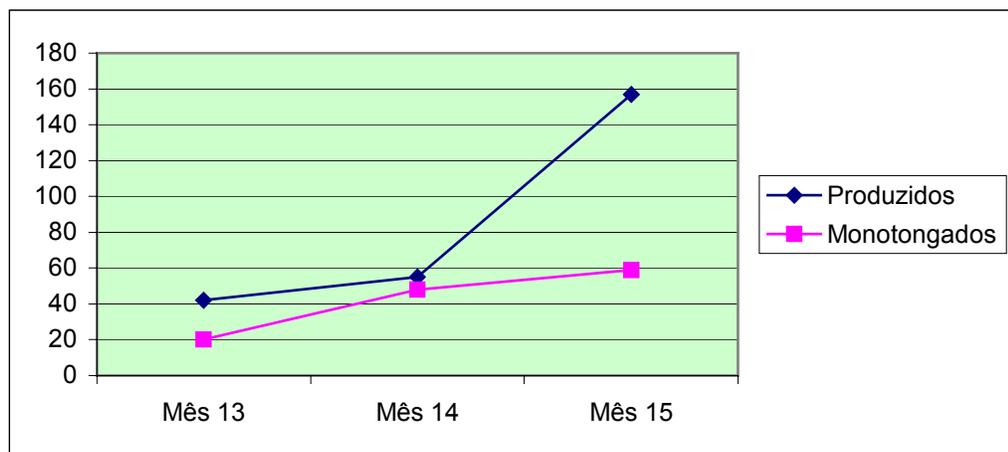


Gráfico 26: Sujeito 02, Ditongos decrescentes, quinto trimestre

O **sexto trimestre** de análise é referente aos meses **outubro, novembro e dezembro de 2004**. O sujeito 02 iniciou este período com **2;3 anos** de idade. As produções com ditongos crescentes foram, assim, quantificadas:

Tabela 41: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 – sexto trimestre

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
16	02	10	12
17	01	05	06
18	0	0	0

Total	03	15	18
-------	----	----	----

Palavras como QUARTO, SANDÁLIA e RELÓGIO foram produzidas como, respectivamente, [ʁ&ɔtu], [ɔ̃➔ʁ<ɔ̃➔•] e [ʁ̃➔ʁ<•➔ɔ̃➔]. O gráfico 27 ilustra a tabela acima.

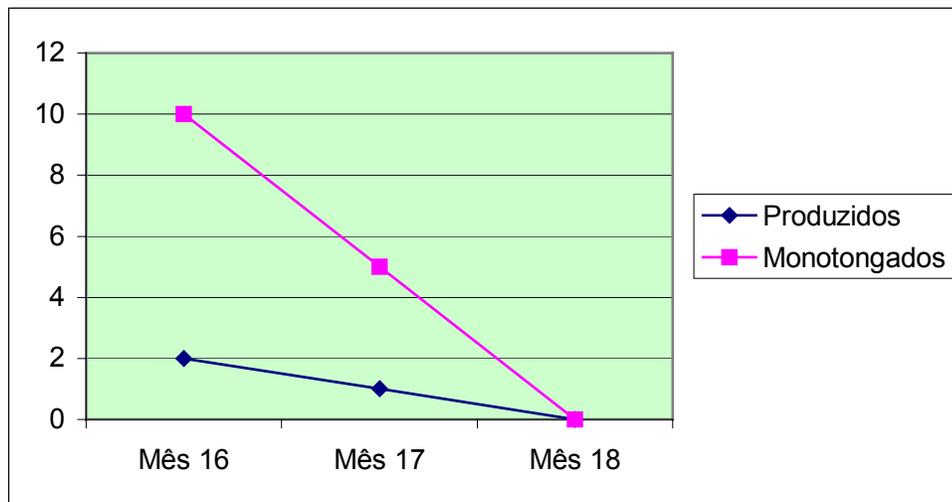


Gráfico 27: Ditongos Crescentes, Sujeito 02, sexto trimestre

A tabela 42 mostra os dados numéricos relativos aos ditongos decrescentes.

Tabela 42: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 – sexto trimestre

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
16	167	23	190
17	73	46	119

18	31	16	47
Total	271	85	356

Produções como [papaʔaj] para PAPAGAIO, [ʔʔm→eɾ→] para TREM, [ʔ□] para a palavra OUTRO e [ʔ□s] e [ʔ□m] para a palavra PEIXE foram realizadas pelo sujeito. Os números da tabela 42 são abaixo ilustrados no gráfico 28:

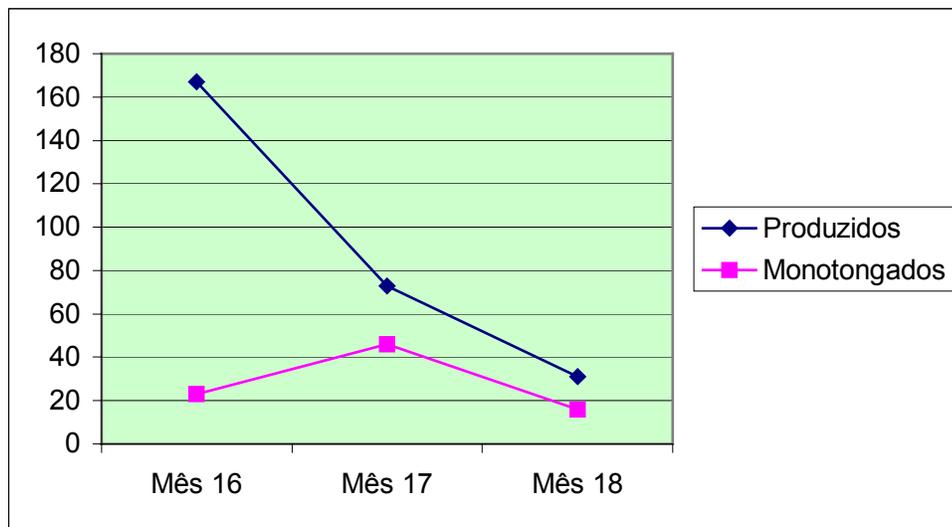


Gráfico 28: Ditongos Decrescentes, Sujeito 02, sexto trimestre

No semestre 03, o Sujeito 02 teve a intenção de produzir o único ditongo crescente nasal da pesquisa ao nomear o PINGÜIM que havia em seu quarto [ʔm]. A quantidade de alvos produzidos com a presença de ditongos crescentes em sua estrutura silábica está discriminada a seguir:

Tabela 43: Número de alvos com ditongos crescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 02 – semestre 03.

Mês	Produzidos		Monotongados	Total
	Sílaba Átona	Sílaba Tônica		
13	0	01	01	02
14	02	0	05	07
15	0	01	07	08
16	01	0	06	07
17	0	0	03	03
18	0	0	0	0
Total	03	02	22	27

Em relação aos alvos que tinham ditongos decrescentes em sua estrutura e que foram produzidos no semestre 03, temos, a seguir, na tabela 44:

Tabela 44: Número de alvos com ditongos decrescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 02 – semestre 03.

Mês	Oralidade	Produzidos	Monotongados	Total
-----	-----------	------------	--------------	-------

		FON	AMB	MONO	DIT	OUTROS		
13	Oral	0	01	0	0	05	06	12
	Nasal	0	0	0	0	06	01	07
14	Oral	03	0	0	01	10	10	24
	Nasal	0	0	0	0	02	02	04
15	Oral	01	0	0	02	21	20	44
	Nasal	0	0	0	0	09	06	15
16	Oral	05	02	0	03	15	16	41
	Nasal	0	0	0	0	06	02	08
17	Oral	01	0	01	02	10	14	28
	Nasal	0	0	0	0	09	02	11
18	Oral	0	0	0	01	10	09	20
	Nasal	0	0	0	0	04	0	04
Total		10	03	01	09	107	88	218

Foram produzidos, durante o semestre 03, os seguintes alvos com ditongo decrescente em sua estrutura: TIREI [◆♦⋈⋈●ℳ_{er}], ANEL [●→⋈■↗♦] e PRAIA [⋈□⊗_{er}●], e CADEIRA [&⊗⋈⊗ℳ●●], APAGOU [□⊗⋈↘□] e PULSEIRA [⋈♦ℳ●●].

O sétimo trimestre de análise é referente aos meses **janeiro, fevereiro e março de 2005**. O sujeito 01 iniciou este período com **2;6 anos** de idade.

Tabela 45: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 – sétimo trimestre

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
19	04	09	13
20	0	06	06
21	01	09	10
Total	05	24	29

Neste período foram produzidas formas, como, por exemplo, [ɛuɔbɔl] para a palavra ROMÁRIO, [ʁoadao] para a palavra GUARDADOR e [•ɔ→ɔɔl] para a palavra SANDÁLIA. O gráfico 29 ilustra os dados acima:

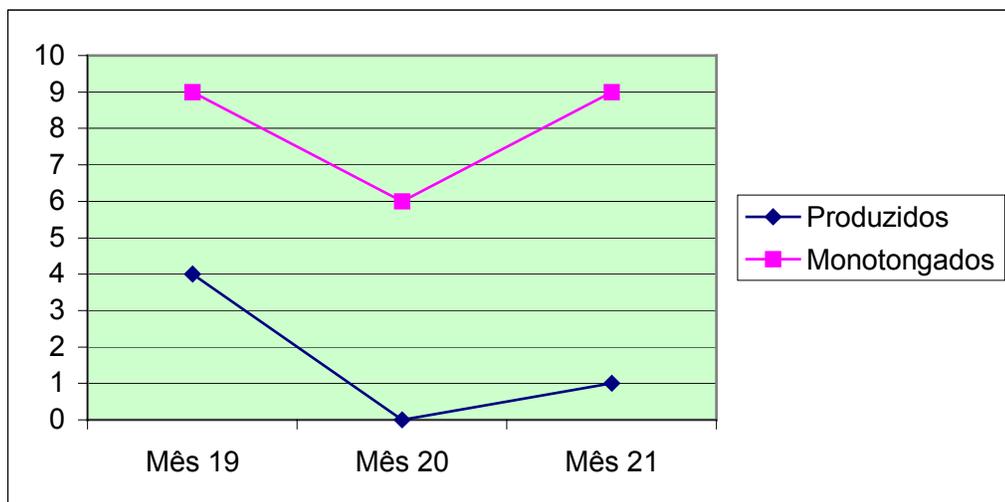


Gráfico 29: Ditongos Crescentes, Sujeito 02, sétimo trimestre

A seguir, estão os números relativos aos ditongos decrescentes na tabela 46:

Tabela 46: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 – sétimo trimestre

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
19	136	58	194
20	90	49	139
21	155	67	222
Total	381	174	555

As palavras CAMINHÃO, TOMOU e POEIRA foram produzidas como, respectivamente, [$\diamond \text{X} \rightarrow \diamond \text{X} \rightarrow \text{X} \bullet \bullet \rightarrow \diamond \rightarrow]$, [$\diamond \square \rightarrow \text{X} \circ \square]$ [$\square \diamond \text{X} \text{M} \bullet \bullet]$. A seguir, os números da tabela acima são ilustrados no gráfico 30.

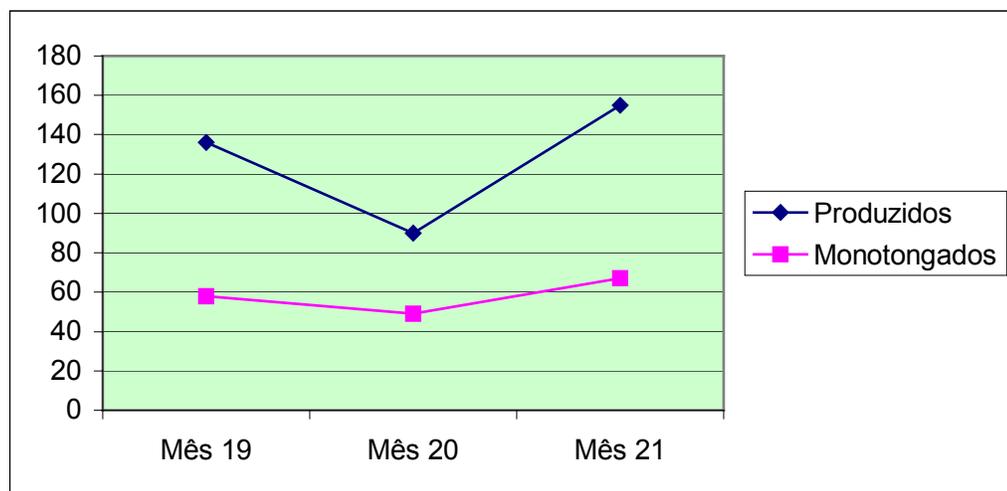


Gráfico 30: Ditongos Decrescentes, Sujeito 02, sétimo trimestre

O **oitavo trimestre** de análise é referente aos meses **abril, maio e junho de 2005**. O sujeito 02 iniciou o último período com **2;9 anos** de idade.

Tabela 47: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 – oitavo trimestre

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
22	0	09	09
23	0	01	01
24	0	0	0
Total	0	10	10

Neste último período foram produzidas as formas [■ ↗ ✂ ʏ ɔ ɨ ɔ] para a palavra NEGÓCIO e [✂ ✂ ✂ ✂ ɨ] para a palavra ESTÓRIA. Os números estão ilustrados no gráfico, a seguir:

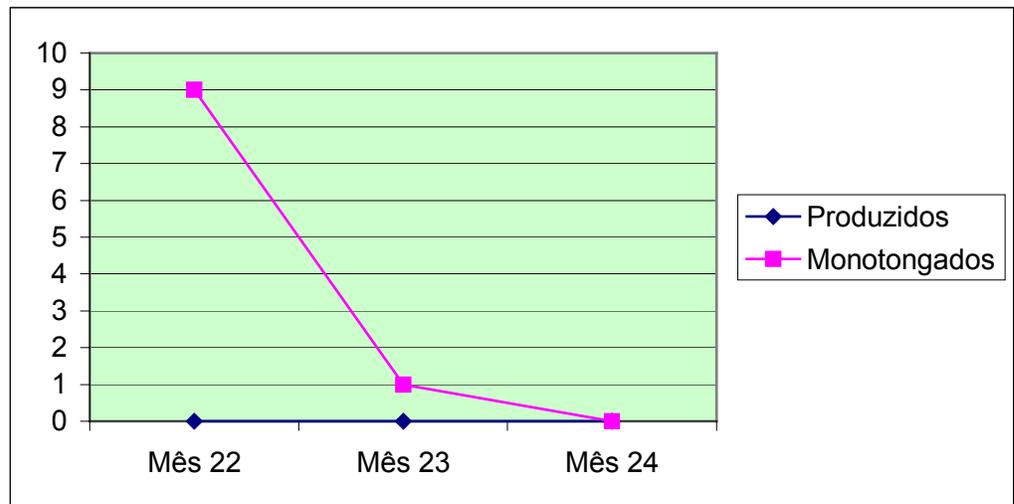


Gráfico 31: Ditongos crescentes, Sujeito 02, oitavo trimestre

Abaixo está a tabela 48 com os dados numéricos relativos aos ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 durante o último trimestre de análise.

Tabela 48: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 – oitavo trimestre

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
22	127	65	192
23	90	28	118
24	0	0	0
Total	217	93	310

Foram produzidas formas como [$\text{ɛ} \rightarrow \text{ɔ}$] para a palavra TROUXE, [$\text{ɛ} \rightarrow \text{ɔ}$] para a palavra EMBAIXO e [$\text{ɛ} \rightarrow \text{ɔ}$] para a palavra TORNEIRA. O gráfico 32 ilustra os números relativos aos ditongos decrescentes deste período:

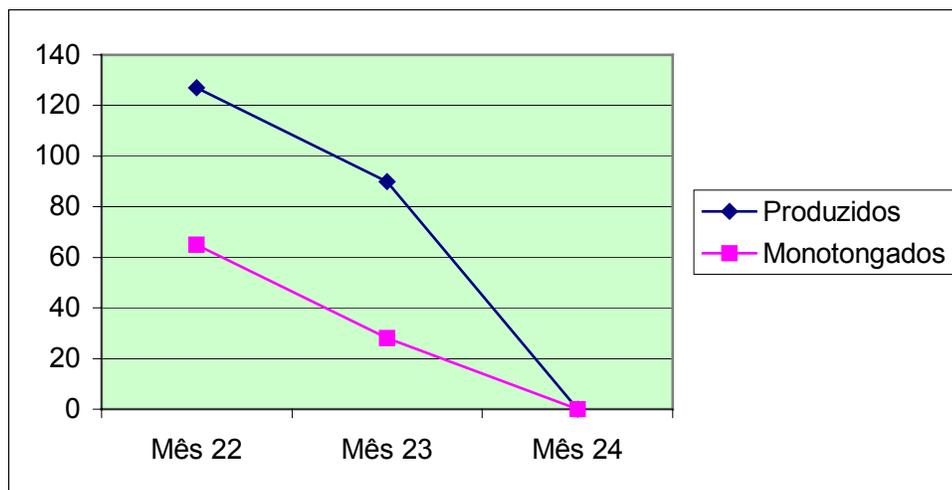


Gráfico 32: Ditongos decrescentes, Sujeito 02, oitavo trimestre

Durante o semestre 04, a quantidade de alvos produzidos com ditongos crescentes está na tabela 49 abaixo:

Tabela 49: Número de alvos com ditongos crescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 02 – semestre 04.

Mês	Produzidos		Monotongados	Total
	Sílaba Átona	Sílaba Tônica		
19	01	01	06	08
20	0	0	04	04
21	0	01	05	06
22	0	0	08	08
23	0	0	01	01
24	0	0	0	0
Total	01	02	24	27

Em relação aos alvos que tinham ditongos decrescentes em sua estrutura e que foram produzidos no semestre 04 temos, a seguir, na tabela 48:

Tabela 50: Número de alvos com ditongos decrescentes em sua estrutura produzidos pelo Sujeito 02 – semestre 04.

Mês	Oralidade	Produzidos					Monotongados	Total
		FON	AMB	MONO	DIT	OUTROS		
19	Oral	04	0	0	04	17	30	55
	Nasal	0	0	0	01	12	04	16
20	Oral	01	0	0	0	16	23	40
	Nasal	0	0	0	0	07	02	09
21	Oral	07	03	01	03	22	35	71
	Nasal	0	0	0	0	10	02	12
22	Oral	03	01	01	05	25	26	61
	Nasal	0	0	0	01	07	02	10
23	Oral	02	01	0	03	21	23	50
	Nasal	0	0	0	0	08	04	12
24	Oral	0	0	0	0	0	0	0
	Nasal	0	0	0	0	0	0	0
Total		17	05	02	16	145	151	336

Os dados gerais das produções do Sujeito 01, durante o primeiro ano, para os ditongos crescentes são:

Tabela 51: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 durante o primeiro ano de coleta.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
01	0	0	0
02	0	0	0
03	0	0	0
04	0	0	0
05	0	0	0
06	0	0	0
07	0	0	0
08	0	0	0
09	01	03	04
10	0	04	04
11	05	02	07
12	0	09	09
Total	06	18	24

Os dados mostram o surgimento dos ditongos crescentes a partir do quarto trimestre, como podemos observar, logo mais adiante, no gráfico 33.

Os dados gerais das produções do Sujeito 02, durante o segundo ano, para os ditongos crescentes são:

Tabela 52: Ditongos crescentes produzidos pelo Sujeito 02 durante o segundo ano de coleta.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
13	30	06	36
14	01	13	14
15	01	09	10
16	02	10	12
17	01	05	06
18	0	0	0
19	04	09	13
20	0	06	06
21	01	09	10
22	127	65	192
23	90	28	118
24	0	0	0
Total	257	160	417

Podemos observar o crescimento no volume de dados a partir do amadurecimento do sujeito.

Os dados estão abaixo ilustrados no gráfico 34.

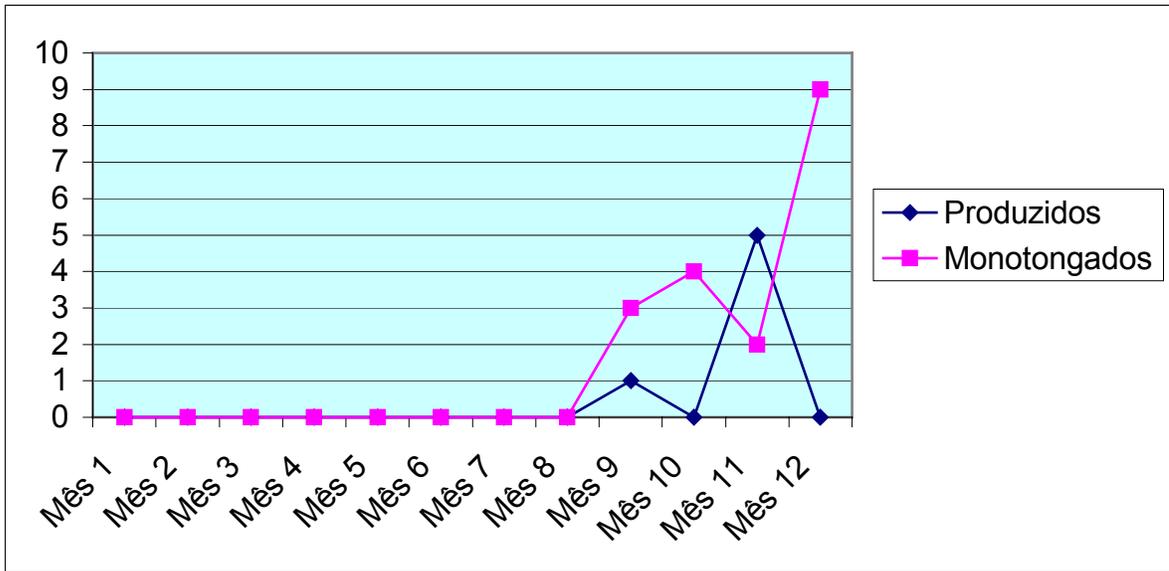


Gráfico 33: Produção do primeiro ano, ditongos crescentes, Sujeito 02

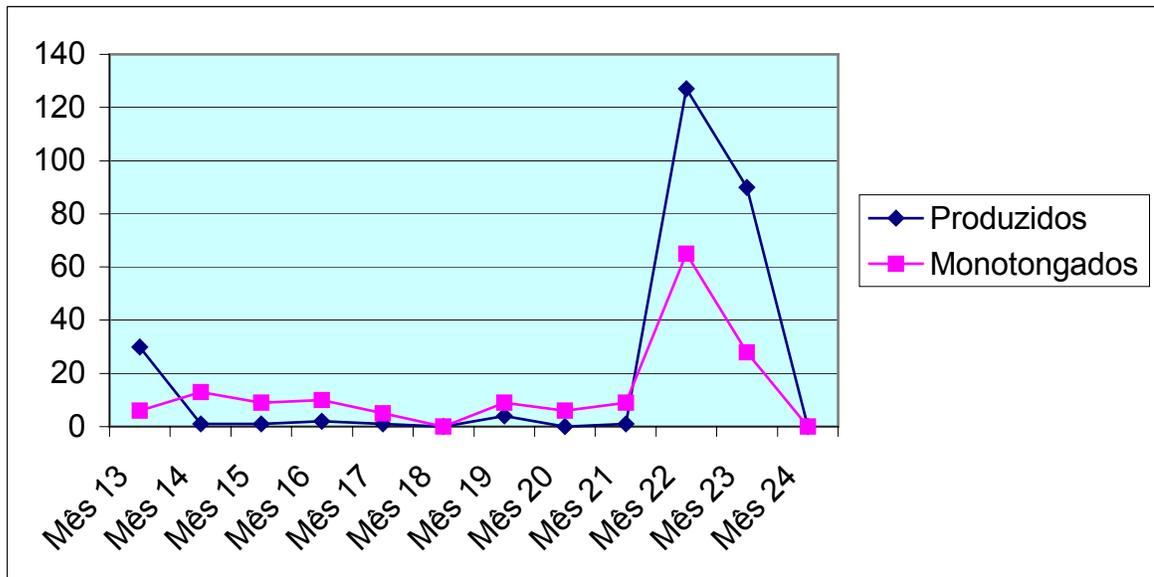


Gráfico 34: Produção do segundo ano, ditongos crescentes, Sujeito 02

A tabela 53, a seguir, traz o resumo numérico das produções de ditongos decrescentes do Sujeito 02 durante o primeiro ano de coleta de dados.

Tabela 53: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 durante o primeiro ano de coleta.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
01	49	01	50
02	09	0	09
03	09	02	11
04	17	0	17
05	0	0	0
06	0	0	0
07	12	07	19
08	0	0	0
09	37	07	44
10	06	11	17
11	20	20	40
12	50	0	50
Total	209	48	257

Os dados mostram um crescimento no volume de dados, como podemos observar, logo mais adiante, no gráfico 35, apesar da queda ocorrida no Mês 12.

Os dados gerais das produções do Sujeito 02, durante o segundo ano, para os ditongos decrescentes são:

Tabela 54: Ditongos decrescentes produzidos pelo Sujeito 02 durante o segundo ano de coleta.

Mês	Produzidos	Monotongados	Total
13	42	20	62
14	55	48	103
15	157	59	216
16	167	23	190
17	73	46	119
18	31	16	47
19	136	58	194
20	90	49	139
21	155	67	222
22	127	65	192
23	90	28	118
24	0	0	0
Total	1123	479	1602

O volume de dados produzidos vai aumentando com a idade do sujeito.

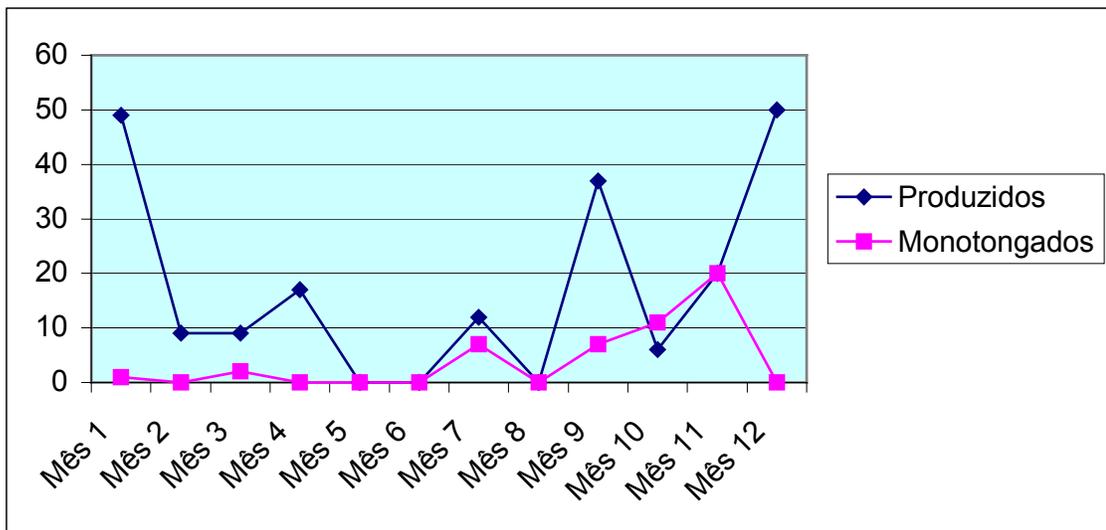


Gráfico 35: Produção do primeiro ano, ditongos decrescentes, Sujeito 02

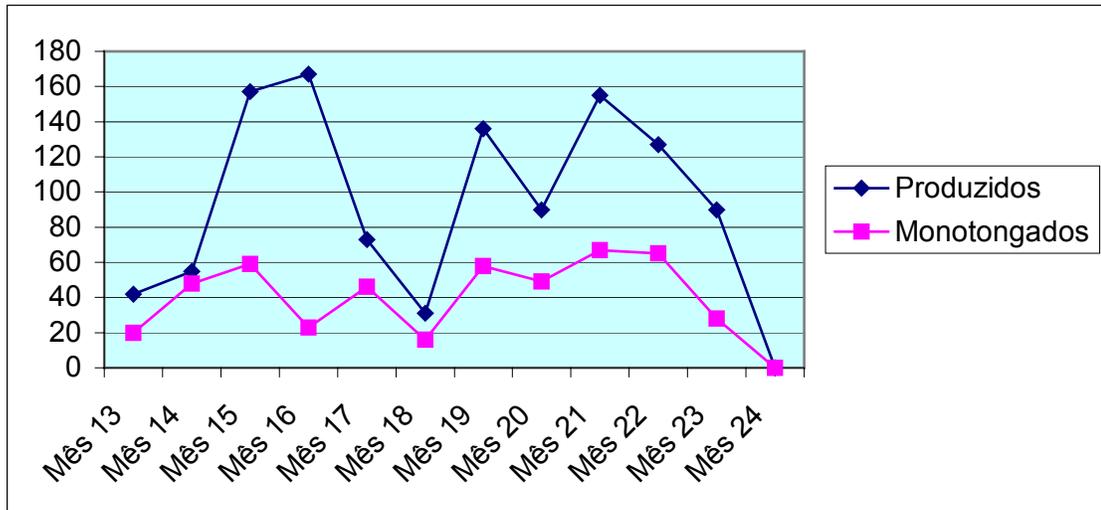


Gráfico 36: Produção do segundo ano, ditongos decrescentes, Sujeito 02

6 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados levantados para essa pesquisa foram confrontados com os objetivos e com as hipóteses lançados no capítulo 1 deste trabalho, obtendo-se os seguintes resultados:

6.1 O QUE EMERGE PRIMEIRO: DITONGO CRESCENTE OU DITONGO DECRESCENTE?

No primeiro ano de pesquisa, o Sujeito 01 produziu 359 palavras com Ditongo Decrescente e, apenas, 10 palavras com Ditongo Crescente. Já o Sujeito 02 produziu 209 palavras com Ditongo Decrescente e, também, apenas, 10 palavras com Ditongo Crescente. Ambos não produziram nenhum Ditongo Crescente durante os seis primeiros meses de coleta de dados.

A partir da análise dos dados coletados, tanto do Sujeito 01 quanto do Sujeito 02, observou-se que o Ditongo Decrescente emerge antes do Ditongo Crescente na língua portuguesa. Essa preferência pode ser explicada a partir da análise da língua ambiente (fala adulta) através dos dados expostos em Silveira (2003), que trabalhou com três bancos de dados de fala adulta (NURC - Salvador, Dicionário Aurélio (mini) e Inquéritos do Português Afro-Baiano), mostrando que os ditongos decrescentes são mais recorrentes na fala adulta.

Tabela 55: adaptação de Silveira (2003): dados sobre a ocorrência de ditongos na fala adulta.

Ditongos Crescentes	DICIO-NÁRIO	NURC	AFRO-BAIANO	Ditongos Decrescentes	DICIO-NÁRIO	NURC	AFRO-BAIANO
SV	0,01	0	0,04	CVS	3,91	4,19	6,74
CSV	2	0,84	0,86	CVSC	2,11	1,56	0,88
CSVC	0,14	0,41	0,29	VS	0,6	1,09	1,12
CCSV	0,05	0,07	0,04	CCVS	0,18	0,18	0,24
CSVS	0,02	0,07	0,01	VSC	0,08	0,22	0,08
CSVSC	0	0,01	0	CCVSC	0,03	0,03	0
	2,22	1,4	1,24	VSCC	0	0,01	0,01
				CVSCC	0,01	0,25	0,08
				CSVS	0,02	0,07	0,01
				CSVSC	0	0,01	0
					6,94	7,61	9,16

6.2 O QUE EMERGE PRIMEIRO: O DITONGO ORAL OU O DITONGO NASAL?

Em relação aos ditongos Decrescentes, tanto os orais quanto os nasais emergiram ao mesmo tempo. Isso se deve, muito provavelmente, ao fato de que as palavras que designam os nomes de familiares e objetos mais próximos à criança têm ditongos em sua estrutura, como, por exemplo, PAPAI, MAMÃE, NENÉM, NÃO, MINGAU, AU-AU (onomatopéia para a “voz” do cachorro), etc.

Por falta de dados suficientes, não foi possível realizar uma análise sobre os ditongos crescentes nasais.

6.3 QUAL A ESTRATÉGIA IMPLEMENTACIONAL DA SIMPLIFICAÇÃO DE DITONGOS É MAIS RECORRENTE?

A elisão parcial foi, realmente, a estratégia implementacional mais utilizada no processo de Simplificação de Ditongos, corroborando os achados de Santos (2001). A migração de semivogal, a silabificação e a palatalização de consoante alveolar anterior à semivogal palatal foram estratégias que também ocorreram, escassamente, ao longo da pesquisa.

A elisão parcial ocorreu durante todo o período analisado, fato que não causa surpresa pois esta é uma estratégia largamente utilizada na implementação de processos do português desde a sua evolução do latim, isto é, esta estratégia é uma herança latina.

6.4 O QUE EMERGE PRIMEIRO: A SEMIVOGAL PALATAL OU A SEMIVOGAL VELAR?

Desconsiderando os casos de palavras com contexto propício à monotongação, observa-se o surgimento da semivogal palatal com maior ênfase em relação à semivogal velar quando analisamos os ditongos decrescentes.

Em relação aos ditongos crescentes, a partir do *corpus* estudado, a semivogal velar emergiu e se estabilizou antes da semivogal palatal devido ao uso constante de palavras como, por exemplo, *ÁGUA* e *GUARDAR* no ambiente familiar das crianças. Esse resultado é corroborado pelos estudos de Teixeira (1991) e de Teixeira e Davis (2001).

6.5 ESTRUTURA SILÁBICO-LEXICAL

A maior parte da produção inicial infantil era composta de palavras monossilábicas (com uma sílaba) ou dissilábicas (com duas sílabas), sendo que as palavras com três sílabas ou mais foram surgir no segundo ano de coleta e, com maior frequência, nos últimos seis meses de coleta de dados.

Palavras oxítonas com ditongo decrescente, mesmo aquelas em situação de monotongação, apareciam freqüentemente como, por exemplo, em TOMOU, LEVOU, MINGAU, MAMÃE, NÃO, PAPAI, COMEU e CAIU. Também eram freqüentes as paroxítonas como CHEIRO e SOLTA.

O ditongo crescente geralmente aparecia na sílaba átona final da palavra como, por exemplo, em NEGÓCIO, SANDÁLIA e ÁGUA.

Este resultado não pode ser considerado universal, i.e., não pode ser generalizado para a língua portuguesa, pois a seleção das palavras aconteceu a partir do ambiente lingüístico no qual cada criança estava inserida.

6.6 OS DITONGOS DECRESCENTES APENAS FONÉTICOS

Quando a consoante lateral alveolar é uma consoante que está na margem final de uma sílaba (absoluta ou interna), no dialeto baiano e na maior parte do Brasil, ela é realizada como uma semivogal velar. As crianças seguiram o modelo-alvo adulto e semivocalizaram este segmento, criando, dessa maneira, um ditongo decrescente. Esse achado é corroborado pelos trabalhos de Lamprecht (1990) e de Santos (2001).

Seguindo o padrão de fala do adulto, em alguns casos, a criança monotongou esse ditongo fonético como, por exemplo, na palavra SOL [$\text{ʃ} < \text{ɔ} \text{ɫ}$] e na palavra CAROL [$\text{ʃ} < \text{ɔ} \text{ɫ} \text{ɔ} \text{ɫ}$].

6.7 DITONGOS AMBISSILÁBICOS

Em palavras como AREIA, GELEIA e PAPAGAIO, temos uma seqüência de ditongo decrescente seguido de hiato. Os ditongos ambissilábicos, que são discutidos em Santos (2001), surgidos durante a pesquisa ou eram monotongados, como em SEREIA [◊ ʌ ɣ ◊ ʌ ◊] que tem um ditongo em situação de monotongação, ou eram plenamente produzidos.

6.8 DITONGOS EM CONTEXTO DE MONOTONGAÇÃO

Palavras como CHEIRO, VOU, DEIXE e CAIXA que têm, em sua estrutura, ditongos decrescentes que são monotongados na língua ambiente (o modelo-alvo que é a fala do adulto), foram, também, monotongados pelas crianças. Esses dados são corroborados por Santos (2001) e Câmara (1976).

6.9 O EXAME FONÉTICO-FONOLÓGICO: DITONGOS

Os dois sujeitos desta pesquisa não alcançaram o percentual mínimo de 75% de produção dos itens lexicais analisados no Exame Fonético-fonológico: DITONGOS quando completaram dois anos de idade, mesmo em relação aos ditongos decrescentes.

No terceiro aniversário (ao final da pesquisa) ambos alcançaram o percentual esperado (segundo SANTOS, 2001).

7 – CONCLUSÃO

Levando-se em consideração as hipóteses levantadas na Introdução deste trabalho, os objetivos a serem atingidos e o que foi discutido ao longo do texto, constatou-se que as hipóteses lançadas no capítulo 1 desta pesquisa foram totalmente ou, então, parcialmente confirmadas, pois:

- Os ditongos decrescentes emergem mais cedo que os ditongos crescentes;
- Os ditongos decrescentes orais e nasais são adquiridos de maneira simultânea. Por falta de dados não se pôde concluir nada sobre os ditongos crescentes nasais;
- A elisão das semivogais foi, realmente, a estratégia implementacional mais recorrente no processo de simplificação de ditongos;
- A semivogal palatal emerge antes da velar nos ditongos decrescentes e a semivogal velar emerge antes da palatal nos ditongos crescentes.

Dos cinco objetivos deste trabalho, quatro foram atingidos:

- Verificou-se que os ditongos decrescentes emergem primeiro, sendo que, a partir do *corpus* estudado, os ditongos orais abertos [aj] e [$\text{ɨ}eɾ$] e os ditongos nasais [$\text{ɨ} \rightarrow eɾ \rightarrow$] e [$\text{ɨ} \rightarrow \text{ɨ} \rightarrow$] foram os mais produzidos no período inicial da coleta de dados;

- Ocorreram a Migração, a Silabificação, a Elisão Parcial e a palatalização da consoante alveolar anterior à semivogal palatal. A Elisão Parcial foi a mais recorrente e não se verificou a presença de uma seqüência no uso de estratégias implementacionais;
- Verificou-se que os ditongos crescentes eram, preferencialmente, produzidos na Sílabas Átona Final da palavra, enquanto que os ditongos decrescentes apareciam, freqüentemente, em palavras oxítonas;
- Verificou-se que os achados deste trabalho contribuirão para o estabelecimento de padrões maturacionais em relação à aquisição fonológica do português;
- Não foi possível verificar, através desta pesquisa, a exata idade de estabilização dos primeiros ditongos.

Desta maneira, este estudo cumpriu sua finalidade, pois atingiu seus objetivos, através de discussão de suas hipóteses, além de ter trazido relevantes contribuições para os estudos que procuram traçar o Perfil do Desenvolvimento Fonológico em Português (PDFP).

Deve-se salientar, porém, que o estudo não deve ser considerado definitivo, pois devido a limitações metodológicas relatadas na metodologia deste trabalho, como por exemplo, o número reduzido de sujeitos que compõe a amostra efetivamente analisada, alguns aspectos não puderam ser investigados e os resultados apresentados não puderam alcançar o nível de generalidade almejado.

Não obstante, espera-se que este trabalho sirva de incentivo para futuras pesquisas sobre a aquisição da fonologia no Português Brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 5, n. 2, p.185-224, ago. 1989.

CABRAL, Leonor Scliar. *Introdução à Lingüística*. 6ª ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

CÂMARA, Joaquim Mattoso. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CÂMARA, Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CÂMARA, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CÂMARA, Joaquim Mattoso. *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.

CARVALHO, Renata Lemos de. *As Consoantes Líquidas na Aquisição do Português*. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística) Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2000.

CERQUEIRA, Ivanete Freitas de. *A Aquisição das Fricativas Iniciais em Crianças de 1;04 a 4;04*. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística) Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 1999.

CINTRA, Geraldo *As Semivogais em Português*. Comunicação apresentada no VI Congresso Nacional de Fonética e Fonologia. Niterói, 2000.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In Leda BISOL (org) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3ª ed. rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.91-119, 2001.

CORRÊA, Leticia M. S. Aquisição da Linguagem: uma retrospectiva dos últimos trinta anos. *D.E.L.T.A.*, vol. 15, n. Especial, p. 339-383, 1999.

CRYSTAL, David. *Dicionário de lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DÓREA, Rosana Santos. *O Processo de Simplificação do Encontro Consonantal na Aquisição Fonológica do Português*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 1998.

DOURADO, L. B. S. et al. *A Aquisição da Fonologia por Falantes do Português: A eliciação de amostras fonológicas*. Salvador: UFBA, 1991.

DUBOIS, Jean. et al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

GRUNWELL, Pamela. *Clinical Phonology*. 2ª ed. London: Chapman & Hall, 1987.

GRUNWELL, Pamela. *Clinical Phonology*. London: Croom Helm, 1982.

HALL, Robert. A. The Units Phonemes of Brazilian Portuguese. In *Studies in Linguistics I*. New Heaven, Connecticut (April) vol. 1, n. 15, 1943.

HEAD, Brian F. *A Comparison of the Segmental Phonology of Lisbon and Rio de Janeiro*. Dissertação Inédita de Doutorado. Universidade do Texas, Austin, 1964.

INGRAM, David. *First Language Acquisition*. Cambridge, Mass.: Cambridge Univ. Press, 1989.

INGRAM, David. *Phonological Disability in Children*. London: Edward Arnold, 1976.

ISTRE, Giles Lothar. *Fonologia Transformacional e Natural*. Florianópolis: NELUFSC, 1980.

JAKOBSON, Roman. *Child Language Aphasia and Phonological Universals*. 2ª ed. Paris: Mouton, The Hague, 1972.

JAKOBSON, Roman.; HALLE, Morris. *Fundamentos del Lenguaje*. Madrid: Ciencia Nueva, 1956.

LAMPRECHT, Regina Ritter. (1990). *Perfil da Aquisição Normal da Fonologia do Português Descrição Longitudinal de 12 crianças: 2:9 a 5:5*. Tese (Doutorado em Letras) Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1990.

LOCKE, John. L. *Phonological acquisition and change*. New York: Academic Press, 1983.

LOWE, R. J. *Phonology: assessment and intervention applications in speech pathology*. Baltimore: Williams & Wilkins, 1994.

MACKEN, Marlys A. Phonological development: a crosslinguistic perspective. In P. FLETCHER e M. GARMAN (orgs). *Language acquisition*, 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, p. 251-268, 1986.

MACKEN, Marlys A.; FERGUSON, C. A. Cognitive aspects of phonological development: model, evidence and issues. In K. E. NELSON (ed.), *Children's language*. Vol. 4, Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1983.

MACNEILAGE, Peter; DAVIS, Barbara L. On the Origin of Internal Structure of Word Forms. *Science*, n. 288, p. 527-531, 2000.

MACNEILAGE, Peter; DAVIS, Barbara L. The Articulatory Basis of Babbling. *Journal of Speech and Hearing Research* n. 38, p. 1199-1211, 1995.

MAIA, Eleonora Albano Motta. *No reino da fala: a linguagem e seus sons*. São Paulo: Ática, 1985.

MATEUS, Maria Helena Mira. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

MATEUS, Maria Helena Mira. *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1975.

MENN, Lise. Phonological Theory and Child Phonology. In G. H. YENI-KOMSHIAN, F. F. KAVANAGH and C. A. FERGUSON (eds) *Child Phonology* – vol. I, 23-42. New York: Academic Press, 1980.

NASCENTES, Antenor. *Estudos Filológicos*. Rio de Janeiro, 1939.

PEPE, Vera Pepe S. *Oclusivização, Anteriorização, e Ensurdimento na Aquisição Fonológica do Português: Processos Sistêmicos ou Assimilatórios?* Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 1993.

PONTES, Eunice. *Estrutura do Verbo no Português Coloquial*. Petrópolis: Vozes, 1972.

RAMANZINI, Haroldo. *Introdução à Linguística Moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.

RAPP, Carola. *A Elisão das Silabas Fracas nos Estágios Iniciais da Aquisição da Fonologia do Português*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 1994.

REED, D.; LEITE, Y. The Segmental Phonemes of Brazilian Portuguese. Standart Paulista Dialect. In Keneth. PIKE (1971) *Phonemics*. Ann Arbor: Michigan University Press, p. 194-202, 1943.

ROBINS, R. H. *Pequena História da Linguística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

SANTOS, Andréa Sena dos *O Processo de Simplificação de Ditongos durante a Aquisição do Português*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2001.

SANTOS, Andréa Sena dos et al. *A Elisão das Sílabas Fracas na Classe B*. Comunicação apresentada durante a XVIII Jornada de Estudos Lingüísticos. Salvador, p. 209, 2000a.

SANTOS, Andréa Sena dos et al. *A Elisão das Sílabas Fracas*. Comunicação apresentada durante a XVIII Jornada de Estudos Lingüísticos. Salvador, p. 209-210, 2000b.

SANTOS, Andréa Sena dos et al. *A Elisão das Sílabas Fracas na Classe A*. Comunicação apresentada durante o XVIII Seminário Estudantil de Pesquisa. Salvador, p. 677-678, 1999a.

SANTOS, Andréa Sena dos et al. *A Elisão das Sílabas Fracas na Classe C*. Comunicação apresentada durante o XVIII Seminário Estudantil de Pesquisa. Salvador, p. 676-677, 1999b.

SCLIAR-CABRAL, Leonor, *A explicação lingüística em gramáticas emergentes*. Tese de Doutorado Inédita. São Paulo: USP, 1977.

SILVA, Claudia Tereza Sobrinho da. *O desenvolvimento lexical inicial dos 8 aos 16 meses de idade a partir do Inventário MacArthur de Desenvolvimento Comunicativo – protocolo Palavras e Gestos*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2003.

SILVEIRA, Karine Araújo. *Padrões Segmentais, Lexicais, Silábicos, Intra-Silábicos e Inter-Silábicos em crianças falantes de PB*. Tese de Doutorado Inédita. Salvador: ILUFBA, 2006.

SILVEIRA, Karine Araújo. *Padrões Intra-Silábicos e Inter-Silábicos no Português Brasileiro: um Estudo de Frequência*. Dissertação de Mestrado Inédita. Salvador: ILUFBA, 2003.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliucca. *Estudos de Fonologia Portuguesa*. São Paulo: Cortez, 1986.

STAMPE, D. *A dissertation on Natural Phonology*. Chicago: Universidade de Chicago, 1973.

STÖEL-GAMMON, Carol. Teorias sobre o Desenvolvimento Fonológico e suas Implicações para os Desvios Fonológicos. In M. S. YAVAS (Org.) *Desvios Fonológicos em Crianças: Teoria, Pesquisa e Tratamento*. Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 11-34, 1990.

TEIXEIRA, Elizabeth Reis. Exame Fonético-Fonológico – ERT. Salvador: (no prelo), 2005.

TEIXEIRA, Elizabeth Reis. Os Processos de Reduplicação e Assimilação na Aquisição do Português. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. Lisboa, n. 10, p. 80-96, 1994.

TEIXEIRA, Elizabeth Reis. *Processos de Simplificação Fonológica*. (Mimeo), 1993.

TEIXEIRA, Elizabeth Reis. Perfil do Desenvolvimento Fonológico em Português (PDFP). *Estudos Lingüísticos e Literários* n. 12, p. 225-238. UFBA, 1991.

TEIXEIRA, Elizabeth Reis. Os Processos de reduplicação e assimilação na fala infantil. In *Anais do I Encontro sobre Aquisição da Linguagem*. CEAAL, PUCRS. p. 92-116, 1989.

TEIXEIRA, Elizabeth Reis. Aspectos Fono-articulatórios e Fonológicos do Português. Salvador, (Mimeo), 1988a.

TEIXEIRA, Elizabeth Reis. Processos de Simplificação Fonológica como Parâmetros Maturacionais em Português. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 14, p. 53-63. Campinas: UNICAMP, 1988b.

TEIXEIRA, Elizabeth Reis. *The Acquisition of Phonology in Cases of Phonological Disability in Portuguese Speaking Subjects*. London: University of London. Tese de Doutorado, 1985.

TEIXEIRA, Elizabeth Reis. *Os níveis Fonético e Fonológico de Descrição*. (Mimeo), 1983.

TEIXEIRA, Elizabeth Reis; DAVIS, Barbara L. Early Sounds Patterns in the Speech of Two Brazilian Portuguese Speakers. *Speech and Language*, 2001.

VIHMAN, M. M. *Phonological Development: The Origins of Language in the Child*. Cambridge, Mass.: Blackwell, 1996.

WATERSON, Natalie. Child phonology: a prosodic view. *Journal of Linguistics*, n. 7, p. 179-211, 1971.

YAVAS, M. S. O Desenvolvimento Fonológico e as Teorias Fonológicas. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, n. 12, p. 111-115, 1991a.

YAVAS, M. S. et al. *Avaliação Fonológica da Criança: reeducação e terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991b.

APÊNDICES

APÊNDICE 01



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística
 Rua Barão de Geremoabo, nº147; CEP: 40170-290 Campus Universitário - Ondina, Salvador - BA.
 Tel.: (71) 263-6256 E-mail: ppletba@ufba.br



Caros Pais:

O **PROAEP** (Programa de Estudos sobre Aquisição e Ensino do Português como Língua Materna), que faz parte dos inúmeros projetos de pesquisa da Universidade Federal da Bahia, é um programa que, há mais de 10 (dez) anos, vem se dedicando à pesquisa sobre a aquisição da linguagem, isto é, vem tentando descobrir como a criança “aprende” a falar, no intuito de finalizar a construção do perfil do desenvolvimento fonológico do português, servindo como material básico para que os especialistas da área possam entender, detectar e tratar dos problemas de fala.

Neste momento, específico, a doutoranda Andréa Sena dos Santos, integrante do PROAEP e aluna do **PPGLL** (Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística), está trabalhando em uma pesquisa sobre como e quando as crianças são capazes de produzir os ditongos, já que este é o tema de sua tese de Doutorado. Para isto, precisa coletar dados de crianças que estejam completando 12 meses (um ano) e de crianças que estejam completando 36 meses (três anos). Esta coleta de dados terá a duração de 24 meses (dois anos), sendo o contato entre a pesquisadora e a criança de meia hora (30 minutos) semanal.

O PROAEP, como um todo, gostaria de testar suas crianças (se estas estiverem nas idades acima mencionadas), aplicando testes e registrando os dados coletados através de gravações de áudio e da escrita. Além dos testes lingüísticos será feita uma anamnese com o intuito de obter informações sobre dados pessoais e familiares da criança, assim como dados referentes ao seu desenvolvimento lingüístico até o momento.

Eu, _____
 e eu _____,
 permitimos a realização de testes fonológicos com meu (minha) filho (a) _____,
 _____, assim como também
 permitimos que os dados lingüísticos coletados neste trabalho de pesquisa sejam utilizados
 e publicados pela doutoranda Andréa Sena dos Santos, desde que as identidades da criança
 e dos pais não sejam reveladas.

Salvador, _____ de _____ de 2003.

 Assinatura do Responsável

 Assinatura do Responsável

 ENEIDA LEAL CUNHA
 Coordenadora do PPGLL

APÊNDICE 02

ANAMNESE

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Sujeito n.º Data da Entrevista: de de 2003
 Local da Entrevista:
 Entrevistador:
 Relação do entrevistador com a criança.....

2. DADOS PESSOAIS

Nome:..... Sexo:.....
 Idade:..... Data de Nascimento: / /
 Local de Nascimento:
 Endereço:..... Telefone:.....
 Estuda? Nome da Escola:
 Série:

3. DADOS FAMILIARES

Pai:
 Escolaridade: Profissão:
 Mãe:.....
 Escolaridade: Profissão:
 Irmãos? Posição na Prole:
 Parentes com algum antecedente patológico: Qual?
 Existe algum caso de surdez na família?

4. NASCIMENTO E DESENVOLVIMENTO

1. Como foi a gravidez?.....
2. E o parto?.....
3. Quando a criança começou a andar? Engatinhou primeiro?
4. E quando começou a falar? Sempre falou claro?
5. A criança já teve alguma doença infecto-contagiosa?
6. A criança já ficou inconsciente alguma vez?
7. A criança vai ao médico regularmente?

• Observações:

APÊNDICE 03

EXAME FONÉTICO-FONOLÓGICO: DITONGOS

Nome:
 Data de Nascimento: / / Idade:
 Responsável: Telefone:
 Data da Testagem: / / 200__ Tempo da Testagem:
 Observações:

PALAVRA: PEIXE	EVOCAÇÃO: (E)
ITEM ALVO: / ʒ<pej●I /	PISTA: (P)
REALIZAÇÃO: [ʒ<pesi]	REPETIÇÃO: (R)
	NÃO HOUVE REALIZAÇÃO: (F)

01. TELEVISÃO / tEIEviʒ<#awN / [] ()	02. ÍNDIO / ʒ<iNdjU / [] ()	03. GÊNIO / ʒ<C•m■erU / [] ()
04. REI / ʒ<xej / [] ()	05. LEÃO / IEʒ<awN / [] ()	06. ANEL / aʒ<■L / [] ()
07. MIAU / miʒ<aw / [] ()	08. EMBAIXO / eNʒ<baj●U / [] ()	09. PINGÜIM / piNʒ<gwiN / [] ()
10. PAPAGAIO / papaʒ<gajU / [] ()	11. ÁGUA / ʒ<agwa / [] ()	12. PEIXE / ʒ<pej●I / [] ()
13. AQUÁRIO / aʒ<kwa●jU / [] ()	14. PRAIA / ʒ<p●aja / [] ()	15. SOL / ʒ<s#L / [] ()
16. BÓIA / ʒ<b#j# / [] ()	17. AREIA / aʒ<●aja / [] ()	18. BANHEIRO / baʒ<●ej●U / [] ()
19. CHUVEIRO / ●uʒ<vej●U / [] ()	20. SANDÁLIA / saNʒ<dalja / [] ()	21. CAIXA / ʒ<kaj●a / [] ()
22. NUVEM / ʒ<nuvejN / [] ()	23. RAIO / ʒ<xajU / [] ()	24. GUARDA-CHUVA / ʒ<gwaRdaʒ<●uva / [] ()
25. LÍNGUA / ʒ<liNgwa / [] ()	26. MINGAU / miNʒ<gaw / [] ()	27. PEITO / ʒ<pejtU / [] ()
28. MAMÃE / maʒ<majN / [] ()	29. PAPAI / paʒ<paj / [] ()	30. JORNAL / C•ORʒ<■L / [] ()

[]	()	[]	()	[]	()
31. CHAPEU / ʃaʃpɐw /		32. CALÇA / ʃkaLɔ /		33. DORMIU / dORʃmiw /	
[]	()	[]	()	[]	()
34. NOITE / ʃnojtI /		35. COMEU / kOʃmew /		36. BEBEU / bEʃbew /	
[]	()	[]	()	[]	()
37. BISCOITO / biʃʃkojtU /		38. CENOURA / sEʃnowɔ /		39. GELÉIA / ʒEʃlɛjɔ /	
[]	()	[]	()	[]	()
40. SAIA / ʃsaja /		41. MEIA / ʃmeja /		42. TESOURA / tEʃzowɔ /	
[]	()	[]	()	[]	()
43. DODÓI / doʃdɔj /		44. CAIU / kaʃiw /		45. TREM / ʃtɛjN /	
[]	()	[]	()	[]	()
46. POLÍCIA / pO ʃlisja /		47. AVIÃO / aviʃawN /		48. CAMINHÃO / kamiʃawN /	
[]	()	[]	()	[]	()
49. GAIOLA / gajʃɔla /		50. PAPEL / paʃpɐL /		51. SALGADINHO / saLgaʃdiʃU /	
[]	()	[]	()	[]	()
52. FAROL / faʃɔL /		53. CARACOL / kaʃaʃkɔL /			
[]	()	[]	()		

CÔMPUTO

	Total	%
Evocação (E)		
Pista (P)		
Repetição (R)		
Não houve realização (ʃ)		

ANEXOS

ANEXO 01 - CDI

ANEXO 02 - Estímulo Visual